



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

IVONE MONTEIRO DOS REIS PULQUERIO

**PROJETOS CULTURAIS: ELEMENTOS MOBILIZADORES PARA A
VITALIZAÇÃO DA CULTURA E DA DEMOCRATIZAÇÃO DO
ESPAÇO ESCOLAR DA EMEB “DOUTOR FÁBIO FIRMINO LEITE”**

**CUIABÁ-MT
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

IVONE MONTEIRO DOS REIS PULQUERIO

**PROJETOS CULTURAIS: ELEMENTOS MOBILIZADORES PARA A
VITALIZAÇÃO DA CULTURA E DA DEMOCRATIZAÇÃO DO
ESPAÇO ESCOLAR DA EMEB “DOUTOR FÁBIO FIRMINO LEITE”**

**CUIABÁ – MT
2006**

IVONE MONTEIRO DOS REIS PULQUERIO

**PROJETOS CULTURAIS: ELEMENTOS MOBILIZADOS PARA A
VITALIZAÇÃO DA CULTURA E DA DEMOCRATIZAÇÃO DO
ESPAÇO ESCOLAR DA ESCOLA “DOUTOR FÁBIO FIRMINO LEITE”**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na Área de Concentração: Educação, Cultura e Sociedade e Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Política e Educação Popular.

Orientador: Professor Doutor Luiz Augusto Passos

**CUIABÁ – MT
Fevereiro de 2006**

FICHA CATALOGRÁFICA

P982p Pulquerio, Ivone Monteiro dos Reis
Projetos culturais: elementos mobilizadores para a vitalização da cultura e da democratização do espaço escolar da EMEB “Doutor Fábio Firmino Leite” / Ivone Monteiro dos Reis Pulquerio. – 2006.
153p. : il. ; color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Pós-Graduação em Educação, Área de concentração: Educação, Cultura e Sociedade, 2006.

“Orientação: Profº Drº Luiz Augusto Passos”.

CDU – 37.015.4(817.2)

Índice para Catálogo Sistemático

1. Educação – Projetos culturais
2. Educação e cultura
3. Sociologia educacional
4. Democratização da educação
5. Escola Municipal “Doutor Fábio Firmino Leite”



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Programa de
Pós-Graduação em
Educação

Instituto de Educação
Av. Fernando Cordeiro da Costa, s/n
78060-900 Cuiabá, Cuiabá, MT, BRASIL

☎ 55 65 815 8451 ☎ 615 8440
www.ufmt.br (edu.ufmt@cpd.ufmt.br)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFMT

Prof. Dr. Alipio Marcio Dias Casali

Examinador Externo (PUC/SP)

Profa. Dra. Michèle Tomoko Sato

Examinadora Interna (UFMT)

Prof. Dr. Luiz Augusto Passos

Orientador (UFMT)

Cuiabá, 17 de fevereiro de 2006.

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa especialmente:

Aos meus pais, Teodoro dos Reis e Nadir Monteiro dos Reis pelo entusiasmo com que acompanharam todo o percurso na produção deste trabalho;

Ao meu esposo Aroldo Jovino Pulquerio e filhos, Denys Aurélio e Denner Augusto por representarem a força necessária para que eu pudesse trilhar com êxito na minha longa, solitária e árdua caminhada;

Ao Grupo de Teatro FUZUÊ que através da força de vontade de alguns jovens, souberam demonstrar que a Educação está diretamente ligada com a cultura;

E a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado, com a perspectiva de ser uma preciosa contribuição para aqueles que acreditam na possibilidade do fortalecimento da gestão democrática.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Augusto Passos que com sua solidária e competente orientação, possibilitou que o meu percurso fosse um pouco mais tranqüilo e que o sonho em contribuir com o fortalecimento da gestão democrática concretizasse;

Ao meu pai Teodoro dos Reis que foi um colaborador muito importante na realização deste trabalho, principalmente no que se refere à construção histórica da localidade, na qual está inserida a escola, objeto da minha investigação;

Aos meus colegas da Secretaria Municipal de Educação, pela compreensão, em especial por minhas ausências, em razão do propósito de realizar o mestrado;

Aos meus colegas do Grupo de Pesquisa da Educação em Movimentos Sociais, pelas valiosas contribuições na realização desta dissertação;

Aos meus amigos Paulo Eduardo, Ramos Deoglaris, companheiros que sempre tiveram uma palavra amiga nos meus momentos mais difíceis;

À professora Artemis Torres que fez despertar em mim o interesse pela pesquisa ligada aos Movimentos Sociais, cujo foco está voltado para as investigações que abordam as temáticas sobre a participação, democratização, comunidade, cultura, entre outras;

À Rosangela Góes, amiga muito presente que contribuiu de forma decisiva, com suas idéias enriquecedoras, e também com a indicação das bibliografias;

Aos técnicos do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano (IPDU), da Prefeitura Municipal de Cuiabá pelas valiosas contribuições e disponibilidade do acervo para consulta e maior aprofundamento da pesquisa.

Aos sujeitos da pesquisa, colaboradores importantíssimos, sem os quais não seria possível a realização da investigação de um trabalho de fortalecimento da democratização do espaço escolar.

RESUMO

Esta pesquisa investigou os Projetos Culturais implantados pela Escola Municipal de Educação Básica "Doutor Fábio Firmino Leite" e que foram desenvolvidos no período de 2000 a 2004. Esses projetos estavam centrados na contribuição cultural e tinham como forte elemento mobilizador para o fortalecimento da participação e a democratização do espaço escolar. A opção pelo já citado objeto de pesquisa ocorreu por constatarmos, ao longo de vários anos, que o processo democrático nas unidades escolares da rede municipal de Cuiabá – MT ainda estava vinculado, quase que exclusivamente, na eleição para a escolha do gestor escolar, deixando de considerá-lo, também, como um fator que facilita o acesso aos bens culturais, tão essenciais no processo educativo e à formação do cidadão. Na realização desse trabalho, optamos por utilizar a pesquisa qualitativa, uma vez que esta tem possibilitado aos diversos pesquisadores uma maior interação entre aqueles que investigam e os sujeitos que estão envolvidos no processo investigatório. Utilizamos, ainda, os seguintes aportes metodológicos: revisão bibliográfica que subsidiou o aprofundamento teórico sobre algumas temáticas essenciais, tais como: a cultura e sua relação com a educação e a participação; as entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os sujeitos da investigação, possibilitando que os mesmos discorressem livremente, de modo a contribuir para o enriquecimento deste trabalho. É necessário ressaltar que esta pesquisa demonstrou como os projetos culturais foram elementos chaves, colaborando de forma significativa para a ampliação da participação e, ao mesmo tempo, possibilitando aos participantes a vivência de outras formas de manifestações culturais. Assim, podemos afirmar que essas vivências contribuíram para que a escola se tornasse um espaço pedagógico mais prazeroso, onde o desenvolvimento da criatividade, o desenvolvimento da expressão corporal, a solidariedade e a cooperação foram alguns dos principais ingredientes no processo de crescimento da comunidade escolar.

Palavras-chaves: Cultura. Democratização. Participação.

ABSTRACT

This research investigated the Cultural Projects implanted by the Municipal School of Education Basic "Doctor Fabio Firmino Leite", which were developed in the period from 2000 to 2004. These projects were centered in the cultural contribution and they had as a fort union element the strengthening of the participation and the democratization of the school space. The option for the already mentioned research object happened for we verify, along several years, that the democratic process in the school units of the municipal net of Cuiabá - MT was still linked, almost that exclusively, in the election for the school manager's choice, leaving of you consider it, also, as a factor that facilitates the access to the cultural goods, so essential in the educational process and to the citizen's formation. In the accomplishment of this work, we opted to use the qualitative research, once this has been making possible the several researchers a larger interaction among those than they investigate and the subjects that are involved in this process. We still used the following methodological contributions: bibliographical revision that subsidized the theoretical reflection on some essential themes, such as: the culture and your relationship with the education and the participation; the semi-structured interviews, accomplished with the subject of the investigation, making possible that the same ones discoursed freely, in way to contribute for the enrichment of this work. It is necessary to emphasize so as to this research demonstrated as the cultural projects were key elements, collaborating in a significant way for the enlargement of the participation and, at the same time, making possible the participants that lived other forms of cultural manifestations. Like this, we can affirm that those existences contributed so that the school became a more pleased pedagogic space, where the development of the creativity, the development of the corporal expression, the solidarity and the cooperation were some of the main ingredients in the process of the school community's growth.

Key-words: Culture. Democratization. Participation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
A Construção Histórica da Trajetória Profissional na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá e a Contextualização da Pesquisa	12
1 O lugar de onde falo e que orienta o meu olhar.....	12
1.1 Episódios que contribuíram para a formação profissional	15
2 A escolha do objeto de investigação.....	24
3 Os Procedimentos e métodos utilizados	27
4 Caminhos percorridos e técnicas utilizadas.....	29
5 Considerações Teóricas Metodológicas	31
CAPÍTULO I	34
A ÁREA DE EXPANSÃO URBANA, DR. FÁBIO FIRMINO LEITE E A ESCOLA HOMÔNIMA	34
1.1 Origem do bairro	34
1.2 Descrevendo o local de investigação.....	41
1.3 Os Sujeitos de investigação	50
CAPÍTULO II.....	66
A CULTURA COMO ELEMENTO VITALIZADOR DOS PROJETOS IMPLANTADOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CUIABÁ	66
2.1 Cultura	66
2.1.1 Educação e cultura.....	68
2.2 Implantação e implementação dos Projetos Culturais na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá.....	70
2.2.2 Projetos Culturais realizados no período de 2001 a 2004, pelas unidades de ensino da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá	72
2.3 Grupo de Teatro Cena Onze, uma parceria que deu certo.....	75
2.4 Primeira experiência vivenciada pela Escola Doutor Fábio com os Projetos Culturais....	77

CAPÍTULO III	82
A FANFARRA E A ARTE DE ENCENAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O FORTALECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO	82
3.1 A fanfarra a serviço da democratização do espaço escolar	82
3.2 O jovem Vitor Hugo e a formação do ator social.....	93
3.3 A interrupção do sonho dos participantes do projeto	97
3.4 A expressividade da cultura através da arte de encenar	98
3.4.1 Alteração do espaço escolar	102
3.5 Percurso para a construção de um ator na arte de encenar	105
3.5.1 A magia de FLICTZ e o encontro com o gênio do Teatro Oficina	110
3.6 O despertar de um talento no palco da Escola Doutor Fabio Firmino Leite	113
CAPÍTULO IV.....	116
DANDO ASAS A IMAGINAÇÃO E O GINGADO DA CAPOEIRA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A VITALIZAÇÃO DA CULTURA E DA PARTICIPAÇÃO	116
4.1 A origem da capoeira: uma das expressões culturais que se identificam com o povo excluído	116
4.2 Francisjony: Um jovem capoeirista a serviço do fortalecimento da participação.....	117
4.3 Projeto aprendendo através da arte e o trabalho dos voluntários	118
4.4 A musicalidade e o movimento do corpo, ingredientes necessários à prática da capoeira.....	121
4.5 A solidariedade e a participação como elementos fundamentais para vencer os obstáculos	124
4.6 A questão de gênero: um aspecto desafiador para o processo educativo	125
4.7 A pintura como uma das primeiras formas de expressão do ser humano.....	132
4.7.1 Zeilton Matos e Aroldo Pulquerio: a importância do trabalho com a pintura no processo de democratização do espaço escolar	133
4.8 A oficina de pintura e a participação da comunidade.....	142
4.9 Contribuições dos Projetos Culturais para o processo educativo dos participantes	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149

INTRODUÇÃO

A Construção Histórica da Trajetória Profissional na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá¹ e a Contextualização da Pesquisa

1 O lugar de onde falo e que orienta o meu olhar

Relembrar a nossa trajetória profissional implica em fazer retornar à memória um passado não muito distante, aonde vamos revivendo a luta pela inserção no mercado de trabalho, em um país, onde a competição e a exploração fazem parte de forma muito concreta da vida do jovem trabalhador. É fazer retornar, de forma bastante viva, ao ano de 1984, quando surgiu a primeira oportunidade de iniciarmos a atuação como docente, apesar da nossa pouca experiência, ministrando aulas para crianças da Educação Infantil e para os jovens do Ensino Fundamental, com estes últimos o grande desafio foi trabalhar com indivíduos que enfrentavam uma jornada de oito horas de trabalho antes das aulas.

Com os alunos adultos houve o enfrentamento do primeiro desafio, que foi ministrar as disciplinas de Ciências Físicas e Biológicas e Educação Física, mesmo em processo ainda de graduação na licenciatura de História, na Universidade Federal de Mato Grosso. Somente no ano seguinte, surgiu a oportunidade de trabalharmos com a disciplina, na qual estávamos nos habilitando, e a possibilidade de contribuirmos, de forma mais significativa, com a aprendizagem dos alunos, uma vez que acreditava ter melhor conhecimento e domínio dos conteúdos a serem trabalhados.

Na docência com o aluno-trabalhador, pudemos perceber as inúmeras dificuldades enfrentadas por eles, pois a escola estava organizada de tal forma que acabava contribuindo

¹ O ingresso como professora ocorreu na Rede Estadual de Mato Grosso em 1984, quando fomos convidada para trabalhar, como contratada, na Escola Municipal de 1º grau Profª “Guilhermina de Figueiredo” que mantinha convênio com o Estado. Em agosto de 1984, consegui me efetivar, através de concurso público, e, em 1985, ingressei na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá trabalhando na escola municipal “Madre Marta” através de teste seletivo. Em 1987, prestei concurso na rede municipal, e passei a ser efetiva nas duas redes de ensino.

para que muitos se evadissem, visto que o currículo, na maioria das vezes, estava estruturado de forma desvinculada da realidade dos educandos, e a rigidez das normas escolares acabava conspirando contra os estudantes.

Com o transcorrer dos anos, subsidiados pelos estudos sistemáticos das teorias dos grandes pensadores da educação e da experiência proporcionada pelo exercício da docência, começamos a compreender o tipo de educação tão combatida por Freire (1987, p. 62) ao longo de toda a sua trajetória como educador, que é a educação bancária:

Que sugere uma dicotomia inexistente entre homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não nos homens como “corpos conscientes”. A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartilhada, passivamente aberta ao mundo que irá “enchendo” de realidade.

Também não podemos deixar de mencionar algumas importantes questões, que também não faziam parte das preocupações e discussões no espaço escolar, como a reprovação e a desistência dos alunos, especialmente, no período noturno. Inexistiam na escola discussões políticas, situação essa que demonstrava um distanciamento entre a educação e a política.

Quanto à primeira preocupação, ficava evidente que a unidade escolar reproduzia a prática da exclusão, tão comum no sistema capitalista, por meio do seu sistema de avaliação que estava centrado, quase exclusivamente, nas notas obtidas por intermédio das provas. Assim, a avaliação adotada na e pela escola era responsável pela exclusão do aluno, pois era reprodutora do capitalismo.

As discussões políticas, praticamente não faziam parte do cotidiano escolar, ficando sob a responsabilidade de alguns poucos professores, que acreditavam que a educação poderia contribuir consideravelmente para a formação de homens e mulheres, mais críticos, participativos e democráticos. A escola, porém, como um todo não se envolvia nessas discussões, deixava a cargo daqueles educadores e professores mais afeitos a elas.

Esses educadores procuravam, na medida do possível, discutir e refletir sobre os importantes acontecimentos que estavam ocorrendo, no período de 1984 a 1998, tais como: a luta pela consolidação da redemocratização do país, os movimentos pelas “Diretas Já”, quando o povo saiu às ruas exigindo eleger seus representantes, e também quando da Promulgação da nova Constituição de 1988. Os acontecimentos nacionais acabavam

influenciando diretamente as pessoas das mais diversas localidades do país e em diversos setores da comunidade, nas escolas, nas famílias etc. Desta forma, o trabalho educativo deveria estar permeado pelas reflexões políticas, uma vez que a educação deve ter como finalidade principal contribuir para que o homem avance da consciência ingênua para crítica, que lhe possibilitará o desvelamento da realidade na qual está inserido. Na escola, porém, essas reflexões não se constituíam objeto de estudo, de debate, enfim, não faziam parte do currículo.

Para o educador Freire (1997, p.38), a educação deve sempre ter como um dos princípios fundamentais, possibilitar que:

o respeito aos educandos não pode fundar-se no escamoteamento da verdade, da politicidade da educação, e a afirmação de uma mentira: a sua neutralidade. Uma das bonitezas da prática está exatamente no reconhecimento e na assunção de uma poeticidade de que nos leva a viver o respeito real dos educandos.

Acreditamos como Freire que não se pode escamotear a verdade, por isso, durante o período em que trabalhamos nas unidades de ensino como docentes, tivemos como meta contribuir na formação de crianças, jovens, homens e mulheres críticos, participativos e democráticos. O processo educativo deve possibilitar que ocorra uma transformação no ser humano, onde haja um processo de transformação:

da curiosidade ingênua que caracteriza a leitura pouco rigorosa do mundo á curiosidade exigente, metodizada com rigor, que procura achados com maior exatidão. O que significou mudar também a possibilidade de conhecer, de ir mais além de um conhecimento opinativo, pela capacidade de aprender com rigor crescente a razão de ser do objeto da curiosidade.

A nossa atuação nas unidades de ensino como docente foi interrompida em março de 1989, quando recebemos o convite para integrar como técnica², a equipe da Divisão da Orientação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, atualmente denominada de Diretoria de Políticas Educacionais. A referida equipe, ao longo de sua história foi se consolidando, enquanto setor responsável pelas Políticas Educacionais a serem implantadas e implementadas na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, com a finalidade de criar condições

² Em 1989, quando integramos ao grupo pedagógico da Secretaria Municipal de Educação começamos atuando na Equipe de Estudos Sociais, que era composta pelos seguintes profissionais: um pedagogo, uma licenciada em história e outra em geografia. Com esse grupo tivemos a oportunidade de estar ministrando vários cursos de capacitação, onde o grande desafio era refletir com os educadores as varias metodologias de ensino, onde era fundamental demonstrar a importância de se trabalhar com conteúdos significativos.

pedagógicas que contribuíssem para um ensino de qualidade e atendessem as reais necessidades dos nossos educandos.

1.1 Episódios que contribuíram para a formação profissional

Selecionamos alguns episódios para citarmos aqui, pois os consideramos relevantes na construção da trajetória profissional, que, ao longo de mais ou menos 16 anos, tivemos a oportunidade de compartilharmos com inúmeras pessoas os mais diversos aprendizados, onde o objetivo comum foi a luta pela conquista de uma educação de qualidade nas escolas públicas municipais. Dentre essas pessoas, mencionamos os relevantes serviços realizados pelos técnicos, funcionários, professores da Educação Básica, que pertencem ao quadro da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá e também aos profissionais que atuam nas diversas instituições públicas e privadas de nível superior, alunos e a comunidade em geral.

Partilhamos dos estudos e discussões para a implantação da Lei de Gestão Democrática (3201/93), lei que conseguiu provocar a mobilização e, conseqüentemente, a intensa participação dos profissionais da educação, alunos, pais, lideranças de bairro, entre outros. Constatávamos com grande expectativa que a temática da democracia voltava a fazer parte da pauta dos indivíduos que lidavam com o processo educativo, no município de Cuiabá, possibilitando assim que todos tivessem condições de contribuir com a construção de uma nova história, especificamente no que se refere à retomada do processo da gestão democrática.

Estávamos vivenciando a retomada do processo democrático, experimentado na gestão do então prefeito municipal Dante Martins de Oliveira, no período de 1986 a 1998, quando ele apresentou em seu plano de governo medidas que contribuiriam para a democratização das relações, não só nas escolas municipais, mas também em todo o sistema municipal de Ensino de Cuiabá.

Na pesquisa de mestrado realizado por Araújo (2001) cuja abordagem se voltou para a temática “Gestão Democrática nas Escolas Municipais de Cuiabá-MT: as perspectivas das lideranças governamentais e sindicais (1986 – 1988)” e cujo campo de investigação do referido pesquisador foi uma contribuição para a reflexão da primeira experiência de gestão democrática vivenciada pelas escolas municipais de Cuiabá. O mesmo autor (2000, p. 2), destaca que:

estudar a implantação da gestão democrática de ensino em Cuiabá se tornou um estudo fascinante porque era uma proposta que vinha ao encontro aos anseios da comunidade que queria participar efetivamente da construção de novas relações em prol de uma educação comprometida com a formação de seres plenos, construtores de seu próprio destino, numa sociedade não excludente.

A pesquisa indicou que a concretização da meta estabelecida implicou em algumas divergências dentro da própria coligação partidária, pois ficava evidenciado:

que não foi fácil garantir mudanças, visto que havia muita pressão, principalmente dos partidos que compuseram a base de sustentação de eleição do prefeito, que insistiam em seguir a velha tradição do apadrinhamento político, ou seja, seguir a tradição autoritária, em que a prática era de exonerar todos os diretores que participavam do governo anterior e nomear professores que haviam feito campanha para o prefeito eleito.

Mesmo enfrentando certa resistência política quanto à implantação da gestão democrática, um dos primeiros atos do prefeito nessa direção foi nomear a professora Serys Marli Silhessarenko, professora da Universidade Federal de Mato Grosso, indicada de acordo com as discussões com os segmentos da sociedade civil que contribuíram para a elaboração do plano de governo, na área da educação e da cultura. Ficou com a referida professora a responsabilidade de desencadear o processo necessário, no sentido de viabilizar as medidas que contribuíssem para a efetivação da escolha do gestor escolar mediante voto da comunidade.

O processo democrático iniciado com Dante de Oliveira foi interrompido na gestão do então prefeito Frederico Soares de Campos quando retomou a prática da indicação do diretor escolar para as unidades de ensino, com a argumentação de que os gestores responsáveis pela administração das unidades de ensino deveriam ser de plena confiança do prefeito municipal. Essa atitude criou certa frustração em todos aqueles que tiveram a oportunidade de participar direta ou indiretamente das eleições municipais.

A retomada do processo ocorreu em 1993 quando assumiu a administração do município de Cuiabá, a Frente Popular Cuiabana que era formada pela junção dos seguintes partidos: Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Comunista Brasileiro (PC do B), Partido Popular Socialista (PPS), Partido Socialista Brasileiro (PSB), e Partido Verde (PV), pelos candidatos a prefeito e vice-prefeito, Dante Martins de Oliveira, um dos nomes que ganhou projeção nacional com a indicação do projeto das “Diretas Já”, e José

Meirelles, respectivamente.

O plano de governo elaborado pela coligação trouxe explícito, em relação a gestão democrática, a vontade de buscar estratégias para o fortalecimento da unidade de ensino que se concretizaria mediante a autonomia pedagógica, financeira e administrativa e o desenvolvimento da capacidade gerencial de seus dirigentes que seriam eleitos pelo voto da comunidade interna e externa (pais de alunos).

Vencida a eleição municipal, pela Frente Popular Cuiabana, o prefeito eleito escolheu para assumir a pasta da educação, o economista Valter Albano que deu início ao processo de retomada da gestão democrática, vivenciada pelas escolas municipais. Para concretização dessa ação, o referido secretário constituiu uma comissão formada por profissionais de duas instituições públicas: a Secretaria Municipal de Educação e a Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (FESMAT) que iniciaram os estudos e pesquisas a respeito das experiências vivenciadas no município de Cuiabá, nos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Em 1993, Cuiabá contava com uma estrutura formada por 59 escolas urbanas, seis integravam o sistema de Gerenciamento Privatizado, instituído e implantado em 1992³, ficando assegurada esta forma de gerenciamento, até o término do contrato estabelecido entre a Secretaria de Educação e a empresa contratante.

As escolas estudadas foram as pertencentes à zona urbana, agrupadas de acordo com a sua localização geográfica. O Grupo I, composto por 27 escolas localizadas na periferia. O Grupo II, formado por 14 escolas localizadas a média distância do perímetro central e o Grupo III, com 14 escolas, localizadas no perímetro central. Foi feita a opção de pesquisarem 35% das escolas de cada grupo, ou seja, do Grupo I, e cinco dos outros dois grupos.

As experiências investigadas pela comissão se encontram detalhadas no livro, “Gestão Democrática uma proposta para Cuiabá” produzida pela Editora Aguapé, em uma parceria entre a SME/ FESMAT, onde 1000 (mil) exemplares foram produzidos e distribuídos para a comunidade a fim de que conhecesse mais detalhadamente o trabalho realizado pela comissão.

Foram realizados inúmeros seminários, debates, onde surgiram propostas de alterações no documento original, propostas essas posteriormente votadas e aprovadas, culminando com a lei 3120/93. Com a aprovação desta Lei, pudemos sentir, por parte dos presentes, o

³ Em convenio firmado entre a Secretaria Municipal de Educação e a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) foi desencadeado em 1994, um processo avaliativo sobre o sistema implantado, o que posteriormente contribuiu para o encerramento do convenio.

compromisso de um trabalho coletivo, no qual se tornava fundamental o desafio de se vivenciar experiências democráticas que contribuíssem para o fortalecimento da gestão democrática, recém implantada.

Os três pontos fundamentais contemplados pela lei aprovada foram: a eleição para a escolha do diretor escolar; a descentralização dos recursos financeiros e a criação do Conselho Escolar Comunitário, este que, de acordo com o capítulo 4º, “é órgão deliberativo e consultivo dos assuntos referentes a gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade escolar, respeitadas as normas legais”. Com isso, percebemos que a lei deixou explicitado o campo de atuação dos membros que compõem o conselho, explicitando também o compartilhamento das responsabilidades no gerenciamento da unidade de ensino.

A Lei 3120/93 esteve em vigor até dezembro de 2001, quando o poder público instituiu uma comissão para coordenar as discussões a respeito dela e sua implementação a fim de realizar alterações necessárias para as novas exigências do momento histórico que estávamos vivenciando em nosso município.

Outro evento importante desse período foi a participação no desenvolvimento do Projeto de Reorganização Curricular que teve como objetivo a retomada do processo iniciado em 1989, o qual também sofreu descontinuidade como aconteceu com a gestão democrática. Para a retomada deste processo, a Secretaria Municipal de Educação firmou uma parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso por meio do Instituto de Educação, reiniciando o trabalho com abertura de discussões no intuito de refletir sobre a importância de retomar a elaboração dos currículos partindo das reais necessidades da comunidade.

Foi iniciado um longo processo de discussões com os professores, funcionários, pais e alunos, intitulado a “*Escola toma a Palavra*”, onde todos tiveram a oportunidade de apresentar os seus sonhos em relação à educação desejada. Vários encontros foram realizados, onde as questões básicas a serem respondidas pelos participantes foram: *a escola que temos e a escola que queremos*. Foi partindo dos anseios e desejos da comunidade que os educadores tiveram os primeiros elementos para começarem a elaboração ou reelaboração das propostas curriculares que pudessem contemplar os anseios apresentados por aqueles que fazem uso do sistema público de educação.

Consideramos de extrema importância o processo desencadeado, quando, por meio da parceria com as escolas, levantamos dados dos reais anseios da comunidade, oportunidade em que alguns desejos colocados muitas vezes soavam, na época, como utopia quase irrealizável. Lembramos ainda, que muitos pais e alunos desejavam que a escola pudesse oferecer um ensino que realmente oportunizasse o domínio da leitura e da escrita, que pudessem ter a

oportunidade de aprender uma língua estrangeira; que as salas de aulas pudessem ter ar condicionado para amenizar o intenso calor; que a grande quantidade de reprovação passasse a fazer parte de preocupação e intervenção por parte da escola; que as crianças tivessem acesso a aulas de música, karatê, fanfarra, teatro, balé. Também sonhavam com piscina, quadra coberta para a prática de esporte, entre tantas outras pretensões.

Esses sonhos indicavam aos educadores e aos gestores municipais que tanto os alunos quanto os pais não estavam satisfeitos com a estrutura física das escolas e com o ensino que estava sendo oferecido. Assim, tornava-se urgente promover algumas mudanças, para a construção de uma escola que fosse percebida pelos alunos e pelos pais, como um espaço agradável e propício para que ocorresse o processo de ensinar e aprender.

Consideramos de fundamental importância o processo que se desencadeou com a finalidade de reorganizar os currículos escolares, pois, “[...] qualquer mudança no desenho curricular deve romper com um sistema meramente individual, exigindo que o diálogo se estabeleça para a construção de qualquer proposta educativa.” (PASSOS e SATO, 2002, p.129).

Paralelamente ao trabalho que estava sendo desenvolvido em cada escola desencadeou o processo da realização do Diagnóstico Educacional, onde foi fundamental conhecer e estudar a Política Educacional do Município; a caracterização socioeconômica do bairro onde estava inserida cada escola; a caracterização sócio-educacional do bairro; equipamentos; recursos humanos; os métodos e as técnicas pedagógicas; produto; administração. A investigação dos aspectos citados possibilitaria aos participantes do processo de reelaboração dos currículos informações preciosas para o desencadeamento de um trabalho visando atender as reais necessidades da clientela.

O trabalho foi sendo construído, na unidade escolar, com a coordenação da equipe gestora que ficou com a responsabilidade de realizar no coletivo o diagnóstico educacional. Coube aos professores da Universidade Federal de Mato Grosso, do Instituto de Educação: Jorcelina Elizabeth Fernandes, Genésio Marques e Orestes Preti, a responsabilidade de realizarem a orientação geral de todo o processo, desde a orientação da elaboração do diagnóstico, tabulação e análise dos dados até a elaboração ou reelaboração das propostas curriculares, onde os aspectos psicológicos, sociológicos, filosóficos deveriam ser contemplados.

Para que a fundamentação teórica se concretizasse com maior profundidade, a equipe coordenadora da escola contou com estudos de aprofundamento ministrado por vários profissionais do Instituto de Educação da Universidade Federal, das diversas áreas do

conhecimento. Posteriormente este estudo se estendeu aos professores, com realização nos diferentes pólos, em que estavam divididas as escolas.

Esse trabalho foi um dos mais importantes de que participamos, pois foi realizada a capacitação dos envolvidos no processo; tal I envolvimento foi fundamental para o êxito do trabalho.

Além das realizações que mencionamos anteriormente, fomos partícipes também do trabalho com os Temas Geradores. Este se constituiu em outro desafio para os educadores, especialmente o início da tentativa de trabalhar com essa organização curricular por meio de temas geradores, onde os conteúdos passaram a serem trabalhados de forma mais significativa. O trabalho teve como suporte o referencial de Paulo Freire, cujo ponto de partida foi o levantamento da realidade dos educandos, quando a “escuta” das falas significativas dos educandos se tornavam fundamentais no processo. Nessa propositura, os saberes dos educandos deveriam ser levados em consideração, posteriormente analisados, e somente depois partiria para a escolha dos temas a serem trabalhados pelo coletivo da escola.

Os temas, “[...] em verdade, existem nos homens, em suas relações, com o mundo, referido a fatos concretos.” (FREIRE, 1987, p. 99). Por isso a necessidade de fazermos o levantamento das reais necessidades dos nossos educandos e comunidade. Portanto, tornava-se extremamente importante que o educador esteja atento para captar as manifestações explícitas e implícitas dos investigados.

No processo do trabalho com os temas geradores, a Secretaria Municipal de Educação contou com as valiosas contribuições dos professores Luiz Augusto Passos, Maria de Lourdes Delamônica Freire e a Secretária Municipal de Jaciara, professora Cecília Cardoso Alves, que orientaram os estudos de aprofundamento, das três dimensões que os temas geradores devem enfatizar: *o trabalho, a natureza e a cultura*.

O primeiro tema gerador trabalhado pelos educadores das nossas escolas foi a *enchente*. A temática foi escolhida decorrente de uma situação inusitada, pois quando realizávamos o primeiro encontro com os professores municipais, Cuiabá foi palco de uma chuva muito forte que provocou sérios transtornos para os que aqui residiam. Ainda temos bem presente a preocupação de todos, pois ficamos praticamente ilhados no Hotel Fazenda (local do evento). Foram momentos de aflição, pois a água ameaçava inundar as salas onde ocorriam vários eventos, e o deslocamento para outros locais era praticamente impossível. Foi em meio a essa situação, inicialmente de perigo e de angústia que, praticamente, nasceu o primeiro tema gerador trabalhado pelos professores e posteriormente pelos alunos.

Após as leituras das obras de Paulo Freire, nos apaixonar por esse grande educador

brasileiro, que, de uma forma bastante simples e profunda, consegue colocar com muita intensidade, a importância social da educação. Para ele, esta deveria ser concebida enquanto um elemento catalisador para o desvelamento da realidade, onde o aspecto político, em nenhum momento, pode ser deixado de lado. Segundo Freire, a educação por si só é um ato político e depende da postura do educador, assim ela pode estar a serviço da libertação ou da manutenção de exploração imposta pelas sociedades capitalistas.

Com o propósito de desenvolver uma linha de trabalho significativa para os alunos e a sociedade, envolvemo-nos em eventos de várias naturezas. Assim, participamos de estudos, debates e seminários, em 1998, para a implantação dos Ciclos de Formação em 42 escolas em 1999, e em outras nos anos 2000 e 2001.

A opção pela implantação dessa “nova” organização ocorreu por duas questões que consideramos de extrema relevância.

1- com o trabalho com os Temas Geradores, onde buscávamos contemplar a realidade dos educandos, tornava-se contraditório continuar com uma organização centrada na seriação, onde o ensino e aprendizagem estavam condicionados a um tempo determinado;

2- a análise dos dados de produtividade de Cuiabá em 1997 apontou “que dos 40011 (quarenta mil e onze) alunos matriculados 10699 voltaram a cursar a mesma série em 1998, totalizando uma perda de 356 turmas de 30 alunos.” (Livro Sarã - Cuiabá nos Ciclos de Formação, 2000).

Como segmento da comunidade, vivenciamos a reformulação e aprovação da 2ª Lei de Gestão Democrática 4120, de dezembro de 2001, cujo processo, a comunidade foi novamente convocada a participar. Foram inúmeros encontros nas diversas regionais⁴ onde os representantes eleitos nas unidades escolares participaram das discussões, sugerindo alterações na proposta de lei. Após o fechamento das votações nas regionais, ocorreu um grande Fórum no Hotel Fazenda, quando então os dois pontos mais polêmicos foram a criação da Fundação Educacional de Cuiabá (FUNEC), cuja finalidade é a atuação no campo educacional, cultural e a ampliação da eleição aos outros membros da equipe gestora (secretários e coordenadores). No que se refere à criação da Fundação, o Sindicato dos Trabalhadores se opuseram firmemente, argumentando que o poder público estava promovendo a privatização do ensino. Também se colocavam contrariamente à proposta da Fundação se voltar para o atendimento dos alunos adultos, especialmente, na perspectiva do 3º grau.

⁴ As escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá são divididas em 4 regionais: a norte, com 15 escolas, a sul, com 23, a oeste com 16 e a sul com 23, totalizando 77 unidades de ensino na zona urbana.

Em relação ao mandato da equipe gestora, o fórum aprovou as reeleições, sob a argumentação de que caberia à comunidade decidir a respeito da permanência ou não dos eleitos na função. Percebemos que a maior mobilização das unidades de ensino esteve voltada quase que exclusivamente para garantir o processo de reeleições para os diretores, coordenadores e secretários escolares. Com a finalidade de interromper o ciclo das reeleições, foi aprovada pela Câmara Municipal de Cuiabá a lei 4550 de 5 de abril de 2004, modificando o artigo 50, da lei 4120 de 16 de novembro de 2001, que instituiu a gestão democrática na rede municipal de ensino de Cuiabá. A nova lei teve o artigo 50 aprovado com a seguinte redação “o período da gestão do diretor corresponde a mandato de 3 (três) anos, permitida uma reeleição”.

Quanto à alteração ocorrida no artigo 50 da lei de gestão democrática, a consideramos de certa forma antidemocrática, uma vez que não foi uma decisão resultante do coletivo, pois foi apresentada à Câmara Municipal sem a discussão e aprovação dos profissionais da educação.

Na eleição para diretores ocorrida na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, no ano de 2004, os dados apontados pela Comissão Central da Diretoria de Políticas Educacionais (DIPE), setor responsável pela organização do processo eleitoral foram: das 83 escolas que participaram do pleito eleitoral de 2004, 49 escolas apresentaram candidatura única, 30 com dois candidatos e quatro com três candidatos. Após a realização do processo, o quadro de diretores eleitos ficou da seguinte forma: **Regional Norte**: das 16 escolas somente duas trocaram de diretor; **Regional Sul**: das 23 escolas, dez diretores permaneceram na função, dez são novos e ocorreu a suspensão em uma por irregularidades; **Regional Leste**: das 22 escolas, seis diretores novos, um com posse suspensa para averiguações de irregularidades, permanecendo 15 diretores antigos na função; **Regional Oeste**: das 17 escolas quatro escolas com diretores novos e permanência de 13 antigos. **Na zona Rural**: das seis escolas, quatro diretores novos assumiram a função.

Concluimos que, 55 escolas permaneceram com os diretores que já estavam em exercício, em 26 ocorreu alteração dos gestores, em duas ainda estão em processo de averiguações, em uma escola não ocorreu a eleição por ser a gestão organizada através de colegiado⁵.

⁵ Escola Liberdade foi criada com uma estrutura administrativa diferente da existente na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, onde a administração é realizada através de um colegiado, por isso não ocorreu eleição na respectiva unidade escolar. A referida escola é objeto de estudo do mestrando Paulo Eduardo dos Santos, que atualmente é o presidente do Conselho Municipal de Educação. A pesquisa propõe a investigação de uma

Mesmo com a ocorrência de uma pequena alteração no quadro gerencial das unidades de ensino, consideramos que o processo de eleição funcionou e funciona como um mecanismo positivo. Pois acreditamos que somente esse tipo de processo permite que haja uma disputa entre as várias pessoas que colocam o seu nome para a apreciação da comunidade.

Um minucioso levantamento realizado pelo mestrando Paulo Eduardo dos Santos, no livro destinado ao registro da posse dos diretores, e sistematizado por meio de um quadro demonstrativo, evidenciou informações importantes sobre o tempo dos mandatos dos diretores da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá no período de 1993 a 2001.

A análise dos relatórios de eleição de 1993 a 2001 revelou a constatar que: das 54 escolas municipais que participaram do 1º processo de gestão, 17 (31%) dos diretores eleitos cumpriram uma gestão, 15 (27,7%) duas gestões, três (6,25%) permaneceram em três gestões, sete (12,9%) em quatro gestões consecutivas, outros sete (12,9%) em cinco gestões e cinco (9,25%) diretores com seis gestões. Esses dados nos levaram a concluir que: 58,7% dos diretores eleitos na gestão de 93 foram reeleitos por mais de uma vez (gestão 95/97), 22,1% permaneceram diretores eleitos por mais de cinco vezes, 70,3% das escolas tiveram no máximo dois diretores neste período de 11 anos de eleição nas escolas, 11,1% das escolas tiveram apenas um diretor e por outro lado 16,6% tiveram de quatro a cinco diretores eleitos nesse processo. Portanto, a média de gestão dos diretores eleitos é de mais ou menos dois anos e meio.

Das 34 escolas criadas a partir de 1994 a 2004, todas tiveram diretores designados para responderem pela direção temporária das escolas, com prazo de 60 dias para a organização das eleições. Dos designados, 25 foram eleitos e nove não conseguiram se eleger. Em 14 dessas escolas tiveram um diretor, em 10 escolas, dois diretores eleitos, e em oito, três eleitos. Em apenas uma escola houve cinco diretores. A média de gestão por diretor eleito é de duas gestões.

Entre os eventos que mencionamos está a participação no seminário, em maio de 2001, no qual o Prefeito Municipal Roberto França Aud assinou a adesão de Cuiabá na Associação Internacional de Cidades Educadoras⁶, oportunidade em que firmou o

experiência que começou a se concretizar em 2001, na gestão do então secretário municipal Carlos Alberto Reys Maldonado, um dos incentivadores da implantação da nova proposta.

⁶ Trabalhamos com o conceito de cidade educadora, uma vez que a cidade de Cuiabá faz parte da Associação Internacional das Cidade Educadora. Brandão (2005, p.55 e 56) trabalha com uma perspectiva mais abrangente, onde destaca o conceito de Município Educador. Para o autor, não é só a cidade sede que tem a função educadora, mas também os povoados, os arraiais, vilas, vilarejos, e tudo que faz parte de um município.

compromisso para concretização dos princípios emanados na Carta das Cidades. O objetivo da adesão foi buscar elementos que possibilitassem aprofundar as propostas assumidas no seu segundo mandato (2000 a 2004) que estavam voltadas para três eixos básicos: do Desenvolvimento Humano: aumento da expectativa de vida da população, aumento da renda mínima familiar e da escolaridade média da população.

A Carta das Cidades Educadoras, Revisada em novembro de 1994, trouxe o conceito de que:

a cidade será educadora quando reconhecer, exercer e desenvolver, para além das suas funções tradicionais econômicas, social, e política e de prestação de serviços, uma função educadora, isto é, quando assumir uma intencionalidade e responsabilidade, cujo objetivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes, a começar pelas crianças e pelos jovens.

Com o propósito de contribuir com a solidificação dos princípios assumidos pela administração do prefeito Roberto França, a Secretaria Municipal de Educação procurou desenvolver inúmeras ações que pudessem contribuir com o fortalecimento da nossa cidade, enquanto um local que proporciona os diversos aprendizados para a população, em espaços variados.

Realizamos e participamos do acompanhamento da implantação e desenvolvimento dos Projetos Culturais nas escolas municipais, em especial na Escola de Educação Básica Dr. Fábio Firmino Leite, onde presenciamos a euforia dos educandos por terem acesso a saberes que normalmente a escola não contemplava em seus currículos formais.

2 A escolha do objeto de investigação

A opção por investigar os projetos culturais, como possibilidade da cultura como um elemento imprescindível para o fortalecimento da participação do espaço escolar foi resultante de um processo construído paulatinamente ao longo da nossa trajetória profissional. Trajetória marcada inicialmente por uma grande euforia e utopia frente à possibilidade da construção de uma escola democrática, quando os educadores mobilizaram para lutar pela aprovação, implantação, e, posteriormente pela implementação da gestão democrática, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá. Com o transcorrer dos anos, uma grande angústia começara a surgir em consequência da constatação de que o processo democrático caminhava a passos lentos, pois as relações no espaço escolar traziam as marcas profundas de um intenso

autoritarismo, onde as relações ainda se concretizam pela submissão de uma maioria, ao poder de uma única pessoa. Percebíamos com muita clareza, que a comunidade, tanto interna quanto externa não era “convidada” para tomar parte das decisões mais importantes. Desta forma, a gestão democrática acabava se restringindo mais a uma questão legal, do que a práxis, onde as pessoas pudessem vivenciar experiências democráticas variadas.

A história da gestão democrática, nas escolas municipais, ainda é concebida, tanto pela maioria dos profissionais da educação como pela comunidade, quase que exclusivamente, como um processo de eleição para a escolha do gestor escolar, ou seja, como um evento que se repete de três em três anos, ou a eleição para a escolha dos membros para comporem o Conselho Escolar Comunitário (CEC).

Com essa concepção restrita, do exercício democrático, a comunidade ainda não consegue vislumbrar e concretizar o espaço escolar como público, onde todos devem se fazer presente para participar das decisões importantes que o permeiam o processo educativo dos alunos. Assim, na maioria das vezes, a comunidade traz cristalizada a concepção de que a participação escolar se restringe às várias reuniões, entregas de notas, relatórios e festas comemorativas. Para Freire (1995, p.74):

Democratizar o poder, reconhecer o direito de voz dos professores, diminuir o poder pessoal de diretores, criar instâncias novas de poder, com os Conselhos da Escola, deliberativos e não apenas consultivos e através dos quais, num primeiro momento pais e mães ganhassem ingerências nos destinos da escola de seus filhos; num segundo esperamos, é a própria comunidade local que, tendo a escola como algo seu, se faz igualmente presente na condição da política educacional da escola.

Foi vislumbrando a possibilidade de contribuirmos para o fortalecimento do processo democrático no espaço escolar, que sentimos desafiados a estar investigando a experiência desenvolvida pela Escola Municipal de Educação Básica “Doutor Fábio Firmino Leite”, onde a cultura se constituiu como um forte elemento mobilizador e provocador de uma significativa ampliação da participação na escola, demonstrando que o processo democrático também implica necessariamente em promover a democratização, e conseqüentemente o acesso aos diversos bens culturais, tornando a escola um espaço de alegria e de prazer.

Para Paulo Freire destaca a importância da escola para a disseminação do saber culto, porém não descarta que tanto os educadores, como os alunos:

sonhamos com uma escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma, competente, mas, dedicada, séria e competente ao ensino, seja uma escola geradora de

alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar, de aprender, de conhecer não transforma este querer fazer em algo triste. Pelo contrario, a alegria de ensinar-aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são necessariamente praticas enfadonhas e tristes.

De acordo com Ferreira (2001, p.15), “as artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, pois é na cultura e pela cultura que nós nos constituímos enquanto seres humanos”. Assim, o objeto definido para a nossa investigação são os projetos culturais, que se concretizaram através das oficinas de teatro, da capoeira, da reciclagem do lixo, das artes plásticas, especificamente da pintura e da fanfarra.

Concordando com Freire (1979, p.30), quando dá destaque para a cultura, ao afirmar que a “cultura é tudo que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não de repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo”.

Os fatores que foram decisivos para a escolha da Escola Doutor Fabio Firmino Leite foi o fato de estar localizada em uma região, onde nossos avós paternos e maternos tinham um vínculo muito forte com a região que investigamos, uma vez que foram uns dos primeiros moradores. Ali nossos pais nasceram e viveram uma parte de suas vidas e, talvez por isso, relatem com muita emoção, praticamente toda a história que envolve a região e seus moradores. Um outro motivo foi o fato de nossa irmã desempenhar a função de coordenadora escolar, na unidade de ensino e fazer parte do quadro da escola desde a sua inauguração. Considero que os motivos citados contribuíram para que fosse construído um vinculo muito forte com a região, nos influenciando fortemente, a nossa escolha pela referida localidade para a realização deste trabalho investigativo.

Os motivos apontados fizeram com que nos aproximasse da escola desde a sua inauguração, participando ativamente, e, por isso mesmo, acabamos estabelecendo uma relação muito forte com todos aqueles que fizeram e fazem parte do seu universo escolar. Devido à estreita relação que temos com o campo de investigação, trazemos as marcas de um trabalho centrado, em muitos momentos, em uma extensa narração, conforme Gomes (2000 p.15), “a marca da emoção do olho da narradora, que foi o mesmo olho de pesquisadora que a moveu e por ela foi movido [...], permito-me dizer agora assumir um eu que narra, para dizer que eu vi.”

Mesmo com essa relação afetiva estabelecida com todos que fizeram parte da pesquisa, acreditamos que o trabalho se desencadeou, levando-se em conta a importância do

rigor científico que deve permeá-lo. Assim, as revisões bibliográficas, o acesso e a utilização de documentos, as entrevistas foram elementos fundamentais para seu enriquecimento.

Acreditamos que o resultado da pesquisa possa se constituir em um material seja um material que possa subsidiar e contribuir significativamente para que os educadores e comunidade, em geral, possam compreender que alternativas estão sendo criadas no intuito de fortalecer a participação através da cultura.

3 Os Procedimentos e métodos utilizados

Para a elaboração deste trabalho, escolhemos como método os procedimentos utilizados pela pesquisa qualitativa, por acreditar que essa era a mais adequada para a compreensão do objeto de pesquisa.

Para Lüdke e André apud Biklen e Bogdan (1982, p. 10), a pesquisa qualitativa apresenta algumas características fundamentais:

- tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. De acordo com os quatro autores mencionados, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado, do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através de um trabalho intensivo de campo.

Como os problemas são estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente, sem qualquer manipulação intencional do pesquisador, este tipo de estudo é também chamado “naturalístico”. Para esses autores, portanto, todo estudo qualitativo é também naturalístico.

- os dados coletados são predominantemente descritivos e o material obtido é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos. Inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de diversos tipos de documentos. Citações são freqüentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes;

- a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do investigador ao estudar determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos, nas interações cotidianas;

- o “significado” que as pessoas dão às coisas e as suas vidas são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram a situação que está sendo focalizada. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos

qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo;

- a análise dos dados apontou o caminho de um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações foram consolidando basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima onde podem ser detectados novos elementos ou novas dimensões, à medida que o estudo avance.

A escolha de uma única escola municipal caracterizou esta pesquisa como um estudo de caso, e, ocorreu por acreditar, conforme Lüdke e André, que “[...] o caso é sempre bem delimitado, devendo seus contornos ser bem definidos no desenrolar dos estudos. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular (1986, p.17). Este tipo de estudo se caracteriza por proporcionar aprofundamento de uma dada realidade, dentro de um contexto mais ampliado”.

O estudo de caso nos leva a caminhar para a investigação daquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente fique evidenciado que ele tem características com outros casos e outras situações.

Algumas características, porém, devem ser contempladas numa opção de estudo de caso:

1- a descoberta deve ser um desafio num estudo de caso, mesmo que obrigatoriamente o pesquisador tenha um quadro teórico inicial. Ele deve estar atento aos novos elementos que surgem e que devem ser enriquecedores para o trabalho, por isso a busca e as indagações devem estar sempre presentes, ao longo do trabalho em desenvolvimento;

2- propicia a interpretação mais aprofundada de um contexto, possibilitando assim a compreensão mais detalhada do objeto investigado;

3- o estudo de caso permite que o pesquisador possa utilizar-se de várias fontes enriquecedoras para a investigação, que podem ser captadas em vários momentos e em situações mais adversas;

4- para os relatórios escritos de um estudo de caso, podem ser apresentados em um estilo mais informal, onde há presença marcante de um estilo narrativo, relatos que podem ser ilustrados por citações, descrições e figuras de linguagem;

5- possibilidades de generalizações, desde que o sujeito tenha um conhecimento que lhe permite associar dados levantados pelo estudo, com dados que são resultantes da sua experiência pessoal.

4 Caminhos percorridos e técnicas utilizadas

Desde abril de 2002, começamos a acompanhar sistematicamente os Projetos Culturais desenvolvidos na Escola Municipal de 1º Grau “Doutor Fábio Firmino Leite”. Inicialmente, o projeto fanfarra e, posteriormente, os de teatro, artes plásticas, capoeira, karatê, reciclagem do lixo. O acompanhamento sistemático ao longo dos meses possibilitou que fossem realizados registros dos trabalhos através de fotografias, coletânea de recortes de jornais, produções dos participantes, no que resultou um rico acervo de material referente ao objeto investigado.

No desenvolvimento do trabalho sempre estivemos envolvida com a oficina de pintura, em sua realização, jamais esquecerei os rostos de felicidade das crianças ao entrar na magia do mundo da pintura. Uma outra função que desempenhamos no grupo foi estar junto com a equipe da escola, viabilizando as condições materiais para que as várias oficinas fossem realizadas, e também mantendo contato com as pessoas que se dispusessem a dedicar uma parte do tempo livre para trabalhar como voluntários.

Nesta perspectiva, o pesquisador tem a possibilidade de estar desempenhando dois papéis, ao mesmo tempo. Um dos papéis é o de um observador que deve ter um olhar pautado na criticidade e o outro ser concomitantemente um participante ativo do processo no qual está inserido. Cabe ao investigador ter a sensibilidade de possibilitar que as suas ferramentas de trabalho estejam a serviço do movimento do qual passou a fazer parte como um membro ativo. Assim, para René Barbier (1997, p.55), “a pesquisa deve tornar-se obra coletiva, com a participação dos membros da sociedade e com a real inserção do pesquisador”.

E, para que ela se concretize, como coletiva, Barbier (1997, p. 55) destaca ser necessário que:

ocorra um ensino renovado que permita a massa atingir um nível de expressão que lhe conceda o domínio dos instrumentos essenciais à comunicação científica e, em seu lugar, a devolução dos resultados obtidos pelo pesquisador à coletividade estudada, e são exclusivamente à confraria acadêmica e aos detentores da cultura legitimada.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário dividir o processo em etapas, para as quais, inicialmente, buscamos escrever a história da localidade e a da escola onde procederia a investigação. Tal necessidade ocorreu pela constatação da inexistência de escritos. Um dos motivos da falta de registros talvez esteja relacionado ao pouco tempo de existência delas. Daí então surgiu a curiosidade e o desafio de contribuir para elaboração histórica do seu registro.

Para a realização da pesquisa em relação à região, realizamos várias visitas ao Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano (IPDU). Este Instituto localizado na Prefeitura Municipal de Cuiabá, onde foi colocado à disposição um completo acervo de reportagens dos jornais de todos os bairros de Cuiabá e a colaboração valiosa de vários funcionários do setor. A pesquisa demonstrou a riqueza do material, que ofereceu elementos essenciais para a montagem da história da localidade e da referida unidade de ensino.

Além da pesquisa em jornais, contamos com a colaboração de dois moradores que se colocaram à disposição e ajudaram em muito nesta primeira tarefa que, ao longo do trabalho, puderam proporcionar momentos de intensa emoção. Um desses momentos ocorreu quando nosso pai, um dos moradores antigos da região, mediante seus relatos pôde reviver e contar com riquezas de detalhes a sua história e a história do local onde nasceu e viveu. Em certos momentos dos relatos, parecia que aquela realidade do passado começava a tomar forma: surgia o córrego Três Barras com as suas águas límpidas e protegidas por uma espessa vegetação; os animais soltos pelo pasto e os poucos vizinhos que habitavam a localidade.

Relatou ainda o seu tempo de infância, período em que desde muito cedo teve que trabalhar na roça para ajudar os seus pais e destacou, com orgulho, a sua participação na medição da área do Centro Político Administrativo (CPA), cuja linha divisória, ainda hoje, passa bem próxima ao bairro Doutor Fábio. Ficamos bastante surpresa com a memória do nosso pai, quando começou a descrever detalhadamente, conforme mencionamos, o limite da área do CPA cuja existência poucas pessoas sabem. De acordo com ele

o marco começa ali perto do posto de gasolina na entrada do bairro Consil, passando em frente ao Hospital Santomé e Júlio Muller, sai no posto de gasolina do CPA e passa próximo ao bairro Bela Vista (perto do campus da Escola Técnica), desce a Avenida do Contorno, passando atrás do residencial São Carlos, e posteriormente, bem no meio do Complexo Pomeri. Depois desce e atravessa a ponte do Gumitá que é o Novo Horizonte agora, passa do lado esquerdo da Avenida do Novo Horizonte (a linha), chega na 2ª ponte dos Três Barras e acompanha o córrego, uns quinhentos metros acima. Entra à esquerda e atravessa a cabeceira do vassoural, saindo a uns 150 metros à direita da cabeceira que é a do Coxipó do Ouro. Atravessa esta estrada do Coxipó do Ouro e vai para o Morro da Conceição, atravessa o Morro da

Conceição e entra por detrás do rastreamento e entra para sair na estrada da Chapada, perto do Posto da Polícia Rodoviária Estadual, depois vem sair por detrás da rodoviária, mais ou menos, onde é agora a agência da Garagem de ônibus do deputado TUT, fechando assim o círculo.

No que se refere à história da escola, contamos com a importante colaboração do senhor Santiago que é uma pessoa muito querida na unidade de ensino e também na comunidade, pois foi ele quem abriu as portas da sua residência para que os profissionais da escola pudessem realizar as matrículas e as primeiras reuniões com os funcionários. Colaborou também com a escolha do terreno para a construção da escola, compondo o grupo de trabalhadores responsáveis pela execução da obra. Na entrevista realizada com o senhor Santiago, este deixou transparecer o grande orgulho que sentia por fazer parte da história de um dos espaços mais importantes da comunidade.

Também contamos com a inestimável colaboração da equipe gestora, com grupos de professores e alunos que numa atitude extremamente amigável se dispuseram a contribuir com seus relatos para a elaboração da parte histórica da escola, uma vez que a falta de registros foi um dos maiores empecilhos para a realização do trabalho, mas, ao mesmo tempo, foi motivador do desafio de escrever um capítulo destinado a resgatar a história do bairro e da escola.

Paralelamente à escrita da parte histórica sobre a localidade e a escola, procuramos realizar a revisão bibliográfica que se constituiu em suporte teórico para aprofundar alguns conceitos que consideramos fundamentais para a realização do trabalho, tais como: participação, democratização, participação, cultura, ator social. Para abordagem desses conceitos e a construção do aporte teórico de sustentação desta pesquisa, recorreremos fundamentalmente a Paulo Freire, Pedro Demo, Norberto Bobbio, Ilse Scherren-Warren, Vitor Paro, entre outros.

5 Considerações Teóricas Metodológicas

O objeto desta pesquisa são os projetos culturais, onde a cultura é concebida, de acordo com Brandão (2002, p. 24).

como um mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores

imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa.

Esta pesquisa está apoiada na revisão bibliográfica, em entrevistas semi-estruturadas, com os sujeitos envolvidos no processo de desenvolvimento dos projetos culturais na Escola de Educação Básica “Doutor Fábio Firmino Leite”.

O universo dos entrevistados foram a realização de entrevistas com 16 pessoas, sendo eles:

1- o Secretário Municipal de Educação, Carlos Alberto Reys Maldonado que contribuiu com a recuperação histórica dos projetos culturais implantados na sua gestão, e a adesão de Cuiabá como uma cidade Educadora;

2- dois dos primeiros moradores da região que através dos seus valiosos relatos possibilitaram a elaboração escrita do histórico do bairro: o senhor Teodoro dos Reis e Ivaldo Santiago;

3- seis de alunos e ex-alunos que discorreram sobre a importância dos projetos culturais desenvolvidos pela escola, e a participação de cada um nos mesmos. As crianças entrevistadas foram: Thaís Cristina, Gislaine de Souza, Emile Apodaca, Thainara Prate, Weverton Bezerra;

4- duas professoras: Janes Evangelista e Maria de Lurdes que contribuíram com a construção da história da escola, bem como traçaram considerações sobre os projetos desenvolvidos pela escola e as inúmeras dificuldades enfrentadas;

5- dois voluntários: Aroldo Jovino Pulquerio que trabalhou na oficina de pintura e Francisjony Evangelista responsável pela oficina de capoeira;

6- dois membros da equipe gestora: Dalva Catarina (diretora) e Ivone Monteiro dos Reis (coordenadora pedagógica).

No processo de entrevista, constatamos uma receptividade muito grande por parte dos entrevistados, quando todos se colocaram à inteira disposição para contribuírem na realização do trabalho. A elaboração da entrevista semi-estruturada permitiu que os entrevistados pudessem discorrer de forma bem espontânea sobre as questões colocadas, demonstrando

bastante tranqüilidade durante todo o período do trabalho.

Foi possível elaborar uma agenda de trabalho, que pôde ser cumprida sem nenhum transtorno no percurso e todos os sujeitos da pesquisa se colocaram ao dispor da pesquisadora, demonstrando muito interesse em colaborar com a investigação.

Consideramos um dos momentos marcantes da pesquisa foi a realização da entrevista com o senhor Ivaldo, na sua residência; local que foi utilizado pela equipe gestora para a realização dos primeiros trabalhos administrativos, que antecedeu ao término da construção da escola.

A revisão bibliográfica contribui para que aprofundássemos a compreensão da cultura, como um elemento indissociável do processo educativo. Para abordarmos a temática sobre a cultura, procuramos fundamentar nas obras de Jean-Claude Forquim, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, I. Savránski.

A pesquisa foi estruturada em quatro capítulos:

Capítulo 1 - Faz uma abordagem histórica da localidade, onde escola investigada está inserida, com intuito de propiciar um melhor situacionamento, para os leitores da pesquisa, e contribuir com a unidade de ensino que não dispõe de nenhum registro sistematizado da localidade e da escola.

Capítulo 2 - O capítulo traz o quadro teórico do conceito de cultura, uma vez que é o elemento utilizado pela unidade de ensino para promover a ampliação da participação no espaço escolar. Também foi abordada a questão da relação entre a cultura e a educação, pois não podemos desconsiderar a estreita relação que existe entre as duas;

O capítulo também traz um breve histórico sobre os projetos culturais implantados na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá;

Capítulo 3 - no capítulo 3 – faz uma abordagem sobre o desenvolvimento dos projetos fanfarra e a do Teatro na escola. O capítulo dá um destaque para a formação do ator social.

Capítulo 4 - O capítulo aborda os Projetos de Capoeira e de Pintura, onde relatamos as experiências vivenciadas na oficina. Também foram elencados quais as contribuições (benefícios) que os projetos proporcionaram para o processo educativo.

CAPÍTULO I

A ÁREA DE EXPANSÃO URBANA⁷, DR. FÁBIO FIRMINO LEITE E A ESCOLA HOMÔNIMA

1.1 Origem do bairro

A Escola de Educação Básica Doutor Fábio Firmino Leite, local escolhido para a realização da pesquisa, que tem como objeto de investigação os Projetos Culturais, localiza-se numa região denominada Área de Expansão Urbana, na região leste da cidade, cujo nome é homônimo o da escola. Essa área também é considerada pela Prefeitura Municipal, através da Lei complementar 004/97, como Área de Interesse Social por ser considerada uma região que necessita de regularização fundiária, de acordo com a legislação pertinente.

Esta localidade esteve integrada a Fazenda Carumbé, até a década de 1990, e possui uma extensão de mais ou menos 900 (novecentos) hectares, cujo proprietário era o doutor Fábio Firmino Leite, um dos primeiros médicos cardiologistas de Cuiabá. Após a sua morte, todas as terras foram herdadas pela sua esposa Isabel Luiza de Abreu e seus dois filhos que passaram administrá-las.

A história desta localidade foi marcada por uma série de invasões, onde as pessoas se colocavam enquanto candidatos aos lotes para moradia ou chácaras para o plantio. Uns

⁷ O Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IPDU), denomina como área de expansão urbana, aquelas áreas localizadas na Macrozona Urbana e que na época da aprovação da Lei de Abairramento (Lei nº3723/9), possuíam características rurais.

Lei municipal nº 3262 de 11 de janeiro de 1994 criou as administrações regionais, o município de Cuiabá foi dividido em quatro regiões administrativas: Norte com 30.70 km², sul com 128.63km, Leste com 46.01km² e Oeste com 46.60 km².

Pelos documentos pesquisados, a área da Fazenda Carumbé varia entre 900 (novecentas) a 927(novecentas e vinte e sete hectares), sendo por isso muito difícil encontrar o número exato das invasões que foram realizadas.

alegavam que as terras eram improdutivas e outros afirmavam que eram devolutas, pertencentes ao Estado, sem uma definição de utilização. A proprietária se defende apresentando documentação através do seu advogado Carlos Alberto Moreira. Segundo o Diário de Cuiabá, de 25 de junho de 2003, o referido advogado apresentou a imprensa à documentação da área. Tal documento foi expedido em maio de 1968 e registrado no livro 208, folhas 33 e 34, do Cartório do 2º Ofício de Cuiabá. Conforme a escritura, Fábio Firmino Leite, marido da senhora Isabel de Abreu Leite, adquiriu a extensa área, na época com 903 (novecentas e três) hectares, de um casal chamado Leovelgilda e João Rodrigues de Moraes. Outro documento apresentado pelo advogado foi registrado pela antiga Diretoria de Terras e Obras Públicas do Estado, Segundo ele, o referido documento comprova que as terras foram adquiridas pelo casal Moraes em 1935, cuja escritura o governo do Estado expediu após 10 anos.

Contrapondo a documentação apresentada pelo advogado da família Leite, o presidente da Associação de Pequenos Produtores Rurais do Recanto das Seriemas (APPRRES) Joaquim dos Santos apresentou a imprensa um levantamento topográfico feito pelo agrônomo Alessandro Benedito de Oliveira Botelho que comprava que quase metade dos 497 hectares da área dividida em chácaras pela Associação, exatamente 205, estaria sobrepondo a área registrada em nome e Maria Leovelgilda de Moraes, hoje sendo requerida pela família do falecido Fábio, e a outra parte 292 hectares seriam da sesmaria Jurumirim de Caetano Monteiro.

Por ter sofrido inúmeras invasões, ao longo dos anos, a antiga Fazenda Carimbe, assumiu a seguinte tem a seguinte configuração, atualmente.

* **Altos da Serra:** anteriormente denominada de Doutor Fábio. Essa região foi invadida em 28 de agosto de 1997 por inúmeras pessoas que rapidamente levantaram seus barracos. Segundo o Jornal Diário de Cuiabá de 3 de setembro de 1997, na reportagem intitulada: “Grileiros acusam o comércio de lotes em terreno invadidos”. Segundo a matéria jornalística

O comércio de lotes no Residencial Dr. Fábio localizado ao lado do Centro Político Administrativo (CPA), corre solto, inclusive com Apoio da Associação dos Trabalhadores Sem Teto de Mato Grosso (Atosteto). Os próprios moradores reclamam. O presidente da instituição, Manuel de Brito defende-se dizendo que a entidade está apenas tomando os lotes daqueles que colocam a venda. Segundo Brito, a associação cobra apenas uma taxa de R\$ 20,00 para a limpeza e demarcação.

O antigo local, hoje denominado de Altos da Serra, se confunde com o Residencial Dr. Fábio, já que um está localizado ao lado do outro e ambos estão assentados sobre a mesma área do espólio do Dr. Fábio. Os moradores do Altos da Serra, mesmo sendo menos conhecidos que o Dr. Fábio cobram para si a primazia de serem os primeiros a invadirem o local na noite de 28 de agosto de 1997. A divisão dentre os dois bairros não é bem explicada, mas acontece por espaço de poder. O processo de invasão, da área no início, era comandado pela Atosteto que congrega os sem tetos. Mas, hoje existem até três associações de moradores: uma no Altos da Serra, e duas Doutor Fábio I e II.

* **Recanto das Seriemas:** uma área de 497 hectares, sendo a sua localização á margem direita da estrada de acesso a Ponte de Ferro, em Cuiabá e foi invadida, em 1997. Segundo o presidente da Associação dos pequenos produtores rurais, Joaquim Moura dos Santos, muitos chacareiros foram assentados dentro de um projeto elaborado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em agosto de 1978, que acabou não se concretizando porque a suposta proprietária não apresentou a documentação exigida para o pagamento da desapropriação.

Segundo uma outra reportagem do Diário de Cuiabá de junho de 2003, cuja manchete foi “Recanto das Seriemas - Advogado nega ameaça as famílias”. A reportagem traz uma declaração do advogado, afirmando que:

A maioria dos chacareiros 80%, respeita o acordo firmado em juízo para regularização das parcelas. O Joaquim lidera um pequeno grupo, o dos que assinaram mas não cumpriram o acordo porque querem as terras de graça.

* **Dr. Fábio.** Essa área compõe-se de 174 hectares que também foi invadida em 1999 por inúmeras pessoas que rapidamente ergueram os seus barracos, com intuito de garantir a posse de um lote. A invasão tem uma característica bem particular, onde ela quase sempre ocorre de forma coletiva (envolvendo um número significativo), onde o processo é abrupto, planejado e já se inicia num processo massivo.

Na tentativa de amenizar conflitos, a proprietária vendeu a área para os senhores Antonio Batista do Amaral e Lourival Alves, que foi transformada em loteamento popular. Essa região é composta pelas etapas I e II. Nesta pesquisa foi abordada a etapa II, por ser o

local que diretamente está ligada com o objeto de pesquisa, por ser a área onde está localizada a escola.

Segundo a Prefeitura Municipal de Cuiabá, através do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano (IPDU 2000, p. 172)

Desde o final da década de 60, até aos dias atuais, registrou-se um número significativo de ocupações, chegando a 80, que se consolidaram em áreas sem infra-estrutura, acarretando gravíssimos problemas de ordem social e econômica para as diversas administrações municipais.

Foi nesse contexto, de luta pela moradia, que as pessoas começaram a realizar a ocupação da área de expansão urbana Dr. Fábio Firmino Leite II, no ano de 1999, onde da noite para o dia muitos homens e mulheres se deslocaram para a região.

A história dessa região pode ser construída tendo como um dos principais elementos os relatos dos primeiros moradores, onde estes contam os episódios que envolveram todo o processo de invasão pelas pessoas. Nos relatos fica sempre evidente o constante medo de despejo, pois, a imprensa anunciava periodicamente a retirada dos invasores pela polícia.

Na tentativa de amenizar os conflitos, iniciou-se, então, um processo de intensas negociações, entre os moradores e os candidatos proprietários das terras, com uma imobiliária, que adquiriu as terras, com intuito de transformar em loteamento popular. Com isso pretendia-se amenizar os conflitos que se colocava entre as partes. Após algumas reuniões ficou acordado, entre as partes, que os futuros proprietários pagariam R\$ 20,00 (vinte reais), em 24 (vinte e quatro meses), sendo que a quitação das parcelas daria o direito a escritura, passando definitivamente o direito de propriedade aos moradores.

Para Gohn (1991, p. 72), esse fenômeno não é específico de uma região, mas ocorre por todo o nosso país motivado:

A falta de áreas livres, para a instalação de novas favelas, o inchamento de favelas já existentes, além dos limites suportáveis às restrições impostas pelas novas leis dificultando a abertura de novos loteamentos, a desvalorização desmesurada do preço da terra impossibilitando a compra, aliados à crise econômica, inflação e desemprego, levam a retomada da forma da luta pela moradia através das invasões - invasões de terras públicas e particulares e de conjuntos habitacionais desocupadas à espera de compradores ou abandonados por inadimplência.

Chegou-se a criação de uma cidade ilegal ou informal bem maior do que a legalmente construída; 75% das edificações em Cuiabá apresentam algum tipo de irregularidade.

Como o objetivo de conquistar, definitivamente, a sua moradia, as inúmeras famílias

que invadiram as terras e acabaram mudando consideravelmente o cenário local que trazia na sua paisagem as características de cerrados. A grande quantidade de árvores retorcida de pequeno porte, como a lixeira, capotão, embiraçu, baba timão, jatobá, mangava e pau - doce foi sendo derrubado, dando lugar às cercas de arames farpadas que indicavam os limites de cada propriedade. Com o trabalho intensivo, começam a surgir às primeiras moradias que foram sendo erguidas, emergencialmente, de forma improvisada com papelões, plásticos e lonas, com intuito de garantir a posse dos lotes, entretanto, tais alternativas acabaram submetendo as pessoas a uma condição desumana, devido às precárias condições de infraestrutura.. Aos poucos, a situação foi sendo alterada, com a construção de algumas casas de madeira e alvenaria que possibilitaram uma melhoria significativa nas condições de habitação. Em meio às condições adversas para a sobrevivência humana, os homens e mulheres da região do Dr. Fábio foram criando os mecanismos necessários para a garantia das condições mínimas para a sobrevivência.

Essa capacidade que os homens têm para a transformação do espaço na no qual estão inseridos é destacado da seguinte forma por Brandão apud Ação Popular (1963, p.39):

a cultura e o processo histórico (e portanto de natureza dialética) pelo qual o Homem, em relação ativa (conhecimento e ação) com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e se transforma a si mesmo, constituindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas e realizando-se como homem neste mundo humano.

Entrevistando um dos primeiros moradores da região, passamos a conhecer um pouco da sua história pessoal, assim como, os motivos que acabaram influenciando para que o mudasse para a localidade. Ele relata a sua história e de sua esposa da seguinte forma:

Eu me chamo Teodoro dos Reis, nasci em 1933, no município de Cuiabá, na Cabeceira dos três Barras, que na minha época era considerada zona rural. Em 1949 vim para Cuiabá, com toda a minha família. Trabalhei como servente de pedreiro. Servi o exército em 1952. Quando dei baixa entrei para a Empresa de Força Luz e Água, hoje CEMAT e SANECAP. Quando sai da empresa fui trabalhar na Companhia Telefônica, onde trabalhei na Prefeitura como motorista durante 5 anos. Depois trabalhei por 22 anos como taxista e depois me aposentei. Quanto a moradia eu fiz o seguinte percurso: morei na Lixeira, Carumbé e atualmente estou morando no bairro Doutor Fábio. Sou casado a 44 anos, tenho 6 filhos, sendo que 3 trabalham na educação e 3 em atividades diversas (bombeiro, escrivão e cabeleireiro); a minha esposa é professora aposentada. Eu morava no bairro Carumbé, em casa própria, durante uns vinte anos, porém hoje em dia está muito movimentado. Aqui é um lugar mais aberto, e eu me interessava em criar galinhas, fazer uma pequena plantação, e no lugar que eu morava não tinha espaço. Esse foi o interesse em morar aqui. Quando eu fiquei sabendo que estavam vendendo os lotes, em um escritório, eu vim saber quem coordenava, e fiquei sabendo que era o Manuel Brito, um dos coordenadores da Associação. Então fiz uma inscrição e comprei os lotes, vi onde estavam demarcados e logo construí uma casinha e vim para cá com minha esposa. Temos Três cachorros (Bob, Tope e Mozer) que são nossos companheiros. Estamos muito

felizes aqui, apesar de todas as dificuldades que passamos. Existem aqueles que compraram lotes somente para moradia e aqueles que quiseram chácaras para plantar.

É bastante interessante constatar que na região houve duas formas de ocupação: uma de pequenos lotes, cujo tamanho 10X20 (dez metros de frente por 20 de fundos), destinados às moradias e as chácaras que variavam de 1(uma) a 3 (três) hectares. Segundo um entrevistado que reside em uma chacara, na região existem mais ou menos 65(sessenta e cinco) chácaras, porém só teve a oportunidade de conhecer 35 (trinta e cinco) proprietários. Afirma que muitas foram adquiridas pelos chamados especuladores que estão esperando o momento oportuno para vendê-las. Para ele, as compras foram realizadas através de “laranjas” para não levantarem suspeitas. Destaca que esses tipos de comércio, comumente utilizados por algumas pessoas acabaram por prejudicar aqueles que realmente querem trabalhar, e produzir no seu pedaço de chão.

Um entrevistado, que solicitou para não ser identificado, relata um pouco da sua história, de como chegou ao bairro:

Quando sai de onde morava no CPA (Centro Político Administrativo), vislumbrei a possibilidade de estar conseguindo um pedaço de terra maior para transformar em chacara. Meu interesse era estar unindo os esforços para estar realizando um Projeto de Reforma Agrária. O projeto foi realizado junto com a EMPAER, onde a proposta apresentada seria realizar um loteamento com pequenas chácaras, com objetivo de estar produzindo com a ajuda governamental. As chácaras deveriam ser concebidas na perspectiva de produzir para atender o consumo interno, pois teríamos um centro consumidor, bem próximo que é a grande Cuiabá. Desta forma, os produtos seriam mais baratos, pois a venda seria feita diretamente do produtor para os pequenos revendedores, a um preço bem abaixo, pois teria condições de estar evitando o atravessador. Vislumbro a viabilidade econômica, onde aqui se produz, aqui se vende. Seria uma zona rural, dentro de uma cidade. O projeto teve a orientação de agrônomos, veterinários que pesquisaram profundamente a região, no intuito de verificar as atividades a serem desenvolvidas. Foi enviado à Brasília e depois retornou com o parecer favorável. A viúva de senhor Fábio Firmino resolveu não vender as terras para o Incra, e acabou entregando para que uma imobiliária as comercializassem. Assim, a maioria dos chacareiros conseguiu a posse a posse da terra, e se tornaram os proprietários, porém sem condições financeiras para torná-las produtivas. Desta forma, acabou o sonho de estar realizando um projeto que tinha a possibilidade de trazer benefícios para a comunidade.

Pelos relatos do moradores fica evidenciado que a luta pela moradia não se refere somente àqueles que não dispõem da mesma, pois muitos já tinham sua casa, mais por motivos vários resolveram optar por morar em um lugar que seria o recomeçar de uma vida. Também foi dado ênfase aos que utilizavam as invasões para a comercialização de lotes, fazendo muitas vezes que os movimentos percam a credibilidade.

Como a ocupação foi realizada de forma bastante rápida, e sem o planejamento

necessário, assim como a maioria dos bairros de Cuiabá, a comunidade acabou carecendo dos serviços tão essenciais para a subsistência, tais como: poste de saúde, obrigando as pessoas a se deslocarem para os bairros circunvizinhos; coleta de lixo possibilitando que os mesmos fossem jogados nas ruas, poluindo o meio ambiente e colocando em risco à saúde das pessoas; a luz elétrica que chega a maioria das residências através de “gambiarras” que, ainda hoje, coloca em risco constante à vida das pessoas que escolheram a região para morar; a falta de água encanada obrigou as pessoas a construir poços artesianos, que foram furados sem nenhum critério, por falta de orientação técnica; falta de pavimentação, na maioria das ruas, levando a comunidade a conviverem com a intensa poeira, no período da seca, e lamaçal, no período das chuvas, falta de transporte coletivo que acabava fazendo as pessoas a realizarem longas caminhadas.

O senhor Teodoro, nos relatou com muito carinho um pouco o local que escolheu para morar

Quando mudei para o bairro Dr. Fábio, aqui não tinha nenhuma estrutura, e sofremos muito nos primeiros meses. Na verdade uma das poucas coisas que tinha era o traçado das ruas e foram feitos pelos donos os cercamentos dos lotes. Uma das primeiras coisas que eu fiz foi furar um poço artesiano para poder construir a minha casa e para molhar a minha plantação de mandioca, mangueira, coqueiro, e outros. Quanto ao problema de falta de luz, eu e seis pessoas resolvemos puxar algumas gambiarras. Elas saíam lá do início do bairro Três Barras, na Avenida que é conhecida como Jurumirim. Depois mudamos as referidas gambiarras para um ponto na Avenida Principal da rua Flamengo. Para atender os meus eletrodomésticos foi necessário comprar um transformador de 1500 wats para servir para entrar em 220 e sair em 110. Assim passamos a usar a geladeira, ventilador e a televisão. Do jeito que eu fiz está resolvendo, mas estamos esperando a Rede CEMAT para ver se ao invés de gambiarras, possamos fazer as ligações dentro da legalidade. Quando há queda de energia é o senhor Antonio, o Geraldo e eu, os responsáveis para fazer a verificação na Rede. Subimos nos postes sem nenhuma segurança e corremos sérios riscos de morrer eletrocutados ou cair do poste. Agora a nossa região está melhorando, o ônibus está circulando quase que normalmente, inclusive, passa em frente da minha casa. O asfalto já chegou em frente da madeireira e tenho certeza que logo chegará até ao final das últimas ruas. Quanto a coleta de lixo, não dispomos deste serviço, por isso, acabo enterrando ou queimando. Sei que isto não é correto, pois prejudica o meio ambiente, porém não tenho outra alternativa.

Em uma entrevista ao jornal Folha do Estado de 13 de abril de 2002, o líder comunitário da segunda fase do bairro, onde a situação dos moradores é bastante crítica, José Milton Rezende denuncia a falta de vontade política dos órgãos competentes para resolver os problemas. Segundo o líder comunitário, **“já estou cansado de reclamar junto ao poder público do abandono da segunda fase do bairro, diz revoltado”**. De acordo com José Milton, a proprietária da área já negociou a área, só faltando liberação da própria prefeitura.

Ainda em relação ao bairro, o senhor José Dias destaca que:

No período que eu cheguei na escola, o bairro tinha pouca gente ainda. Ainda tinha alguns lotes vazios, tinha um pouco de cerrado. Algumas árvores caíam por motivo de muito vento, caíam. Aqui na escola mesmo tinha umas cinco ou seis arvores natural de cerrado e que o vento derrubou (...). E aqui era um lugar muito alagado e na época das chuvas era muito complicado andar nas ruas, né? Não dava para passar, não tinha como. Era a água subir e ficava quase intransitável, para chegar na escola. Mas agora já veio o pessoal da urbanização da Prefeitura e já fez os encanamentos para aliviar. Fez o decantamento para aliviar essas águas demais que tinha no bairro, para evitar até as erosões nas ruas.

As dificuldades do bairro Dr. Fábio ainda continuam, uma vez que praticamente nenhuma infra-estrutura foi realizada. As pessoas ainda convivem com a dificuldade com a falta da coleta de lixo, falta de água encanada, asfalto, entre outros.

Uma das questões mais sérias estava relacionada ao transporte coletivo; devido aos inúmeros assaltos enfrentados pelos motoristas e cobradores. Essa situação acabou se agravando tanto, que os moradores acabaram sendo penalizados pela retirada do ônibus que fazia a integração do terminal do CPA para o bairro.

De acordo com a manchete “Transporte coletivo vira motivo de reclamação”, do jornal A Gazeta

O morador que depende do ônibus durante a noite é o mais prejudicado. O coletivo pára de circular por volta das 20 horas. Quem estuda a ou trabalha no período noturno é obrigado a descer na Avenida dos Trabalhadores e fazer o trajeto a pé.

Porém, não é o fato de ir andando que preocupa os moradores, mas as ruas mal iluminadas e o risco de ser assaltados pelos bandidos.

Contudo, mesmo enfrentando todas as dificuldades, muitos acreditam que ainda é melhor conviver com os inúmeros problemas, do que não ter um lugar morar, ou ter que desembolsar do salário o pagamento do aluguel.

1.2 Descrevendo o local de investigação

A Escola Municipal de Educação Básica Dr. Fábio Firmino Leite faz parte das 101(cento e uma) unidades escolares, que compõem a Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, sendo que 77(setenta e sete) localizam-se na zona urbana e 24 (vinte e quatro) na zona rural. Na educação para o meio rural, ainda convivemos com um número de escolas que se organizam através da multisseriação, onde um professor é responsável por várias séries, em uma única sala de aula.

A conquista pela moradia foi uma das principais marcas na história da área de

expansão urbana Dr. Fábio Firmino Leite, e que acabou impulsionando as lideranças da região, juntamente com a comunidade, a empreender uma nova luta, que foi garantir o direito do acesso à educação para os seus filhos, de acordo com o que preconiza a Constituição Federal de 1998, em seu artigo 205.

A educação, direito de todos é dever do Estado e da família, e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com intuito de estar garantir o direito constitucional do acesso a educação é que a Secretaria Municipal de Educação deslocou para a região, uma professora com a missão de realizar a tarefa de fazer um levantamento sobre o numero real da clientela a ser atendida. Desta forma, o levantamento cadastral, realizado no mês de outubro de 1999, constatou a existência de um número significativo de crianças fora da escola, bem como, daqueles que estavam sendo “obrigados” a se deslocar para os bairros vizinhos, fazendo longas caminhadas para chegar a outras unidades de ensino.

A atual diretora da escola Dalva Catarina foi a pessoa, na época, que recebeu a incumbência para a realização do trabalho e relata da seguinte forma a experiência vivenciada por ela

A escola para mim começou em 99 quando o então Secretário de Educação, professor Edivá, que na época solicitou que eu viesse até ao bairro Doutor Fábio para fazer um levantamento das necessidades, que eram levantadas por moradores e políticos. Isso eu fiz aos finais de semana. Tivemos aqui a parceria e o apoio de um morador da época, o senhor Santiago, que é vizinho hoje da escola. Ele ofereceu para nós a sala da casa dele, que na época, era uma peça ou duas peças, parece. E aqui era mato puro. E para chegar até aqui, onde é a escola hoje, foi assim: era apenas um, como diria, um trieiro, assim, de certa forma, não tinha máquina, não tinha passado, ou se tivesse passado, sei lá o mato já tinha tomado conta.

Quando nós levamos que tinha 280 crianças cadastradas, eu falei para Noelci, na época, uma funcionária da Secretaria que estava a frente do lotacionograma da Secretaria Eu disse assim: olha, 280 crianças hoje, mais há possibilidade de ser mais. Então na época, ela disse que para 280 crianças, quatro salas de aulas mais dependências seriam suficientes. Quando falaram isso, eu disse o seguinte: olha 280 crianças hoje cadastradas, mas o dia em que em que construir a escola, pode ter certeza, que vai ter muito mais. Na época eu não tinha experiência, mas vivenciando a realidade do cadastro, a gente via como muita gente não acreditava. Ela fazia o cadastro (...). Ela tinha medo de repente de por aqui, falar que ia estudar para cá e não ter escola.

Segundo a entrevistada, a primeira parceria estabelecida com um morador da comunidade foi fundamental para que a equipe da escola pudesse estar organizando, ainda no final de 99, todo o encaminhar do ano letivo de 2000, pois foi na residência do senhor Santiago, que foram dados os primeiros encaminhamentos administrativo. Desta forma, a

residência possibilitou que as inúmeras matrículas dos “futuros” alunos pudessem ser efetivadas, em uma sala que foi transformada em secretaria; uma pequena área nos fundos da casa foi utilizada para realizar as reuniões e planejamento com os professores efetivos que estavam chegando com suas cartas de apresentações e que não dispunham ainda de um local para a realização de suas atividades.

Na entrevista realizada com o seu Santiago, na sua moradia, começamos a nos contagiar pela imensa alegria desse senhor, pois o mesmo demonstrava sentir muito orgulho de ter tido uma participação muito especial na história da escola. Relata como conheceu o secretário municipal, da época, Edivá Pereira Alves e a professora Dalva, quando estes andavam pelo bairro procurando um local para a construção da escola. Fala da quadra que ajudou a escolher, a 58, que está localizada ao lado da sua casa, e relata sobre a transferência das famílias que habitavam no local, para uma outra área. Segundo ele a transferência ocorreu quando foram construídas as moradias e a instalação da luz elétrica. Então iniciou a construção da escola tão sonhada pelos moradores da região. Enquanto o processo de construção seguia em frente, o senhor Santiago decidiu fazer a cedência da sua casa porque **“como eu tinha duas salinhas desocupadas, e assim meio rústico, o chão rústico, eu ofereci para eles, para ver se eles queriam começar aqui”**.

A professora Ivonete considera que mesmo com a demonstração de solidariedade do senhor Santiago, em ceder o espaço da sua residência, acredita que a ocupação pelos funcionários da futura escola provocava um certo transtorno para o morador, e ilustra a situação da seguinte forma:

E nós estávamos usando o fundo da casa, estávamos usando a sala, estávamos usando a geladeira com a água dele. Então, realmente muito complicado, agente também tem que ter tato nesse sentido, porque muito embora ele seja uma pessoa muito prestativa, era fundamental que agente tomasse o cuidado até para não invadir demais a privacidade do senhor Santiago. Então algumas vezes, nós dispensávamos os professores e dizíamos voltem daqui a dois dias, isso para que agente não ficasse todos os dias, várias pessoas na residência dele,

A afirmação da coordenadora não é compartilhada com o senhor Santiago que se expressou da seguinte forma, sobre a cedência do seu lar

quando eu emprestei as salas para eles eu estava sozinho porque a minha família mora uma parte em São Paulo e outra aqui. São 12 filhos; a minha esposa não se dá aqui e ela fica com eles para o bem de sua saúde. Então o funcionamento foi ótimo, ninguém me dava trabalho, eles usavam da melhor maneira possível que dava para funcionar. E eles entregavam tudo em ordem, todos os dias. Eu trabalhava junto na construção do colégio, então eles que tomavam conta de tudo. Aqui foi uma harmonia muito boa que até hoje eu tenho um bom relacionamento com o povo do colégio. (...). A água que dava para os funcionários da construção era da minha casa, da minha geladeira porque não tinha

como fornecer água para o pessoal da época.

Em relação a presença do senhor Santiago dele na Unidade de Ensino, percebemos que não ocorreu somente nos primeiros momentos que antecederam a construção da escola, pois, durante todos esses anos ele tem sido uma pessoa que se tornou um parceiro da escola, sempre presente, sendo a sua participação reconhecida por várias pessoas da escola e da comunidade.

Durante o período de investigação, era muito comum encontrá-lo no recinto escolar, em alguns momentos conversando com a equipe gestora, com os funcionários, com os alunos, ou mesmo realizando algum trabalho. E foi em um desses momentos de sua estadia na escola, que pudemos perceber o seu grande interesse em ser entrevistado e contribuir com uma pesquisa que tem como foco o trabalho desenvolvido pelos diversos atores que fazem parte do espaço escolar.

As inúmeras dificuldades iniciais enfrentadas pelos profissionais foram “compensadas” pela construção da mais nova unidade escolar da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, sendo inaugurada no dia 13 de março de 2000, onde o Jornal “Diário de Cuiabá deu destaque através da reportagem intitulada “Ex- invasão ganha escola para atender 208 alunos.

O prefeito Roberto França e o Secretário Educação Edivá Alves inauguraram ontem, no bairro Doutor Fábio Firmino Leite, uma escola de quatro salas de aula, que começou a funcionar com 280 alunos. Construída em regime de urgência (quatro meses) para atender as crianças das famílias recém-instaladas no bairro, a escola passou a ser a mais importante obra pública do local. Isso porque o bairro nasceu de invasões no início do ano passado e só depois a prefeitura o assumiu. O prefeito desapropriou parte da área e a transformou em loteamento popular.

Foi inaugurado também um poço artesiano para atender a escola, onde a capacidade de produção de 13 mil litros por horas; o secretário Edivá autorizou a comunidade a abastecer suas casas com água do poço, uma vez que o bairro ainda não dispunha de água. Então podemos considerar que desde a sua inauguração a escola começou a estabelecer laços fortes de parceria com a comunidade local.

Como fora previsto pela pessoa responsável pelo cadastro, a nova construção, com apenas 4 (quatro) salas de aulas não eram insuficiente para atender toda a demanda em dois turnos (matutino e vespertino), havendo a necessidade de ser criado o turno intermediário, ampliando o atendimento para 360 alunos, compreendendo alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Em relação ao turno intermediário, duas entrevistadas se posicionaram da seguinte forma:

Eu trabalhava com o vespertino que entrava as 1500 e saia as 18:45. Era uma coisa corrida, não tinha intervalo, as crianças reclamavam muito, ‘ah! Eu quero ir para o recreio’, ‘ah! Agente sai de noite’. Nós saíamos daqui as quinze para as sete da noite, e ia a noite lá para os Três Barras. Era com medo né. O pessoal todo dava medo, né. ‘Ah, aqui o bairro é perigoso, morre gente, não sei mais o quê. Do Doutor Fábio ia para os Três Barras, ia nesse horário’.

Então nós entrávamos as sete, quinze para as onze eram liberadas as crianças, os funcionários tinham quinze minutos, assim correndo para limparem a escola, onze horas tocava-se o sinal para a outra turma; onze horas nós já estávamos fazendo a acolhida, quinze minutos para as quinze da tarde, já estávamos saindo porque as quinze horas, certinho, estava entrando outra turma, que nós chamamos de turma vespertino. E nós saíamos quase as dezenove horas (Janes Evangelista).

(...). Em uma reunião com os pais, decidimos que de repente, ao invés de sair quinze para as sete da noite, poderíamos estar liberando s seis e meia. Então em uma reunião, os pais, até mesmo por insistência dos pais, começamos a liberar mais cedo. Nós não temos recreio, e até mesmo em função disso, toda a escola nesse sentido, sem intervalo, porque quinze para as onze saiam, e as quinze para as quinze e quinze para as sete saíam..

Nós ficávamos extremamente estressadas, a equipe gestora estava extremamente cansada,. Então era uma situação extremamente complicada mas, dentro de nossas possibilidades, nós tentávamos fazer o nosso trabalho (Ivone - coordenadora pedagógica).

Os relatos deixam evidente que a nova escola já foi inaugurada com deficiência para o atendimento ao número de alunos existentes na escola causando de certa forma sérios transtornos para os profissionais que pa passariam atuar naquele espaço escolar. Mesmo com uma estrutura incapaz de atender toda a demanda da região, a escola “nasce” como a concretização de um sonho da comunidade. Outro avanço foi a organização estruturada através dos Ciclos de Formação⁸ onde o foco principal foi a compreensão da aprendizagem do aluno através dos seus ciclos o seu desenvolvimento: infância, pré adolescência e adolescência.

Além das salas de aulas, a estrutura física da escola, ainda contava com uma pequena secretaria escolar que passou a dividir o espaço com a direção da escola, onde se realizam as atividades gerenciais e administrativas, uma vez que esta última cedeu espaço para o funcionamento da sala de apoio⁹ a aprendizagem; uma pequena cantina foi transformada em sala de professores, onde o espaço reduzido e muito quente acabava dificultando o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

⁸ Ciclos de Formação: A Rede Municipal de Ensino de Cuiabá começou a discutir a organização através dos Ciclos de Formação em 1998, onde a Secretaria Municipal de Cuiabá proporcionou aos educadores vários cursos, seminários e intercâmbios com outros Estados que já estavam vivenciando a experiência dos ciclos. No ano seguinte, 42 (quarenta e duas) escolas a nova organização, em 200 mais 26 acabaram optando pelos ciclos, e em 2001, mais 13, totalizando 81. Destas escolas apenas uma retornou a seriação argumentando a falta de recursos materiais, financeiros e a falta de capacitação para os professores.

⁹ A Sala de Apoio: na escola ciclada, a sala de apoio tem como objetivo estar fazendo um trabalho mais intensivo, com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. O atendimento deve ocorrer em horário inverso ao qual o aluno estuda, onde o numero máximo por grupo de trabalho deverá ser de 10.

Mesmo com uma estrutura considerada não ideal, pois não atendia todas as necessidades da clientela, a escola tornou-se praticamente um dos poucos espaços a ser freqüentado pelos alunos e comunidade em geral, uma vez que a região não dispunha de outros espaços educativos para a prática de atividades diversificadas. Assim, o novo espaço passou a ser utilizado para a realização das reuniões comunitárias, catequese, cultos, projetos culturais e vacinação de animais e crianças.

A prática da comunidade de utilizar o espaço escolar é primordial como afirma Freire (1995, p.15)

A qualidade dessa escola deverá ser medida não apenas pela quantidade de conteúdos transmitidos e assimilados, mas igualmente pela solidariedade de classe que tiver construindo, pela possibilidade que todos os usuários da escola - incluindo pais e comunidade - tiverem de utilizá-la como um espaço para a elaboração de uma cultura.

Atualmente a unidade escolar, local escolhido para a da investigação conta com uma estrutura física maior, pois a ampliação do número de salas de aulas, do tipo “colméia” foi a grande novidade, ampliando o atendimento para 580 (quinhentos e oitenta) alunos, em dois turnos (matutino e vespertino), possibilitando assim, um aumento significativo da clientela atendida.

A construção das salas colméias traz a grande novidade da realização da obra ser realizada através do Programa de Ação Comunitária (PROJAC), onde as unidades escolares passaram a realizar reformas e ampliações com mão de obra e fornecedores regionais, desburocratizando o processo e gerando renda para a comunidade envolvida. Os recursos são repassados através do Fundo Municipal de Educação (FUNED) para as Unidades Executoras das Escolas, através de um convênio e em conta específica, que fica sob a responsabilidade da escola e da presidência do CEC (Conselho Escolar Comunitário). Estes passam a administrar os recursos e são ordenadores de despesas, podendo utilizar o valor repassado para adquirir materiais e contratar serviços necessários à escola, priorizando a mão de obra dos bairros onde a escola está localizada. A Secretaria Municipal de Educação acompanha a execução técnica das obras, assegurando a qualidade do serviço. Os ordenadores de despesas prestam contas ao Tribunal de Contas do Estado, enviando comprovantes ao Fundo Único de Educação, ao Conselho Municipal de Educação e as Organizações Sociais ao entorno da escola.

A nova construção possibilitou a eliminação do turno intermediário, que acabava causando sérios transtornos, tais como: professores realizando jornada ininterrupta de trabalho; falta de tempo para que os profissionais de serviços gerais pudessem realizar seu

trabalho; sobrecarga de trabalho para a equipe gestora que tinha que acompanhar todos os turnos de funcionamento; muitos alunos se deslocavam sem terem realizado, uma das principais refeições, o almoço. Segundo a coordenadora pedagógica, o término da ampliação da escola provocou uma imensa euforia nos profissionais da escola, principalmente para aqueles que estavam desde o início enfrentando todas as dificuldades.

Além da eliminação do turno intermediário, as salas do tipo “colméia” foram apresentadas pela Secretaria de Educação como uma alternativa para uma possível mudança no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Como possui uma estrutura de paredes móveis que transformam as salas em Mini Auditório, sendo que estes podem ser utilizados para palestras, apresentações culturais, sessões de filmes, oficinas variadas. As mesas também foram projetadas de forma que possibilita o encaixe entre elas, podendo se transformar em pequenos, médios ou grandes círculos para que os trabalhos, em grupos pudessem ser utilizados com bastante frequência, possibilitando aos alunos, maior socialização e interação.

Em conversa com alguns profissionais da unidade escolar e também fazendo observações em relação às salas colméias podemos apontar alguns problemas que ainda incomodam os usuários: o calor intenso, uma vez que as paredes móveis são feitas de metal; bem como, o emperramento dessas nos trilhos impedindo a sua utilização como auditório; os ruídos de uma sala que acaba incomodando a outra, interferindo quase sempre no trabalho que está sendo desenvolvido; instalação de quadros brancos fixos nas paredes tornando quando inviável a manutenção das compras de pincéis; a chuva que entra nas salas molhando crianças e materiais; carteiras e mesas frágeis que caem as pernas sempre que os alunos as levantam, obrigando assim o parafusamento das mesmas. Na realidade a escola não tem conseguido fazer a utilização das salas de acordo com o objetivo, devido a inadequação e problemas ocasionados, em sua maioria, da própria construção.

Mesmo com os problemas levantados pelos profissionais que atuam na unidade de ensino, no que se refere a estrutura física, a escola Doutor Fábio Firmino Leite tem conseguido manter um excelente estado de conservação: os vidros das salas estão praticamente intactos, demonstrando que os alunos e comunidade tem muito zelo por esse bem publico; escola não tem sofrido atos de vandalismo; pois não existem buracos nos muros, tão comuns em várias unidades de ensino; as flores e as folhagens de um pequeno jardim, não sofrem a quebra dos seus galhos, e as crianças brincam numa perfeita harmonia com a natureza. Outro fator interessante é que mesmo localizado em um local sem asfalto, onde impera muita poeira, as salas de aulas, os corredores e saguão são mantidos sempre limpos, deixando transparecer um ambiente bastante agradável.

Em entrevista ao Jornal Folha do Estado, a diretora Dalva Catarina afirma que:

Muitos que visitam a escola acham que ela passa constantemente por reformas, por estar sempre bem conservada. A pintura que parece recente foi feita quando a instituição foi entregue para a comunidade no ano 2000. As nossas paredes são limpas e as vidraças estão inteiras. Os nossos alunos são os que fiscalizam.

A diretora também fala sobre o trabalho em parceria que desenvolveu com os pais, onde o objetivo esteve voltado para a reforma das carteiras escolas. Segundo ela, **“se não fosse o trabalho conjunto muitos alunos da nossa escola não teriam lugar para sentar. No ano passado tinha uma carteira para dois ou três alunos”**. Com o trabalho realizado foi possível recuperar mais ou menos 50 carteiras, comenta.

O quadro de funcionários da unidade escolar apresenta os seguintes dados:

Professores de 20 horas efetivos	09	03 foram cedidos para outras instituições, por isso houve a necessidade da realização de contrato três professores de 20 horas.
40 horas efetivos	06	02 foram cedidos para outras instituições, por isso houve a necessidade de contratar quatro professores de 20 horas.
Técnico de Nutrição Escolar	04	Todos estão em exercício na escola.
Técnico de Manutenção de Infra-estrutura	07	Todos estão em exercício na unidade escolar.
Técnico de Multimeio Didático	01	Em exercício na unidade escolar.
Oficial Administrativo II	01	Em exercício na unidade escolar.

O quadro acima refere-se à realidade encontrada em 2004, e aponta uma situação comum nas escolas que se localizam em região da periferia. Verificamos que a unidade de ensino não trabalhou com um quadro permanente de professores, uma vez que a escola sempre conviveu com a necessidade de contratar professores em substituição aos cedidos, ou mesmo para aqueles que pedem remoção da escola. Outros levantamentos apontam que a escola vem trabalhando, desde a sua inauguração, com um quadro onde se caracteriza pela mobilidade de funcionários, o que acabava dificultando em muito o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Segundo a coordenadora pedagógica, o trabalho acaba não tendo uma continuidade, pois, todo ano há necessidade de estar retornando a ponto de partida, levando

muitas vezes a um sentimento de impotência e frustração.

Mesmo com um quadro de não efetivos, a equipe gestora afirma que os educadores tem conseguido realizar um bom trabalho, principalmente no que se refere à preservação do espaço educativo. Segundo a diretora, a escola ainda está com a pintura realizada na época da sua inauguração, em 2000, demonstrando assim, o cuidado que os alunos e comunidade tem para com a escola. Enfatiza que acredita que isso se deve ao fato do trabalho que a escola faz de valorização do patrimônio público, onde todos os funcionários têm a função de incentivar as crianças a não riscar a não quebrar. Sempre digo para as crianças **“nós devemos ter a escola como a extensão de nossa casa”**. Afirma que talvez seja pelo trabalho realizado pela equipe, considera que a escola é privilegiada.

Mesmo tendo conseguido desenvolver um trabalho para a preservação da escola, a unidade de ensino sofreu com os assaltos que trouxeram muitos prejuízos para a escola. Em entrevista ao Jornal Gazeta, de 5 de maio de 2000, a coordenadora pedagógica Ivonete Reis afirma:

Que todos os dados da escola estavam no computador, nós o utilizávamos para fazer o plano de aula dos professores, para escrever ofícios e para mandar atualizados os dados dos 650 alunos. Perdemos tudo.

Num outro assalto em 2001, o vigia foi rendido, e os bandidos apoderaram de vários objetos que contribuía para o desenvolvimento educativo na escola. De acordo com os registros da Assessoria Jurídica, no referido ano foram registrados 35 ocorrências, sendo que: 7 na Regional Norte, 9 na Sul, 13 na Leste e 6 na Oeste. Pelos dados apontados, a Regional Sul foi a localidade em que foram registrados os maiores índices de ocorrências.

De acordo com o boletim 10372/01 registrado pela diretora da escola foram furtados: 1 televisor com vídeo aclopado 20 Sanyo, 1 aparelho de som gradiente, maquina fotográfica ninja, computador completo, impressora HP 610, aparelho celular erickson, aparelhos eletro eletrônicos do vigilante e 1 TV 14” e R\$ 52,00 (cinquenta e dois reais) do vigilante

O assalto mencionado acabou provocando muita preocupação nos profissionais, uma vez que além do prejuízo pelos materiais furtados, ainda ocorreu a violência contra a vida do vigilante que fazia a proteção do patrimônio público.

É nesse contexto descrito da escola Doutor Fábio Firmino Leite, onde fica evidenciando que desde o início a mesma foi se construindo através de muita luta e esforço por parte da comunidade local, e com o decorrer dos anos passou a ser, um das opções para as crianças que moravam no bairro e em seu entorno e também com a experiência de ter sofrido

dois assaltos desde a sua inauguração, e que a escola coloca como desafio estar desenvolvendo um trabalho mais próximo com a comunidade que está localizada em seu entorno.

Nos capítulos seguintes fazemos uma recuperação histórica desses projetos na Rede Municipal e posteriormente como é que eles surgiram e se desenvolveram na escola de Educação Básica Doutor Fábio Firmino Leite, e como, aos poucos foram promovendo o fortalecimento da democratização na unidade escolar, utilizando-se das atividades culturais, e como foram produzindo o impacto no cotidiano do espaço escolar, bem como, na organização do bairro.

1.3 Os Sujeitos de investigação¹⁰

Os sujeitos que definimos entrevistar foram pessoas que muito se assemelhavam aos da pesquisadora Gomes (2000, p. 15 e 16), assim retratadas:

São pessoas concretas e vivas, uma vez que qualquer uma delas é encontrada numa via pública da ducentenária cidade de Cuiabá, no Centro Oeste Brasileiro. Algumas delas podem ser daqui nativas, ter maxilares trazidos de avós índios bem próximos ou gerados com o auxílio de ancestrais negros ou de pais europeus abasileirados em terras do sul ou do leste, assim como podem aqui não ter nascidos e serem elas próprias migrantes.

Espósito e Bicudo (1994, p.28 e 29) destacam a importância dos relatos como contribuição para dar uma melhor consistência à pesquisa.

Buscam-se os significados dos eventos vividos pelos sujeitos da pesquisa, obtidos através de expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo investigado e que são expressões descritas para o pesquisador, pelo próprio sujeito que as percebe. Os dados são, pois, as situações vividas pelos sujeitos que são tematizadas por eles, conscientemente nas descrições que faz. Ao descrevê-las, espera que os sujeitos simplesmente relatem de modo preciso o que ocorre com eles ao viver suas experiências.

Como os dados são percebidos e relatados de maneiras diversas pelos sujeitos, pois o significado expresso por eles sobre as suas experiências pode variar de sujeito para sujeito, o

¹⁰ As entrevistas com os sujeitos de pesquisa foram realizadas no período de julho a dezembro de 2004, portanto, as idades dos sujeitos de investigação correspondem ao respectivo ano.

pesquisador se defronta com um conjunto de significados. O número de sujeitos para a realização das entrevistas não foi definido a priori. Com o processo já em curso é que houve a definição por 16 pessoas, pois consideramos que elas poderiam oferecer materiais com informações suficientes para a análise do objeto investigado.

É fundamental esclarecermos que uma das principais características de uma investigação qualitativa, no que se refere especialmente aos sujeitos a serem entrevistados, e a não rigidez na dos critérios. De acordo com Espósito e Bicudo (1994, p. 29).

Não cabem aqui critérios tradicionais de representatividade, uma vez que o sujeito só representa a ele mesmo e não está procurando certezas pela quantidade de diferentes significados. Procura-se a qualidade diferenciada, das percepções dos sujeitos sobre as suas experiências.

É certo, entretanto, que nesta abordagem trabalha-se com um número menor de sujeitos do que em outras abordagens. Primeiro, e principalmente, porque a partir de um certo número de sujeitos as descrições tendem a evocar significados percebidos como equivalentes pelo pesquisador e só ele – o pesquisador – ao olhar atentamente as descrições obtidas que se declaram satisfeitos, considera que é suficiente, pelo menos por enquanto, o conhecimento obtido, pois estes permitem que o fenômeno se mostre para ele, numa ou mais perspectivas, mas não em todas.

1- Dalva Catarina do Nascimento - Diretora da unidade escolar desde 2000.

Dalva, 43 anos, casada, tem uma filha e vem de uma família de nove irmãos. Começou na educação aos 16 anos, não por opção, mas por necessidade mesmo, depois aprendeu a gostar, e hoje está com quase 25 anos dedicados à profissão na rede pública (estadual e municipal).

Revelou que a educação contagia de forma que não temos como deixá-la depois, pois o educador cria ideais e vai a busca desses sonhos.. **“Como mãe, sinto que hoje a educação é mais do que necessidade, mais do que prioridade, mais do que objetivo. Ela é a lápide de qualquer indivíduo de qualquer pessoa”.**

Na sua família sempre foi conduzida para buscar a educação enquanto prioridade de vida, afirmando que seu pai era uma pessoa humilde, mas que sempre deixou muito clara a finalidade do estudo, como a única forma de sobrevivência, um bem que teriam para o resto da vida.

A informante disse que aprendeu muito com o caminhar da educação, pois agora tem a clareza de que não pode resolver tudo sozinha, que dependemos uns dos outros, não podendo

assim imperar o individualismo, e destaca que **“muitas vezes temos as diferenças que são vistas como divisões, e não como somas, e, com o tempo, tudo isso a gente percebe, percebe que o coletivo é a melhor forma de conduzir os trabalhos enquanto educadora”**.

Em entrevista a diretora destacou que a experiência na direção é única porque a cada ano você se surpreende com as mudanças, com formas de conduzir diferente (se referiu às mudanças políticas). Também se referiu a alguns profissionais que fazem da educação um “bico” e acabam frustrando os seus ideais. Destacou que foi por acreditar nesses ideais que, em 2000, começou a realizar trabalhos aos finais de semana, iniciando assim o processo de participação fora do horário normal das aulas.

Durante nossa investigação a diretora se mostrou bastante acessível, inclusive ajudando a pensar em uma agenda para a realização das entrevistas, ou seja, a viabilização dos horários para que os sujeitos da pesquisa ficassem disponíveis, sem prejudicar o andamento da escola.

2- Ivonete Monteiro dos Reis e Silva - coordenadora pedagógica da unidade escolar, desde 2000.

Ivonete, 41 anos, tem duas filhas e vem de uma família, da qual é a terceira entre seis irmãos. Teve uma infância bem interessante, pôde brincar embaixo das mangueiras, ouvir muitas histórias de lobisomem, mula-sem-cabeça, pé-de-garrafa, mãe-d’água, entre outras. Nasceu e viveu uma parte da sua juventude no bairro da Lixeira, onde compartilhou com parentes, amigos e vizinhos às experiências que contribuíram para a composição da historicidade de uma parte da sua vida. Lembrou com saudades do famoso poço da lixeira, onde as lavadeiras iam lavar as roupas e as crianças ajudavam os seus pais carregando água na cabeça.

A paixão pela profissão de professora começou a ser despertada quando era criança, pois ficava encantada vendo a sua mãe sair para a escola com livros, e no retorno ela ficava várias e várias horas corrigindo cadernos, provas ou realizando o planejamento. Confessou que por muitas vezes via o seu sonho ser realizado quando se reunia com os irmãos e colegas e brincavam de escolinha, imitando sua mãe.

Contou-nos que a sua trajetória profissional começou em 1987, por intermédio de concurso público e que foi lotada na escola emergencial “Augusto Mário Vieira”, anexa à escola Guilhermina de Figueiredo. Disse que as condições de trabalho eram sofríveis, pois tinham que deslocar as crianças para a escola sede na hora do lanche; os banheiros não eram

suficientes para atender toda a demanda; as salas de aulas eram pequenas para o número de alunos; jornais eram colocados no chão para que as crianças pudessem sentar e realizar as atividades.

Depois de algum tempo de muito sofrimento, todos se mudaram para a escola nova que foi construída e que se localiza no mesmo bairro. Enfim, o sonho de estar trabalhando em uma escola com uma estrutura física condizente se tornou realidade.

A coordenadora contou que por motivo de mudança de residência foi trabalhar na Escola 13 de Setembro que se localiza no Parque Atalaia, para onde seu deslocamento era feito com uma bicicleta, pois não tinha condições de estar pagando o ônibus. Depois de algum tempo, sua filha caçula também começou a fazer o mesmo percurso porque foi matriculada no pré-escolar.

Em dezembro de 1999, prestou seleção para coordenadora pedagógica, foi classificada e decidiu tomar posse para atuar na escola Doutor Fábio. Quando chegou com a carta, a escola ainda estava em construção e relembrou o carinho com que ela foi recebida pelo senhor Santiago, um senhor do bairro, que cedeu a sua residência, conforme já mencionamos, para que a equipe gestora pudesse realizar as matrículas e receber os professores que estavam chegando.

A coordenadora se referiu, com muito carinho, aos projetos culturais, fez destaque em relação a tais projetos que, ao longo dos tempos, despertaram grande interesse das crianças em participar na e da escola. Destacou também as inúmeras dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento desses projetos, desde a falta de verbas, a falta de materiais, não envolvimento da maioria dos professores e funcionários e a falta de espaço físico para o desenvolvimento das várias atividades.

Durante o período em que manteve contato com a unidade de ensino, seja observando, entrevistando seja participando de atividades escolares, o envolvimento da coordenação pedagógica foi algo que me chamou bastante atenção. Sempre disposta a cooperar com as pessoas, quer auxiliando os professores, quer discutindo com os alunos a participação nas diversas atividades proporcionadas pela escola, quer atendendo os pais que se dirigiam à escola para buscar informações sobre o desempenho escolar de seus filhos.

3- Rônisson Herculano Lück: ex-aluno da escola e participante do PETI¹¹.

Rônisson, 14 anos, nasceu em Colorado do Oeste, um município e Rondônia. Relatou que morou lá até 2000 e depois, juntamente com a família vieram para Cuiabá para o bairro Doutor Fábio. Inicialmente morou em uma casa cedida por uma vizinha de sua tia, mas, atualmente, já residia com seus familiares em sua casa própria.

O menino também foi contemplado com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), e, ao ser perguntado porque sempre estava na escola, ele disse, abrindo um grande sorriso

Olha. Eu estudo na escola João Crisóstomo, aqui do lado, a uma quadra daqui. Eu sou aluno do PETI, então eu sou como aluno daqui. Sou do PETI, não sou aluno normal, assim de sala de aula, mas faço brincadeiras, aqui juntos, assim faço capoeira. Agora estou fazendo Karatê em outra escola, porque acabou o projeto aqui e comecei lá. Quando tem passeio ao zoológico, quando eu sou escolhido, eu vou com o pessoal daqui. se for gincana, o Cata Mamonas da Pixé, se eu for escolhido pra ir, estamos aí batalhando para ver se a gente ganha a final.

Outra atividade desenvolvida por este aluno foi o teatro. Ele foi um dos alunos que participaram do projeto de teatro desenvolvido pelo Grupo Cena Onze na escola. O referido aluno passou pela seleção e, atualmente, compõe o Grupo Fuzuê, um dos mais belos trabalhos desenvolvidos na escola. Grupo este que já encenou duas peças: Flicts e a Carta da Terra, e se encontrava em fase de finalização da terceira peça teatral, denominada “o circo”.

Nas palavras da professora Janes do PETI, o aluno é uma pessoa ímpar, ela disse que tudo que ele assumiu, ele fez e faz de forma maravilhosa. Com isso reforçou o elogio a ele. A coordenadora pedagógica afirmou que **“atualmente o Rônisson é o orgulho da nossa escola”**.

4- Janes Evangelista - instrutora do PETI e professora.

Janes estava cursando o 4º semestre de Pedagogia na Universidade de Várzea Grande (UNIVAG). Tem 41 anos, mãe de dois filhos e se tornou avó recentemente. Disse gostar

¹¹ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) destina às famílias de baixa renda, com filhos na faixa etária de sete a quatorze anos, submetidos a trabalhos caracterizados como insalubres, degradantes, penosos, seja na zona urbana ou rural. É uma parceria entre o Governo Federal e a Prefeitura Municipal de Cuiabá, através das secretarias de Bem Estar Social e de Educação. O objetivo do programa é buscar o reingresso da criança à escola, assegurando sua permanência e o sucesso escolar, incentivando um segundo turno, de atividade, chamada de Jornada Ampliada.

muito da profissão que escolheu e contou com o apoio da mãe, do esposo e dos filhos.

A professora é uma das mais antigas da escola, pois fez e faz parte da equipe desde a sua inauguração, destacou as dificuldades enfrentadas quando trabalhou com o turno intermediário. Ao mesmo tempo disse que entendeu que naquele momento a escola tinha o dever de estar atendendo os alunos que se encontravam fora do espaço escolar ou estudando longe de suas residências.

Em relação ao Programa PETI, afirma que este ano (2004), tudo ficou muito complicado, pois só puderam iniciar as atividades a partir da metade do ano que prejudicou muitas crianças que acabavam ficando na rua. A professora estava com 60 alunos por período e, chegou a solicitar para a diretora que a turma pudesse ser dividida para melhorar o atendimento. Destacou que alguns adolescentes se encontravam em fase de exclusão¹² mais continuaram participando normalmente das atividades.

Janes lembrou dos tempos passados, em que alguns funcionários não sabiam tratar os seus alunos, inclusive se referindo a eles com a denominação de “peste”, ao invés de PETI. Segundo ela, muitas vezes chorou pela falta de compreensão e respeito por parte de alguns colegas, mas como sempre contou com a colaboração e compreensão da equipe gestora, acabou superando e revertendo a situação. Uma outra questão que ela relatou como muito problemática foi a falta de amplos espaços para o desenvolvimento das atividades, pois o pouco espaço existente era disputado com o professor de Educação Física.

Durante a entrevista, percebemos a grande emoção da professora, ao se referir ao seu filho Francisjony, que faz um trabalho voluntário com os projetos culturais, trabalhando com a capoeira, destacando a importância desta atividade.

Até não gosto muito de comentar porque fica parecendo mãe coruja. Eu sou uma mãe realizada com esse filho, principalmente nesse sentido, ele é um ótimo filho. Nesse trabalho que ele está desenvolvendo me jogou muito para cima. Eu questiono muito porque moro em frente a uma boca de fumo, e eu não escondo isso de ninguém, tenho sobrinhos que são envolvidos com drogas, né. Então foi uma forma, assim sem querer, eu nunca imaginei que seria a melhor forma da minha vida de tirar o meu filho de um ambiente péssimo.

Para reafirmar a importância do trabalho desenvolvido com as crianças, na vida de seu filho, Janes afirmou que mesmo tendo conseguido emprego em um condomínio como porteiro, ele tem arrumado tempo, nos dias de folga, para dar continuidade ao trabalho com a

¹² Exclusão no PETI: segundo a coordenadora da Bolsa Família (Programa Federal), na Secretaria Municipal de Educação, Rozinalva Takági o benefício é destinado ao atendimento de crianças na faixa etária de 6 a 16 anos. Ao atingir os 16 anos, inicia-se, então, a retirada desses adolescentes do programa.

capoeira, uma das suas maiores paixões.

5- Aroldo Jovino Pulquerio - instrutor voluntário de Artes Plásticas.

Aroldo, 42 anos, casado, dois filhos. Nasceu em Rosário Oeste, e lá passou toda a sua infância e juventude. Veio para Cuiabá, em 1983, quando estava com 20 anos de idade, juntamente com a sua família, em busca de trabalho.

Chegando aqui, trabalhou no comércio ao longo de 8 anos, depois passou a fazer compras no Paraguai e montou uma pequena loja, mas, cujas portas fecharam em 2002.

Em sua entrevista relatou que o seu amor pelas artes surgiu ainda na infância quando estudou na escola Artur Borges, localizada em Rosário Oeste. Com os seus professores aprendeu a confeccionar trabalhos com argila, pintura em panos e trabalhos com cordas. Essa afinidade com a arte lhe possibilitou desenvolver um trabalho voluntário com as crianças da escola “Doutor Fábio”.

Aroldo afirmou que quando começou a trabalhar com as crianças, não tinha nenhuma experiência pedagógica; na verdade foi adquirindo experiência ao longo do desenvolvimento da atividade. Também logo percebeu que ainda precisava dominar algumas técnicas que são fundamentais para a produção da arte. Mesmo assim considerou a validade do trabalho, pois as crianças demonstravam muita alegria por estar participando da oficina, uma vez que crianças das regiões periféricas não têm acesso a esse tipo de atividade.

A participação do trabalho com as crianças acabou incentivando que o instrutor fizesse vestibular na Universidade de Cuiabá para Educação Artística. No momento desta pesquisa cursava o 4º semestre e disse acreditar que hoje tem muito mais embasamento para desenvolver um trabalho com crianças. Sempre tem se colocado à disposição para realizar atividades voluntárias que envolvam a promoção do acesso das crianças e jovens às artes plásticas.

6- Francisjony G. da Silva - instrutor voluntário de capoeira.

Francisjony, 21 anos, pai de uma criança de sete meses. Afirmou ser um pai bastante jovem, por isto se sentia com uma responsabilidade dobrada, mas que sabia separar bem as coisas.

Durante toda a entrevista, Francisjony demonstrou a preocupação em realizar um

trabalho que contribuísse para tirar as crianças da rua, dos riscos das drogas e a prostituição. Afirmou que fez sua opção em estar trabalhando como voluntário e disse acreditar que, se cada um fizesse uma parte, a vida em comunidade poderia estar bem melhor.

O nosso entrevistado falou das inúmeras dificuldades que enfrentou, como a falta de espaço para desenvolver a capoeira, obrigando que as atividades ocorressem a céu aberto; a falta de materiais, especificamente, as calças, por falta destas, os alunos não podiam realizar os exercícios com mais comodidade.

O instrutor de capoeira foi um dos primeiros voluntários da escola e, atualmente, está lutando para realizar um grande sonho que é o “batizado de capoeira” das crianças que estão envolvidas no projeto.

7- Ivaldo José Santiago - morador do bairro.

Ivaldo, carinhosamente chamado por todos de “seu Santiago.” Ele veio do Espírito Santo, morou uns 25anos em São Paulo e chegou a Cuiabá em 1983. Ele escolheu o Centro Político Administrativo (CPA) para morar até 1998, quando foi obrigado a vender a casa para pagar a Prefeitura. Ao saber da ocupação da área, mediante processo de grilagem, tomou a decisão de tirar dois lotes para construir a sua moradia. Disse, com muito orgulho, que tem 12 filhos e que todos estão vivos, estudando e trabalhando. Em relação a sua esposa, disse que ela mora em São Paulo e, por ser ela muito doente não pôde continuar junto com ele, mas disse acreditar que a decisão dela foi sábia.

Ele fez parte da história da escola, uma vez que esta teve início, como já mencionamos, em sua casa. Também participou da construção da nova escola. Destacou que sempre teve um bom relacionamento com todos que fazem parte da escola e do bairro, inclusive, naquele momento, ele era o vigilante aos finais de semana e feriado.

“Seu Santiago” sorriu e disse que foi com satisfação que falou sobre os projetos culturais desenvolvidos pela escola porque acreditava e acredita que

Isso é muito importante quando tinha no ano passado, né, quando tinha no ano passado havia muito envolvimento das pessoas, das crianças principalmente na capoeira, no teatro e também na banda, quando havia a banda. Era um interesse muito grande, então existia um interesse muito grande. Então era um interesse muito grande, então existia um movimento muito grande de crianças aqui, e eles sentem a necessidade porque não tem outras atividades no bairro. Então isso é muito importante e seria bom que a Prefeitura continuasse com esses projetos.

Não fica barato e pela comunidade é difícil conseguir, então tem que ser através da Prefeitura, né? E se seus dirigentes mantêm esse trabalho e aí evita a ladroagem, e eles aprendem a ser mais humano uns com os outros, a ser mais obedientes.

Ao longo dos anos em que estive acompanhando o trabalho da escola, sempre constatei que o senhor Santiago é uma pessoa bastante presente e querida na e da escola e comunidade. No período em que estávamos pesquisando, os funcionários da escola se mostravam preocupados com o seu estado de saúde, devido a uma forte queda que ele sofreu.

8- Thaís Cristina Paes de Arruda - ex-aluna da escola e ex-participante do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

Thaís, 12 anos, estudou na escola até o ano passado. Tem um irmão e seus pais são Sebastião e Ezair. Ela estudava a 6ª série na Escola Estadual João Crisóstomo que é muito próxima da escola Doutor Fábio Firmino Leite.

Thaís participou dos vários projetos. O primeiro deles foi a fanfarra, depois capoeira e por último a pintura. Destacou com muito orgulho as quatro telas que pintou e as descreveu uma a uma na entrevista. Ela destacou que seu irmão Weverton também teve a oportunidade de participar da pintura e pintar algumas telas e citou a do “Beijo da Mulher Vampiro”.

Ela afirmou que nunca havia tido a oportunidade de estar participando de atividades culturais, mas e que na escola Doutor Fábio ela pôde fazer as atividades que ela sempre sonhou. Falou com orgulho do acompanhamento dos ensaios pela sua mãe. Seu rosto ficou iluminado de alegria quando afirmou que: **“ela falou que tinha orgulho porque nós participávamos, não somos aquelas crianças que não se interessam por nada”**.

Thaís estava participando do Projeto Cata Mamonas, cuja coordenação estava sob a responsabilidade do Grupo da TV Pixé, ligado à Fundação Educacional de Cuiabá. Ela, enquanto integrante do grupo da unidade escolar no Programa PETI, estava tendo a oportunidade de representar a escola. Quanto a sua participação nas provas de responder perguntas, pular corda, jogos e representar peças, disse acreditar que contribuiu para ajudar a escola chegar à semifinal da competição. Ela afirmou sorridente que se considerava quase uma fera nas referidas provas.

Ao ser indagada sobre as expectativas de se chegar à final, ela disse “nós esperamos que possamos ganhar, mas nós temos que também saber perder, né? E também não pode ficar chorando”. É importante dizer que até a realização da entrevista, no dia 27 de outubro de 2004, ainda não havia acontecido a final, cujos finalistas eram: a escola Doutor Fábio e a

Escola Udeney, localizada na região do Aguaçu.

O interesse em estar se preparando da melhor forma possível era visível e os alunos não mediam esforços se precisassem ficar depois do horário das aulas para ensaiar, segundo eles, o bom desempenho dependia do esforço de cada um do grupo.

9- José Dias - vigilante da escola e pai de dois ex-alunos da escola.

O senhor “Zé”, como é chamado carinhosamente por todos da escola, é uma pessoa a quem podemos chamar de “elétrica”, não pára um só minuto, sempre procurando ser prestativo para as pessoas. É natural de Nhambupi, na Bahia e escolheu Cuiabá para morar havia 20 anos, tem 44 anos, e estava no bairro Doutor Fábio havia 5 anos. É casado, tem dois filhos que são o José Dias Junior e a Franciely.

Falou com muita euforia do seu retorno aos estudos depois de 18 anos parados. Faz o curso de eletrônica no Centro Tecnológico Federal - CEFET e o curso de Técnico de Manutenção de infra - estrutura, na FUNEC. Afirmou que o segundo curso já garantiu a sua independência, pois agora ele mesmo faz os serviços de pequenos reparos na sua residência. Contou que o trabalho na escola pela manhã e os estudos à tarde e à noite têm impedido a sua participação em outras atividades da escola.

O senhor “Zé” foi uma das pessoas mais atuantes nos projetos culturais desenvolvidos pela escola. Durante e aos finais de semana, era comum sempre o ver em alguns momentos gingando capoeira, fazendo o lanche na cozinha, abrindo portão ou jogando bola com as crianças. Na verdade, o vigilante conseguiu construir uma relação muito interessante com todos da escola, especialmente, com as crianças.

O nosso entrevistado não mediu as críticas em relação à não-participação do presidente de bairro na escola, foi enfático ao falar sobre a relação entre ambos

A relação é muito ruim. Eu acho que isso não é trabalho de presidente. Ela teria que conversar ou visitar pelo menos. É complicado. A presidente do bairro só veio aqui quando se elegeu, depois nunca mais apareceu. Antes de ser presidente usou a escola para dar aula, ensinar a alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA); a direção deu a sala de aula só para ela fazer o trabalho. Hoje a presidente sumiu...sumiu...sumiu.... Não é trabalho de presidente de bairro, foi se eleger e mamar. Presidente de bairro tem que ser verdadeiro para o povo poder acreditar nele. O povo não é mais bobo, mas no mínimo, na próxima vez, não vai ser a mesma. Ela é a 2ª presidente do bairro.

10- Gislane de Souza — ex-aluna da escola.

Gislaine tem 11 anos, tem dois irmãos e estudou na escola Doutor Fábio da 3ª a 5ª série. Em 2004, estudava na Escola Estadual João Crisóstomo a 6ª série. Ela participou da capoeira e afirmou que foi muito bom participar do trabalho desenvolvido pelo professor Francisjony. Ela também destacou a participação na oficina de artes plásticas e do projeto fanfarra e afirmou que gostava muito de estar na escola. Destacou que a participação nos projetos contribuiu para que ela aprendesse muito mais, inclusive ocupar o tempo ocioso durante o qual, antes, ficava na rua.

Quanto à não-realização do projeto em 2004, disse com sua sinceridade de criança que **“a escola estava ficando deserta porque não havia os projetos (...). A escola ficou triste”**.

11- Emille Apodaca — participante do PETI e ex-aluna da escola.

Emile tem 11 anos, filha do senhor Carlos e de Amada, tem duas irmãs Karine e Olímpia que também estudavam nesta escola. A nossa entrevistada morava no Jardim Brasil e mudou-se de lá havia pouco tempo. Estudou na escola João Crisóstomo que atende uma clientela específica de V a VIII.

Emile falou um pouco da sua tristeza em ver que não aconteceu o projeto fanfarra no ano de 2004 e afirmou que **“agora a escola está desanimada porque era a fanfarra que mais trazia alegria para a escola. Agora que acabou a fanfarra, acabou a alegria na escola”**.

12- Thainara Pratte Ricardo dos Reis.

Thainara tem 13 anos e estudou na escola de 1º grau Doutor Fábio Firmino Leite da 4ª a 6ª série. Ela começou estudar na escola em 2000, ou seja, desde a implantação da unidade de ensino. Ela relatou que se lembrava muito bem de quando começara a estudar na escola, e que **“só tinha a parte de cima, ainda não tinha as salas novas”**. Falou que a quadra não havia sido ainda construída e nem a pracinha, (local onde estávamos realizando a entrevista). Também destacou que não havia os projetos quando a escola começou, mas logo que eles foram implantados, ela começou a participar. Escolheu fazer pintura, poesia e,

posteriormente, o Karatê.

A modalidade de karatê foi a que despertou maior interesse da menina. Ela já é faixa amarela e participou de dois campeonatos. Destacou como os alunos sentiam interesse pelas aulas, mas as dificuldades financeiras acabaram afastando alguns alunos. Ela ilustrou essa situação, ao dizer:

Nós gostávamos muito, muito mesmo. Chegava à escola, havia uma salinha lá no último que enchia de aluno, quase não tinha espaço, aí conforme foi falando que a gente tinha que comprar o uniforme, que tinha que correr atrás de patrocínio pra algum torneio, né? Aí foi diminuindo, diminuindo.

13- Maria de Lurdes Xavier de Jesus - professora contratada.

Maria de Lurdes nasceu no Estado de Goiás, em uma fazenda, estudou em uma escola pública e o seu 1º trabalho foi como professora efetiva ao longo de 7 anos. Fez opção em pedir exoneração do seu cargo para acompanhar o esposo que havia escolhido Cuiabá para residir. Juntos decidiram trabalhar na economia informal por longos anos, ela fazia os doces que eram vendidos pelo seu esposo. Além desse trabalho, dedicava-se a cuidar da casa e das duas filhas, deixando a continuidade dos estudos para segundo plano.

Depois de alguns anos prestou concurso para atuar na educação, porém como não foi chamada para efetivação, e, em decorrência das dificuldades financeiras que o casal estava enfrentando, acabaram decidindo pelo retorno ao Estado de origem. Antes, porém, já com tudo pronto para o retorno, recebeu um telefonema da Secretaria Municipal de Educação para assumir uma sala de aula, destacou que ficou sonhando em se efetivar, porém isso ainda não aconteceu e continua ainda hoje como contratada.

A professora falou com muita alegria da participação da sua filha nos projetos da escola Doutor Fábio, mesmo sem ser aluna da escola. Destacou a importância da oficina de artes plásticas e a sua contribuição para se desenvolver ainda mais a sensibilidade e ampliar a sua leitura de mundo. E destacou a certeza do amor de sua filha pela pintura, uma vez que:

mais tempo, e também ela pede várias vezes para eu comprar tela e tinta para ela pintar. E ela quer pintar, ela quer colorir. Eu sinto que ficou nela, essa “fome de aprender e de se expressar através da arte. Então eu sinto que tudo que é arte a atrai, e ela gosta sabe, mas futuramente, na hora que ela tiver a situação estiver melhor, eu pretendo colocá-la num curso de artes plásticas”.

14- Weverton Bezerra - ex-aluno da unidade de ensino.

Weverton tem 14 anos de idade e estudou na escola Doutor Fábio nos anos de 2002 e 2003, onde cursou a 4ª e a 5ª série. Comentou que no mesmo ano em que começou a estudar já deu os primeiros passos no teatro, uma vez que o Projeto de Teatro começou em 2002.

Relembrou, com muita alegria, uma das etapas da seleção afirmando que

Eles deram um livro pra gente de poesia que era da mulher do diretor do Grupo Cena Onze, a mulher dele que fez o livro de poesia e deu, ou melhor, distribuiu para todos, né, de todas as salas porque as salas eram separadas: dos grandes, dos menores e dos mais menores ainda. Aí eles.... gente levou o livro pra casa, cada um ficou com seu livro. Aí escolheu.... todos escolheram uma poesia e a gente encenava poesia.

O entrevistado descreveu como teve que vencer a vergonha para encenar, por isso buscava interpretar papéis românticos, pois se sentia mais à vontade. Destacou que ficou eufórico quando recebeu a notícia de que tinha sido um dos selecionados, mas sentiu tristeza pelos colegas que não conseguiram vencer o desafio.

Ao longo de toda a entrevista, Weverton falou com riqueza de detalhes sobre as peças das quais teve a oportunidade de participar. Ao falar de Flicts destacou que encenou o papel da cor verde, que pode ser encontrada nos mais variados locais: nas matas brasileiras, na bandeira nacional, entre outras. Na peça sobre a Carta da Terra fez o papel do vento grande, onde o personagem tinha a responsabilidade de trazer muita bagunça, mas no desenrolar do enredo foi convencido pela menina Clara a não fazer mais isso. Também fez o personagem que era um cavalo que se propôs a ajudar Clara a escrever uma carta para a Organização das Nações Unidas, para que os responsáveis ajudassem a divulgar a paz e evitar o desmatamento que estava ocorrendo.

15- Teodoro dos Reis - morador do bairro.

O senhor Teodoro dos Reis, 71 anos, nasceu no município de Cuiabá, na cabeceira do Três Barras que na época era considerada zona rural.

Em 1949, mudou-se para a região urbana de Cuiabá, onde desde muito cedo começou a trabalhar primeiro, como servente de pedreiro, depois na Empresa de Força Luz e Água e, atualmente Centrais Elétricas Mato-grossenses S/A (CEMAT)) e SANECAP Companhia de Saneamento da Capital (SANECAP). Depois de 10 anos como empregado, decidiu tocar um

comércio por conta própria. Posteriormente resolveu ser taxista em cuja profissão trabalhou por 22 anos e se aposentou em 1996.

O senhor Teodoro nos impressionou, ao contar a história da área onde se localiza o bairro Doutor Fábio Firmino Leite, conseguiu se lembrar com muita nitidez dos mais variados episódios que envolveram a região, inclusive a disputa pelas terras. Descreveu que o marco do Centro Político Administrativo passa bem ao lado do bairro. Em seu relato, ele descreveu muito bem onde o marco se inicia soube informar todos os lugares por onde o referido marco passa até o encontro com o ponto inicial.

O entrevistado, conforme nos disse, não teve a oportunidade de estudar, mas lutou de sol a sol para que a sua esposa e os seus seis filhos pudessem ter acesso à educação e poder aspirar a um futuro um pouco melhor.

16- Carlos Alberto Reys Maldonado - Secretário Municipal de Educação.

O professor Carlos Alberto Reys Maldonado foi reitor da Universidade de Mato Grosso (UNEMAT), trabalhou na UNESCO e exerceu a função de Secretário Municipal de Educação, no período compreendido entre 2000 a 2004, na 2ª gestão do prefeito reeleito Roberto França Aud.

Um levantamento feito na galeria dos secretários municipais apontou que Carlos Reys Maldonado, e o ex-secretário Edivá Pereira Alves foram os que mais tempo exerceram a função na pasta da educação. O primeiro é considerado por muitos como um dos que mais promoveram mudanças no campo administrativo, e Maldonado um impulsionador dos maiores avanços no campo pedagógico.

Esta entrevista foi realizada no dia 13 de dezembro de 2004, ou seja, no último mês do seu mandato e foi muito oportuna, pois o secretário aproveitou da ocasião para fazer uma avaliação do trabalho realizado, e, ao mesmo tempo, enumerou algumas conquistas que considerou de extrema importância para a melhoria da educação na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá.

Maldonado foi um secretário considerado por muitos como uma pessoa que estava à frente do seu tempo, e, talvez por isso, muitas vezes recebia as denominações de “louco” e “sonhador.” Não poderíamos deixar de mencionar a sua habilidade como grande incentivador e articulador das maiores conquistas obtidas pelos profissionais de Educação, dentre as quais podem ser citadas:

- a criação das Bibliotecas Comunitárias, “Saber com Sabor”, localizada em plena praça “Clóvis Cardozo”, com objetivo de garantir o acesso das comunidades à leitura e às mais diversas atividades culturais;

- conexão Internacional Criança, onde a grande novidade foi possibilitar a comunicação entre crianças indígenas da Aldeia Umutina, alunos da Escola Municipal Rita Caldas Castrillon e crianças de Siegan, na Alemanha. Essa experiência demonstrou a possibilidade de comunicação quando o acesso à Internet é democratizado;

- a aprovação da Fundação Educacional de Cuiabá, quando foi contemplada com a aprovação da lei nº 4120 de Gestão Democrática 4120, de novembro de 2004.

Para a criação das *Microrregionais*, na regional Sul, a comunidade interna e externa contou com o incentivo e a assessoria pessoal do Secretário na formação. Sua implantação partiu de dois desejos: o anseio por um trabalho integrado, que deveria ultrapassar os espaços educativos formais, indo até a integração comunitária e a necessidade de conhecer a realidade da comunidade. Para que o levantamento da realidade fosse concretizado, houve a necessidade da elaboração de um questionário aplicado, com a finalidade de coletar informações que possibilitassem a construção de um processo unificado, onde o objeto da ação política fosse realizado por aqueles que se fizeram sujeitos desde o início.

Para Maldonado, Microrregionais:

É uma espécie de divisão, de jurisdicionamento da cidade, para distritos educacionais. Nesses distritos, uma idéia ideal, nós teríamos uma serie de espaços e ambientes disponíveis à pratica educativa e ao esforço educativo audógeno de cada um, e isso depende de todos, através de organizações públicas e privadas disponíveis nos distritos, e das ações integradas que seriam possibilitadas a partir disso.

Então as microrregionais começaram com alguma força, eu acho que caminharam bem, no seu início, depois veio uma série de problemas, principalmente com a deflagração do movimento de greve, da confusão de papéis e dos focos, que transcendiam corporativa de um lado, do projeto das microrregionais do outro etc, mas permanecem formalmente, mas eu acredito, sem o mesmo ímpeto, sem a mesma força, sem a mesma conceituação que marcou o início da discussão e dessa possibilidade.

Outro projeto que se materializou na Rede Municipal de Cuiabá, graças ao apoio incondicional do Secretário de Educação Maldonado, foi a criação da Fundação Educacional de Cuiabá, aprovada na lei de gestão democrática 4120/2001. Tal criação, segundo Maldonado, era fundamental para estar resgatando uma dívida social com os adultos que não tiveram a oportunidade de estudar, na época devida. Assim, foi criada a Universidade Popular Comunitária (UPC), um dos seus maiores orgulhos.

Para falar da UPC e da necessidade de estar promovendo o acesso à educação para

aqueles que não a tiveram em idade obrigatória, o Secretário reafirmou sua crença de que se todos nós envolvidos com a educação,

não tivermos a clareza, que o mundo da criança só vai ser mais rico, se o mundo dos adultos for. Que a criança só vai ter mais oportunidade, se os pais tiverem. Dificilmente nós vamos processar uma educação com características de inovações reais e concretas, num universo mais amplo. Claro que sempre você terá exceção, nesse cenário que eu estou desenvolvendo. Sem que você volte seus olhos pelo processo formativo desse adulto, a tendência de naufrágio é muito grande. É uma busca de você também formalizar o conhecimento do adulto que passa por um olhar mais alargado, de como se processa a educação na criança.

No trabalho desenvolvido pela UPC ficou definido que a clientela a ser atendida deve voltar o foco, em última instância, para as crianças, pois muitos pais possuem a mesma escolarização, ou estão abaixo da dos seus filhos inviabilizando, muitas vezes, a contribuição com o processo educativo daqueles que estão sob sua responsabilidade. Por isso a preocupação em promover uma organização diferenciada dos currículos, de forma que possa atender as aspirações daqueles que não tiveram a oportunidade de sua escolarização.

Para a realização do processo educativo, a Universidade Popular Comunitária contava com o trabalho dos *artísentes* que se encontravam em um processo constante de formação profissional, considerando que anteriormente, estes exerciam simplesmente o papel de professores; agora passam a assumir uma função educadora com maior profundidade, onde o desafio maior é o de estar num processo de ensino e aprendizagem, onde todos são considerados atores na construção do processo.

Para Maldonado, a mudança traz conflitos, isto é, traz dificuldades porque “para que eu possa ter outro profissional, inclusive com a alteração de nomenclatura que se torna necessária, eu preciso negar a existência do profissional que, até então, eu era. Em outras palavras, eu preciso me negar, para poder nascer para o outro de outro jeito, e isso é um parto traumático”.

O secretário municipal Carlos Reys Maldonado encerrou sua entrevista dando enfoque para a experiência vivenciada na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá da seguinte forma

eu acho que a vivência aqui, a vivência para mim foi muito rica. Eu acho que eu aprendi muito. Agradeço muito por esse espaço de convivência que foi possibilitado por todos e todas. Eu vou estar carregando as lembranças extremamente agradáveis, positivas e realizadoras do muito que foi feito, não só por mim, mas por toda a equipe da Secretaria e das escolas. Dos contatos que foram possibilitados e do que as crianças nos ensinaram. Enfim, é difícil você ressaltar um ponto, e também é claro, você não leva só satisfações, mas você leva uma série de constatações, talvez não muito positivas. Talvez também, o nível de expectativas que tive foi maior do que as condições reais que a gente tinha encontrado. Enfim, mas para mim foi uma das experiências mais ricas, quanto ao espaço de educação. Eu não teria dúvidas em afirmar que acho pessoalmente que foi a experiência mais rica da minha trajetória até aqui.

CAPÍTULO II

A CULTURA COMO ELEMENTO VITALIZADOR DOS PROJETOS IMPLANTADOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CUIABÁ

2.1 Cultura

Para que pudéssemos fazer uma abordagem com maior rigorosidade sobre os projetos culturais implantados pela Escola de Educação Básica “Doutor Fábio Firmino Leite” tornou-se fundamental fazer uma incursão pelo conceito de cultura, uma vez que os referidos projetos tiveram seu foco direcionado para o desenvolvimento das atividades culturais, cujo objetivo esteve voltado para a utilização da cultura como um forte elemento vitalizador para possibilitar o acesso aos bens culturais, bem como promover a ampliação do processo participativo no espaço escolar.

Nesse processo também foi de fundamental importância buscarmos a relação existente entre a educação e cultura, especificamente a educação escolar, uma vez que a escola é um dos principais veículos para a disseminação da cultura, principalmente daquela considerada como patrimônio da humanidade, que são transmitidas através dos conteúdos escolares. Cultura, que ao longo dos tempos foi sendo elaborada e reelaborada pelas diversas gerações, com intuito de garantir a memória da história produzida pela humanidade.

Curiosamente estamos permanentemente em contato com as mais diversificadas definições de cultura, sendo que a mais comum está relacionada ao homem letrado, ou seja, ao homem “culto”, onde o mesmo deve dispor de um leque ampliado do domínio de conhecimentos, principalmente aos que se referem às competências cognitivas. Dessa forma, o termo “culto” está em oposição àqueles que não detêm o domínio desses conhecimentos, sendo por isso denominados de seres “incultos”.

O termo também é bastante utilizado para referir ao cultivo da terra, onde os nossos ancestrais utilizaram-se de instrumentos considerados rudimentares para dominar a terra. Com o transcorrer de milhares de anos, o homem foi se evoluindo, e juntamente com ele os seus instrumentos de trabalho, que proporcionaram um aumento significativo da sua produção.

Em antropologia, o conceito de cultura é concebido de forma bem mais ampliado, pois abarca tudo o que o ser humano produz para construir a sua existência: sejam as suas práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais. Assim, podemos compreender como “um modo humano de vivermos juntos em comunidades ao qual damos o nome de sociedade humana. (...), em que compartilhamos conhecimentos e valores, princípios de vida e visões de mundo, regras de convivência, poemas e prece, cantos e culinárias”. (BRANDÃO, 2005, p. 25).

Para o antropólogo Rodrigues (1983, p.11):

a cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional, esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo. Viver em sociedade é viver sob o dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência.

No processo de construção cultural, o homem vai se apropriando de uma variedade de símbolos, onde de acordo com Chauí (1998, p.) “se o contato que o homem tem com o mundo é intermediado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo em determinado tempo e lugar”.

Para Brandão (2002, p. 16 e 17) as diferentes conceituações da cultura ocorrem, pelo fato de que a mesma pode ser considerada:

uma palavra universal, mas um conceito científico nem sempre aceito por todos os que tentam decifrar o que os seus processos e conteúdos querem significar, e que misteriosamente existe tanto fora de nós, em qualquer dia do nosso cotidiano, quanto dentro de nós, seres obrigados a aprender, desde criança e pela vida afora, a compreender as suas várias gramáticas, e a ‘falar’ as suas várias linguagens. Várias porque bem sabemos que esta com que nos escrevemos uns aos outros, em uma língua qualquer dentre os milhares que habitam nossos mundos, é apenas uma entre tantas outras.

A cultura é um dos principais processos de construção e de caracterização do ser humano, que ao longo de milhares e anos, vem deixando as suas marcas no mundo. Portanto, a capacidade do homem produzir cultura, tornou o principal elemento que o diferencia dos

animais de outras espécies, pois de acordo com Aranha e Martins (2002, p. 6) “as diferenças entre o homem e o animal não são apenas de grau, pois, enquanto o animal permanece mergulhado na natureza, o homem é capaz de transformá-la, tornando possível a cultura”. Desta forma, podemos considerar que é através da cultura que o homem foi se humanizando, foi transformando e também sendo transformado, sendo por isso considerado um ser em constante mutação. Um ser dotado de capacidade que lhe permite estabelecer projetos, com vistas a um presente ou a construção de um futuro.

Conforme Brandão (2005, p. 24), os homens:

de algum modo “desenham” na mente a “obra” que vão criar, antes de fazê-la. Enquanto os animais lidam com a natureza através de formas variadas de uma inteligência reflexa. (eu-objeto), os seres humanos desenvolveram, os seres humanos desenvolveram uma maneira de sentir e de pensar que é reflexa e é também reflexiva (eu – objeto – eu – nós) ao mesmo tempo. Nós, os humanos não apenas percebemos e pensamos as coisas naturais que transformamos. Nós nos percebemos percebendo e pensando. Somos provavelmente a única espécie viva que sabe, e que sabe que sabe> Que pensa e pensa sobre o que pensa. Que pensa sobre coisas e repensa o seu pensamento. Uma rara espécie de seres vivos que sente e pensa sobre o que sente. E que sente o que sente porque pensou. E que de novo pensa e se interroga, e lembra, e reflete, e sente de novo.

O homem enquanto um ser mergulhado e “molhado” pela cultura tem a grande tarefa de estar criando e recriando o mundo, no qual está inserido. Além de transformar, nós temos a oportunidade de sermos transformados, pois vivemos em constantes interações com os outros seres da nossa espécie, onde deixamos de ser meros indivíduos para nos transformarmos em sujeitos coletivos produtores de cultura. É através do processo de socialização, que nós seres humanos internalizamos a cultura, isto é, os padrões, os modelos, crenças, juízos de valor, entre outros, que nos integram aos modos de vida de uma sociedade.

2.1.1 Educação e cultura

Considerando que a cultura é produto da ação dos seres humanos, a educação também não poderia ser diferente, pois somente a espécie humana é capaz de se colocar em um processo permanente de aprendizagem, uma vez que os homens são seres inconclusos e que têm a consciência de sua inconclusão. Os homens fazem parte de diversas unidades sociais, ou seja, de varias comunidades aprendentes. Locais onde os homens e mulheres se reúnem para realizarem ações em prol da comunidade, para jogar uma partida de futebol, compartilhar

de experiências voluntárias, ou na luta em defesa da preservação do meio ambiente.

Para Forquim (1993, p.10)

Incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima e orgânica. Quer se tome a palavra 'educação' no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores que constituem o que se chama de conteúdos da educação.

É fundamental compreendermos que o processo educativo ocorre das mais variadas formas e nos mais diversos espaços existentes; sejam nas relações com outras pessoas ou com o nosso Mundo, como um contato direto com a natureza, pode também ser um fecundo momento de aprendizados, ou também nos vários locais existentes na nossa cidade ou município, que exercem a função de educar: seja uma biblioteca pública, um museu municipal, os casarões antigos, um zoológico, uma praça, entre tantos outros.

De acordo com Freire (1997, p. 28), “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Por isso, podemos considerar que existem vários espaços que tem a função educadora, porém é a escola que aparece como um espaço privilegiado, pois se caracteriza por ser uma instituição responsável pela educação formal, onde um dos principais objetivos está voltado para a disseminação de um patrimônio de conhecimentos e competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular, definida de um modo mais ou menos amplo e mais ou menos exclusivo.

Além dessa importante função, a escola também pode ser um forte aliado para a disseminação da cultura comunicativa, onde estão inclusos os diversos tipos de artes: a pictórica, a teatral, a da corporeidade, a da música e a da poesia.

Conforme, Savránski (1986, p. 90), a função comunicativa da cultura:

Revela-se com maior plenitude na cultura artística, um dos subsistemas mais importantes da cultura em geral. É precisamente nela que recebe a função de estético-comunicativa da cultura. Na cultura artística, na arte encontram o seu reflexo todos os tipos de formas de atividade humana, entre elas, a comunicativa. A comunicação entre o artista criador e o leitor, espectador ou ouvinte, que percebem a obra de arte, pode ser denominada artística. Este tipo de comunicação constitui um imenso valor moral e estético, já que a

contemplação e a criação estéticas, o aperfeiçoamento moral são algumas necessidades espirituais mais importantes da pessoa.

Enquanto educadores, não podemos nos furtar da reflexão sobre a pertinência dos conteúdos selecionados, seu valor e a sua utilidade para aqueles que estão inseridos no processo educativo, pois nesse processo não podemos deixar de levar em consideração a importância desses conteúdos para a formação do cidadão.

Para que a escola pudesse contemplar não só a cultura tida como “erudita”, mas também a comunicativa (a artística), como um forte aliado para o processo educativo dos alunos, foi fundamental que o Projeto Político Pedagógico da escola contemplasse essa importante dimensão, pois “a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última, a educação não é nada fora da cultura e sem ela”. (BRANDÃO, 2002, p. 323)

E foi por acreditar no importante papel desempenhado pela cultura, que a escola investigada incluiu no seu Projeto Político Pedagógico, os projetos culturais, uma vez que o grande desafio voltava-se para a construção de uma escola, em que os educandos pudessem ter acesso as mais variadas manifestações da cultura. Levar em consideração os anseios dos educandos implica em estarmos voltados para uma educação, que coloque o homem no centro de seus interesses.

2.2 Implantação e implementação dos Projetos Culturais na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá

Para buscar as raízes históricas dos projetos culturais, foi fundamental fazer uma incursão no período de 2000 a 2003, pois foi nessa época que os projetos culturais passaram a ter um incentivo maior por parte da Secretaria Municipal de Educação, provocado pelos seguintes motivos fundamentais: a adesão de Cuiabá à Associação Internacional das Cidades Educadoras, a implantação dos Ciclos de Formação e a aprovação da Lei 4375 de 23 de junho de 2003.

Em relação à Cuiabá enquanto Cidade Educadora, esta passou a ser considerada de fato membro da Associação Mundial de Cidades Educadoras depois da sua homologação na Assembléia Geral do VI Congresso Internacional da Associação das Cidades Educadoras (AIEC), realizada em Lisboa, no final de novembro de 2000. O referido evento contou com as

participações do Secretário de Educação Carlos Alberto Reys Maldonado, o assessor de gabinete Sílvio Aparecido Fidelis e Eliana Corrêa. Esta última exercia a função de coordenadora da Escola Municipal “Osmar Cabral”, eleita para representar os professores das Microrregionais naquele evento.

A implantação dos Ciclos de Formação em 42 escolas da rede municipal, em 2000, provocou um interessante movimento, em que os professores de Educação Física, Artes e Língua Estrangeira reivindicavam a permanência em uma única escola para ministrar suas aulas. Argumentavam a necessidade da realização de um trabalho mais efetivo, que possibilitasse um maior envolvimento com todos da unidade de ensino, e, conseqüentemente, com a proposta pedagógica da escola. Além dessa justificativa um outro argumento apresentado pelos professores foi que a elaboração de inúmeros relatórios dos alunos nos Ciclos de Formação acabava sendo dificultada pelo tempo que eles despendiam para atender duas ou mais escolas, o quê acabava inviabilizando boa parte do trabalho.

Para concretizar a aspiração da complementação de carga horária, em uma única escola foi necessária a elaboração de Instrução Narrativa que contemplasse esse item e norteasse a atribuição de aulas dos professores na rede municipal de ensino de Cuiabá; ou seja, a Instrução Normativa 04/20000 GAB/SME que estabelecia:

critérios para a Atribuição de Classes e/ou Aulas para o pessoal docente da Carreira do Magistério Público Municipal e fixa normas para o dimensionamento do Quadro de Pessoal das Escolas Públicas Municipais de Cuiabá e dá outras providências

A referida instrução garantiu que não só os professores de Educação Física, mas também os de Artes e Língua Estrangeira que não completassem a sua carga horária nas etapas dos ciclos poderiam completá-las na mesma unidade escolar nas demais séries do Ensino Fundamental, ou mesmo participando na realização de projetos culturais e de esportes, desde que estivessem em consonância com a Proposta Pedagógica. Com tal medida, os educadores exerceriam a docência em uma única escola, amenizando um pouco as dificuldades apontadas por eles.

Os projetos deveriam ser elaborados, após o levantamento dos anseios da comunidade escolar, para posteriormente passarem pela aprovação do Conselho Escolar Comunitário de cada Unidade de Ensino. Após o referendado do Conselho, os projetos eram encaminhados para a Diretoria de Políticas Educacionais (DPE) para que esta analisasse os recursos financeiros que seriam gastos com as atividades apresentadas pela escola. Segundo o setor

responsável pela aprovação dos projetos, a análise estava voltada especificamente em apoiar as atividades culturais e esportivas. Ficava sob responsabilidade da instituição a compra do material para a realização das práticas solicitadas. À escola caberia a responsabilidade de acompanhar a efetivação do cumprimento da complementação da carga horária dos referidos professores, a contribuição das atividades desenvolvidas para o processo educativo das crianças.

O quadro que segue mostrou o desenvolvimento dos projetos culturais, apontou como eles começaram a ser implantados, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, sua ampliação gradativa, onde o desenvolvimento das atividades cultural passou a integrar o cotidiano dos nossos educandos.

2.2.2 Projetos Culturais realizados no período de 2001 a 2004¹³, pelas unidades de ensino da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá

Ano	Nº de escolas contempladas	Nº de projetos	Atividades desenvolvidas
2001	35	45	Fanfarra, coral, cantigas de roda, canto e poesia, teatro, flauta, violão, artesanato, folclore cuiabano e pintura.
2002	51	82	Fanfarra, dança, judô, orquestra de flauta, fanfarra, capoeira, karatê, xadrez, artes plásticas, teatro.
2003	70	120	Karatê, orquestra de flautas, xadrez, capoeira, dança, coral, fanfarra, judô, siriri, cuiabália.
2004 (janeiro)	19	19	1ª Colônia de Férias da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá.

Na análise do relatório elaborado pela equipe responsável pela coordenação dos projetos, constatamos que foi feita uma avaliação positiva, onde acrescentaram que

os resultados foram positivos no interior das escolas porque os projetos escolhidos nasceram das aspirações e necessidades dos alunos e dos professores que propuseram buscar, através do seu tema gerador e seus

¹³ Dados sobre os projetos culturais foram obtidos através da consulta dos relatórios elaborados pela equipe responsável pela coordenação dos projetos culturais, nas escolas municipais na Rede municipal de Ensino de Cuiabá.

projetos, organizar os seus estudos de forma globalizada e atualizando informações no seu interior.

A experiência com a complementação de carga horária mediante projetos variados funcionou por dois anos consecutivos (2001 e 2002), pois, no ano seguinte, o secretário Carlos Alberto Reys Maldonado, por meio da Instrução Normativa 004/2002/SME, tomou decisão no seguinte sentido: que os professores não completariam mais a sua respectiva carga horária com projetos. Eles deveriam completá-la ministrando aulas nas demais séries, ou em outras unidades de ensino. Esta decisão implicava que alguns professores retornariam a uma situação vivenciada antes, de trabalhar em duas ou mais escolas para poderem completar a sua carga horária. Mesmo com os resultados positivos apresentados pelos relatórios, Maldonado analisou com certa reserva a avaliação e afirmou que

Como a lotação do professor era na disciplina, e, muitas vezes Geografia, História ou Educação Física, você tinha duas aulas em uma escola, duas na outra e mais duas em outra. Como ficava complicado isso, se elaboravam projetos chamados educativos complementares, uma coisa assim. Claro que no fundo, isso atendia mais ao interesse do professor e da grade, do que um planejamento voltado especificamente para as atividades, que são ao meu modo de ver, fundamentais, tais como: as lúdicas, as criativas, educativas, recreativas com as crianças.

Diante do desafio de implementar as ações a fim de fortalecer os compromissos assumidos em 2000, houve a tomada de decisão da continuidade da realização dos trabalhos com os projetos por intermédio de instrutores, preferencialmente, da comunidade onde a escola estivesse inserida. Esses instrutores seriam contratados por uma Cooperativa, possibilitando que profissionais trabalhassem com a arte na qual tivesse domínio, contribuindo dessa forma para a transformação do espaço escolar, em um espaço mais lúdico, onde as artes passassem a fazer parte do universo escolar.

Uma rápida análise em relação ao desenvolvimento dos projetos levou-nos à constatação de que os trabalhos desenvolvidos pelos professores de Educação Física, Artes e Língua Estrangeira, possibilitaram que os alunos pudessem manter contatos com as atividades culturais, mesmo que os projetos, a princípio, objetivassem quase que exclusivamente a complementação de carga horária. Reconhecemos também a contribuição desses profissionais para o desenvolvimento de atividades que geralmente não foram e não são contempladas pelo currículo formal. Podemos afirmar com tranquilidade que esse momento inicial foi de fundamental importância para que pudessemos, ao longo dos anos, ir solidificando os projetos

culturais e ampliando a adesão gradativa das unidades de ensino.

Essa situação foi alterada, em 2003, quando foi realizada a lotação dos educadores por unidade escolar e o professor deixou de ser lotado por disciplina, possibilitando o aproveitamento do profissional em uma única escola, independente de sua área específica de atuação.

Para o secretário, “a lotação comportava uma outra lógica, e com isso os professores realmente saíram da lógica da complementação através dos projetos, como antes existiram”. Ficava a critério da escola organizar o seu currículo de maneira que os professores cumprissem, sua carga horária de trabalho de acordo com a proposta por ela apresentada.

A indicação do projeto com a finalidade da implantação da jornada ampliada, para os alunos das escolas municipais foi apresentada à Câmara Municipal de Cuiabá, por meio vereador Deucimar, onde foi apreciada, votada e aprovada e transformada na Lei 4375 de 23 de junho de 2003.

A referida lei “Dispõe sobre a ampliação da jornada em tempo integral, no ensino fundamental, nas instituições de Ensino Público Municipal”, onde cabe às escolas estarem se organizando, no intuito de atender as necessidades dos educandos.

Com a jornada ampliada, os alunos teriam acesso às diversas atividades, conforme explicita o 3º parágrafo da referida lei:

- I- a formação básica comum, referida pelo inciso IV do art. 9º da LDB;
- II- acompanhamento do desempenho escolar;
- III- atividades culturais, artísticas, esportivas e de lazer;
- IV- atividades que possibilitem a convivência com os colegas e a prática da cidadania;
- V- duas refeições de forma a garantir as necessidades nu

Um outro aspecto abordado pelo Secretário Municipal de Educação, além do trabalho a ser realizado por instrutores, foi a experiência de fortalecer as parcerias, especialmente com o Grupo Cena Onze. Tal parceria foi descrita da seguinte forma por Maldonado

A parceria firmada entre a Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá e o Grupo Cena Onze de Teatro, é um daqueles exemplos de um trabalho conjunto que dá certo. Desta ação, surgiu a transformação do auditório da SME no Teatro Maestro China, que certamente contribuirá, em muito com o desenvolvimento regional das artes em geral. Dela surgiu, também, o Grupo de teatro Fuzuê,. Que foi formado por alunos da Rede

Municipal de Ensino de Cuiabá e dirigido pelo Grupo Cena Onze. Este grupo é, ainda mais surpreendente. Além de produzir teatro, incrementar a educação e trabalhar com temáticas sociais e ambientais, o desempenho das crianças é de alto nível, o que nos leva a confirmar a tese de que o processo educativo se dá, também muito além dos muros da escola nos diversos processos e nos mais variados espaços, potencializando a índole criativa humana. Trabalhando com o tema a Carta da Terra, o Fuzuê, além de arte, produz mais um marco na luta pela tomada da consciência da civilização humana, com relação ao nosso planeta. Que a parceria SME e Cena Onze continuem a produzir frutos tão saborosos quanto em 2002.

De acordo com o entrevistado, o Grupo Cena Onze já vivenciava um princípio e prática de parceria com a Secretaria Municipal de Educação, quando eram disponibilizados ingressos, a preços simbólicos, que possibilitavam o acesso das crianças às peças teatrais. Contudo, a visão do secretário municipal era a necessidade da ampliação da parceria, para além da prática dos alunos como apenas telespectadores, uma vez que acreditava que os alunos tinham potencial para estarem também exercendo os diversos papéis que o teatro disponibiliza.

Acreditando na importância do teatro, Carlos Alberto Reys Maldonado destacou que:

o teatro pudesse ser mais uma ferramenta no processo educativo, pois acredito nesta perspectiva mais ampla de formação dos sujeitos, como um todo, da humanização das relações etc. É abriremos algumas áreas de atuação, em conjunto, e uma delas foi o teatro, com a escolha da regional Norte. Foi a criação de um grupo de teatro focado em uma área onde você tem uma série de necessidades sociais e econômicas e por outro lado eu acreditava com muita força numa visão muito forte de criatividade disponível e não conhecida.

2.3 Grupo de Teatro Cena Onze, uma parceria que deu certo

O Grupo de Teatro Cena Onze teve a sua história iniciada nos anos de 1990, em Mato Grosso, especificamente na cidade de Cuiabá, como resultado da realização do sonho de adolescente o jovem Flávio Ferreira. Diferentemente do sonho da maioria dos jovens de sua idade, Flávio sonhava em fazer do palco a sua realização. Desde o início da carreira, a marca registrada do jovem diretor foi escrever e dirigir peças que tiveram como foco a temática da loucura, onde procurou deixar explícito que muitas das neuroses e inseguranças dos seres humanos, no nosso dia-a-dia, estão diretamente relacionadas com o louco que há dentro de cada um de nós.

A Companhia de Teatro Cena Onze, hoje, pode ser considerada uma das boas referências da cultura mato-grossense, que ao longo de sua história já encenou as mais diversas peças teatrais, tais como: Hospício Brasil; O Louco Nosso De Cada Dia; Eu e o

Louco, Trilogia Cuiabana; Saudades, Silva Freire; O Último Circo do Mundo; O avarento: Bailei na Curva; O Filho, entre outros. O Grupo também teve e tem várias participações em festivais, bem como a realização de oficinas para a formação de novos atores, com o objetivo de manter viva uma das artes mais antigas, que é a arte de encenar, onde os atores podem viver os mais variados papéis.

O sonho da formação do Grupo de teatro Cena Onze foi descrita com muita suavidade e paixão no poema de Bette Rocha. Ela é atriz do grupo, e também apostou na possibilidade da realização de um sonho. Sonho que vai aos poucos se concretizando, através da arte de encenar, propiciando aos atores a possibilidade de estar vivenciando os mais diversos papéis e, ao mesmo tempo, fazendo o público viajar por mundos mágicos.

DE UM SONHO

Sonho de partilhar desejos, de comungar a criatividade, de vestir mil carapuças sem medo de ser julgado...

Sonho de viver infinitas emoções, de fazer as pessoas viajarem pelo espaço da imaginação, de buscar na alma a essência da vida...

Sonho de buscar, cantar, dançar, fascinar, interpretar..

Sonho de fazer cada dia uma esperança na vida das pessoas, de levar sorriso às almas tristes, de fazer refletir os corações cansados de tanta labuta...

Sonho de fazer da arte seu modo de viver, de encarar a vida, de se realizar como pessoa, “ser” humano.

Sonho de buscar em cada gesto, em cada palavra, em cada marcação uma explicação para as angústias do dia à dia. Sonho de refletir as barbáries do mundo.

Sonho de ser criança, adolescente, adulto, velho, sem perder a magia, sem perder o encanto que a vida nos proporciona...

Sonho de fazer de nossos sonhos uma realidade..

Assim, nasceu em 1990, a Companhia de Teatro Cena Onze.

De um sonho que se tornou realidade pela perseverança, pela crença na arte, pelo desejo de viajar pela fantasia e transformar o palco no lugar mais sagrado de nossas vidas...

De um sonho de atores, atrizes, iluminadores, cenógrafos, coreógrafos, dançarinos, sonoplastas, entre outros, que passaram pelo Cena Onze registrando a sua história e fazendo parte dessa história da arte dos palcos mato-grossenses.

Do sonho de um homem que ultrapassou seus limites, e fez da sua perseverança de dedicação e sensibilidade o ócio de nossa arte.

Do sonho de nosso diretor Flávio Ferreira hoje a Companhia de teatro Cena Onze, completa 10 anos de existência.

E, para comemorar esta data, elaboramos esta revista comemorativa com história do grupo e suas realizações.

Hoje, não mais um sonho. Gostaríamos de compartilhar com toda a comunidade esta realidade que traz, a cada ano, um novo espetáculo para os palcos do nosso estado.

A experiência vivenciada por nós enquanto técnica da Secretaria Municipal de Educação, teve um significado ímpar, onde pudemos perceber a visão alargada do Secretário, quando ficava evidenciada a clareza que o gestor da pasta da educação em relação ao processo educativo. Entendemos que esses processos poderiam ocorrer nos mais variados espaços e das mais variadas formas, onde as manifestações culturais deveriam ser apropriadas pelos educando, uma vez que a cultura e a educação estão estreitamente ligadas.

Partindo do princípio de fortalecer, o máximo possível, a idéia da unidade escolar, como uma idéia vinculada ao conceito de Cidade Educadora amplificada e ampliada, o espaço escolar e o seu entorno devem ser concebidos enquanto “espaços vivos”, que vão além da oferta formal das aulas previstas nas grades curriculares. Assim, em 2003, a Secretaria Municipal de Educação atendeu 10500 (dez mil e quinhentas) crianças, aproximadamente, em turno estendido, representando 25% do total de crianças matriculadas no Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá.

2.4 Primeira experiência vivenciada pela Escola Doutor Fábio com os Projetos Culturais

Em entrevistas realizadas com os diversos sujeitos que fazem parte da unidade de ensino investigada, começamos a tomar conhecimento que foi no seu primeiro ano de

funcionamento, que ocorreu a primeira tentativa de estar abrindo a escola, aos finais de semana. Tal abertura propiciou a realização de várias atividades educativas, inicialmente, destinado a um pequeno grupo de alunos.

Essa tomada de decisão foi relatada da seguinte forma, pela diretora Dalva Catarina:

Em relação ao funcionamento da escola, nos horários de finais de semana, na verdade, quando em 2000, a gente começou aqui, eu enquanto diretora comecei a perceber que as crianças, aos finais de semana ficavam soltas por aí. E até mesmo e às vezes, um de um horário queria vir em outro horário para a escola. E então agente começou a reunir e fazia um grupo de dança, fazia coreografia nas atividades. E aí aos sábados eu comecei a vir com alguns adolescentes que vi que estavam, assim, em idade perigosa. Meninas adolescentes que estavam correndo o risco de entrar na prostituição, algumas crianças que estavam em idade que deveriam ser aproveitadas com atividades de formação e estavam na rua, sem nenhum critério de uso desse horário. Espontaneamente, eu vinha para a escola, e discutia com eles temas que estavam ligados aos temas transversais, até sem interesse de estar conduzindo para esse lado. Mas aí eu comecei a trazê-los e discutir temas com a violência, como a sexualidade, a prostituição; mesmo a violência na família, pois agente percebia tinha muitos relatos de crianças que vinham machucadas para a escola, que os pais batiam. E as crianças chegavam falando que tinham batido no arame, na cerca, não sei o quê, mas você via que era espancamento. Então comecei a trazer relatos e as crianças começaram a ter liberdade para conversar comigo.

Por ser uma localidade que surgiu de um processo de grilagem e, conseqüentemente sem nenhum tipo de planejamento e infra-estrutura, o relato acima, deixa evidenciando que a falta de locais para que as crianças e adolescentes pudessem estar desenvolvendo atividades de lazer e possível risco da marginalidade foi os dois ingredientes propulsores para que a escola começasse a buscar alternativas para estar contribuindo para que as crianças pudessem ser afastadas das ruas. Assim, Paro (1995, p. 314) destaca que

Uma das formas de aferir a intensidade das relações entre a escola pública e a comunidade é a dimensão em que o espaço escolar é utilizado pelos usuários nos períodos em que a escola não está com suas atividades docentes regulares, especialmente nos finais de semana, nos feriados e nas férias escolares.

No princípio da realização da referida experiência, a diretora nos relata que contou com a colaboração de uma pessoa bastante importante da escola, o senhor José Dias, vigilante designado pela Secretaria Municipal, através de concurso, para estar desempenhando a função na unidade escolar. Segundo ela, o funcionário foi um parceiro muito importante, na experiência desenvolvida com as crianças, pois ajudou a semear um trabalho voltado para a realização de atividades culturais às crianças.

A diretora relata a dedicação do vigilante na realização do trabalho, e destaca como o senhor José Dias brincava com as crianças, colocando música e também dançando, reforçando

a tese de Duarte (2000, p.131):

(...) esses profissionais podem e devem se tornar parceiros dessa construção, cumprindo para além das especificidades de suas funções, o papel de educadores. Para tanto, é preciso não só perceber e reconhecer que a função desempenhada por eles ou elas é função de educador (a), mais incentivá-los (as) para desempenharem essa função. Isso possibilitará o encurtamento ou a anulação da distância existente entre os docentes e os não-docentes subalternizados e não reconhecidos, pelo senso comum pelos intelectuais.

É interessante perceber no relato da diretora, o papel educativo desempenhado por um servidor que não exercia a função de professor. Com isso, reforça-se a tese de que no espaço escolar, todos devem ser educadores, onde todos podem ter as possibilidades de estarem contribuindo com a formação dos educandos; mesmo estando desempenhando as mais diversas funções.

Na entrevista com o vigilante, ele relembra com muita alegria o trabalho citado pela diretora, onde teve a oportunidade de estar contribuindo, diretamente com as atividades realizadas aos finais de semana. Relata que desde o início, do referido trabalho na escola, enfrentaram uma série de dificuldades; desde a falta do lanche para as crianças até a falta de materiais, que eram resolvidos, na maioria das vezes, quando a diretora tirava o dinheiro do próprio bolso para poder atender estas duas necessidades.

Ele destaca sorrindo e enumerando as atividades que ajudava a desenvolver: a gincana, dança e a confecção de pipas. Faz questão de frisar que além de ajudar na procura do bambu e na confecção, também se divertia, tanto quanto as crianças, uma vez que gostava de empiná-la e vê-la subir, rememorando as brincadeiras que faziam parte do seu universo infantil.

Para o vigilante o trabalho com as crianças e adolescente foi de fundamental importância, uma vez que no início a escola

Tinha muitas crianças rebeldes (.), então esse trabalho era justamente para aliviar essa criançada. Era bravo. Essas crianças bem rebeldes eram pra vir e hoje essas crianças estão totalmente mudadas. Melhorou foi bom demais. Eu sempre no meio delas (risos)...

Os relatos dos dois coordenadores das atividades nos apontam que tudo começou de forma bastante “tímida”, pois, o número de alunos atendidos variava entre 10 e 12, sendo o número considerado bem reduzido. Com o passar dos tempos e com a divulgação do sucesso do trabalho realizado, esse número foi ampliando de forma gradativa e significativa, demonstrando o interesse das crianças em estarem participando das atividades culturais, aos finais de semana.

Na avaliação da diretora, o trabalho pode ser considerado que foi feito de forma leiga, uma vez que, tanto ela quanto o vigilante, não tinham nenhuma experiência de estarem realizando atividades extracurriculares com as crianças aos finais de semana. Aos poucos, porém, foram levantando quais eram os interesses dos alunos, quais as atividades que gostariam de estarem realizando, para que na medida do possível pudessem atendê-los.

Segundo a diretora, ela tinha conhecimento dos projetos culturais que já estavam sendo desenvolvidos na rede Municipal de Ensino, porém como a escola era bastante nova, assim como a equipe que a compunha, isso acabou dificultando a elaboração de projetos para que a mesma fosse contemplada. Mesmo com a não implantação de projetos culturais, nos anos de 2000 e 2001, a escola conseguiu implantar a experiência, da abertura da escola aos finais de semana.

Outro fator que acabou dificultando a implantação dos projetos, segundo a professora Maria de Lurdes, foi a falta de espaço para as atividades extra-escolares, pois a escola foi construída sem uma quadra coberta, ou qualquer espaço para as praticas esportivas e culturais. Segundo a entrevistada, a.prioridade foi a realização de uma construção rápida, que promovesse o atendimento curricular da grande demanda de alunos que esperavam ansiosamente o surgimento da 1ª escola do bairro.

Segundo ela, a **“sala dos professores virou sala de aula, foi a sala que eu peguei (...), então os alunos passavam dentro da minha sala para ir para a sala deles, e a todo o momento era interrompida com um “com licença”**. Também destaca a existência do turno intermediário que fazia com que a escola estivesse permanentemente ocupada, não tendo nenhum espaço para o desenvolvimento das atividades culturais na escola.

Foi no contexto de implantação/implementação dos projetos culturais na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá que iremos buscar a historicidade dos mesmos, na escola de Educação Básica Doutor Fábio Firmino Leite, onde ocorreu a possibilidade da ampliação da participação através das atividades lúdicas, mesmo sem ter praticamente nenhum espaço propício para a realização das atividades.

A questão da democratização e da participação do espaço foi algo que foi se construindo ao longo dos anos, por vários atores sociais, muitas vezes, sendo concebida como uma utopia.

Para Paro, a utopia não pode ser entendida como algo inatingível, mas como algo que desejamos, no sentido de estar contribuindo de fato para a melhoria das condições da escola. Por isso, Paro (2003, p.18)

O primeiro ponto a ser ressaltado é tão óbvio quanto lembrar que a democratização se faz na prática. Não obstante guiada por alguma concepção teórica do real e das determinações e potencialidades, democracia só se efetiva por atos e relações que se dão ao nível das e da realidade concreta. Essa premissa, apesar de sua obviedade, parece permanentemente desconsiderada por educadores escolares que, a partir do contato com as concepções teóricas que enfatizam a necessidade de uma prática social e escolar pautada por relações não autoritárias, assimilam o discurso mas não exercitam a prática democrática correspondente.

Foi na perspectiva de estar investigando uma experiência que teve como proposta a ampliação da democratização e da participação dos diversos sujeitos envolvidos no espaço escolar e conseqüentemente no despertar e conquista da cidadania que dirigimos o nosso foco de pesquisa para os projetos culturais implantados pela Escola Doutor Fábio Firmino Leite, no período de 2000 a 2004.

CAPÍTULO III

A FANFARRA E A ARTE DE ENCENAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O FORTALECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

3.1 A fanfarra a serviço da democratização do espaço escolar

Quando o Secretario Carlos Alberto Reys Maldonado assumiu a pasta da Educação em 2000, encontrou na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá somente 4 escolas desenvolvendo o projeto de fanfarra. Frente a essa realidade, considerou necessário unir esforços no sentido de ampliá-las, uma vez que as considerava de fundamental importância o desenvolvimento das habilidades musicais, tão essenciais num processo educativo. Ao mesmo tempo buscou-se garantir o atendimento em turno estendido, ou seja, no horário inverso em que os alunos estudavam, possibilitando que os mesmos pudessem participar de atividades extracurriculares, tão importantes na formação e desenvolvimento das várias habilidades dos indivíduos.

Ao longo dos 4 anos como gestor municipal, a ampliação das fanfarras atingiu a marca de 27, um aumento que pode ser considerado expressivo, considerando os altos investimentos exigidos na aquisição dos instrumentos.

Em entrevista realizada com Carlos Alberto Maldonado obtivemos a informação que esse aumento significativo ocorreu devido mais a uma demanda induzida por parte da Secretaria Municipal de Educação (SME) do que por solicitação das unidades escolares. Para ele, tal indução pode ser justificada, de certa maneira, pela sua mágica experiência pessoal, vivenciada quando ainda era bem criança e trazia o grande sonho de fazer parte de uma fanfarra. No momento deste relato pudemos perceber um largo sorriso em seu rosto, dando a

impressão que ele retornava a sua época infantil, onde pode experimentar os primeiros toques nos instrumentos de uma fanfarra. Enquanto falava as suas mãos realizam alguns movimentos, como se estivesse tocando algum instrumento. No decorrer da sua entrevista, ele afirma: **“eu estava lembrando quando eu era” piquitinho “e tocava o repique”**. Faz os gestos com as mãos, e com a boca o barulho do instrumento e acaba confessando que sentia muito orgulho e imensa emoção quando colocava aquele instrumento na cintura, sob a sua guarda, nos ensaios e nas apresentações. Assim, acredita que todos nós devemos estar buscando quais são **“as emoções que comportam as impressões mais fundas da gente, quando a gente era criança”**.

Neste momento houve uma forte emoção de ambas as partes, e pudemos sentir com muita intensidade e sinceridade a importância atribuída a uma atividade que a primeira vista parece ser bastante simples. Acabamos reportando a um dos maiores defensores de música como possibilidades de proporcionar a alegria na escola. Na sua obra intitulada “A escola pode ensinar as alegrias da música”? Snyders (1997, p.11), se posiciona da seguinte forma

Quero defender uma idéia bastante simples: que a música é feita para ser bela e para proporcionar experiências de beleza, e que a beleza existe para dar alegria: a alegria estética, que é uma alegria específica, diferente dos prazeres de que habitualmente desfrutamos, e que constitui um dos aspectos da alegria cultural.

Uma das principais características das obras de Snyders é o destaque para as alegrias culturais que a arte pode proporcionar aos alunos. O autor defende a tese de que a música deve estar ligada às obras primas, onde sugere que a escola deva partir, necessariamente, do ensino da musicalidade mais simples, ou seja, as intermediárias para posteriormente chegar às clássicas, ou seja, as obras primas. A nossa investigação esteve voltada para a alegria proporcionada pela fanfarra, uma das primeiras atividades responsáveis pela democratização do espaço escolar. Essa participação para muitos alunos foi a primeira experiência de contato com a música, e principalmente com alguns instrumentos que só conheciam quase que exclusivamente através de revistas, da televisão, ou através dos desfiles do 7 de setembro.

Com as lembranças ainda bastante vivas do seu universo infantil e com o objetivo de possibilitar as crianças o acesso a uma atividade lúdica interessante, onde as escolas pudessem abrir os seus espaços é que foi encaminhado um processo de ampliação e implementação das fanfarras nas nossas escolas. A seriedade deste trabalho pode ser acompanhada, ao longo dos anos, quando tivemos a oportunidade de observar, a formação das mesmas, onde o esforço conjunto dos alunos e instrutores sempre estiveram presentes. O primeiro desafio foi ensaiar

em horários diferentes do período normal das aulas, uma vez que devido ao intenso barulho provocado pelos instrumentos, acaba interferindo no desenvolvimento das atividades da escola. Desta forma, a maioria dos ensaios acabava ocorrendo ao meio-dia ou no final da tarde, duas vezes por semana.

Em relação aos recursos financeiros aplicados para a formação das fanfarras, Maldonado nos esclarece que

Tivemos investimentos na aquisição de materiais bastante altos, também aqui, sem nenhum arrependimento, pelo contrário, eu acho que a fanfarra, ela traz uma série de benefícios, seja, para não ser um pouco repetitivo. Seja na verdade, na absorção do ritmo, na integração que a partir da absorção do ritmo, eu tenho que fazer com o som que o outro produz para que o meu tenha sentido e significado. A disciplina que é necessária na fanfarra e que passa a ser uma marca muito forte no processo educativo também muito forte. A dependência que eu tenho em relação ao desempenho do outro, tem porque o dele afeta o meu. Enfim, há na fanfarra, no cotidiano dos ensaios, na seriedade com que as crianças geralmente se colocam diante do seu desempenho, do seu trabalho dentro dela. É uma série de importantes atributos aos processos educativos deles.

Na fala do nosso entrevistado fica explícita a crença de que o trabalho com a fanfarra no espaço escolar pode contribuir de forma bastante positiva, uma vez que defende a idéia de que para que a mesma pudesse ter um resultado satisfatório, foi necessário contar com um trabalho construído por várias mãos, onde percebíamos uma dependência muito forte, de uns com outros; onde um ritmo está intrinsecamente ligado ao outro. Desta forma ficava explicitado que havia a necessidade de um trabalho coletivo, onde todos dependiam uns dos outros para que se chegasse a um resultado satisfatório.

Um outro aspecto citado e que mereceu reflexão é a questão da disciplina que a atividade exige, pois a concentração é um dos principais elementos para um bom desempenho. Desta forma, acreditamos que as implantações das várias fanfarras contribuíram para que os nossos alunos pudessem desenvolver outras habilidades, tão essenciais para a formação dos seres humanos e conseqüentemente contribuir com um melhor desempenho no processo educativo. “A alegria da música convida á participação, rompendo as barreiras da timidez ou a falta de confiança, fazendo surgir pendores que poderia não ser conhecidos, estarem latentes.” (DOHME, 2004, p.107)

Foi nesse contexto de ampliação das fanfarras na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá que podem ser buscados a adesão da unidade de ensino Doutor Fábio Firmino Leite ao projeto, em 2001. Mesmo com o espaço ainda insuficiente, a escola elaborou o projeto que foi enviado, e posteriormente analisado e aprovado pela Secretaria Municipal de Educação, com realização prevista para início do ano letivo de 2002, onde o objetivo era atender os alunos

que pertenciam à unidade escolar, no horário inverso ao que os mesmos estudam. Com a referida aprovação à escola começa a desenvolver, o primeiro projeto cultural objetivando proporcionar aos alunos o acesso a atividades que normalmente eles não teriam condições de realizar. Segundo Ferreira (2001, p.15) “as artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nós constituímos como sujeitos humanos”.

A coordenadora pedagógica da unidade escolar refere-se a implantação do projeto da seguinte forma

Em 2002 nós começamos com a fanfarra, tivemos materiais específicos para a fanfarra. Foi uma festa. As crianças ficaram apaixonadas, todas crianças queriam participar da fanfarra, todavia, nós organizamos, vimos a possibilidade de alguns alunos que tinham habilidades ou que gostariam de estar participando...

Confirmando a fala da coordenadora, o senhor José Dias destaca que se lembra o dia em que começou o trabalho da fanfarra com as crianças, onde o projeto foi muito bem aceito, provocando muita euforia nas crianças e também nos adultos. Segundo ele, todos se animaram **“desde os pequenos até os bem grandinhos demonstraram desejo de estarem sendo contemplados para estarem participando da mais nova atividade implantada pela unidade de ensino”**. Podemos considerar que o projeto desenvolvido com a fanfarra possibilitou o fortalecimento da participação, que tinha se iniciado em 2000, dando assim, mais um passo em relação à democratização. Esse processo estava sendo solidificado através de uma atividade lúdica. Conforme Dohme (2003, p.113):

Normalmente utiliza-se o lúdico porque dá prazer e, por isso, é bem recebido pela criança. Esta situação pode dar uma sensação de estar em oposição a uma situação séria, de aprendizado. Mas, pelo contrário a situação de dar prazer e alegria colabora com o processo educacional porque coloca o aluno em uma situação de boa receptividade; ele está fazendo algo que gosta, se dispersa menos (...).

Mesmo com a tentativa de promover a participação fica evidente na fala da coordenadora que nem todos tiveram oportunidade de participar, uma vez que as vagas eram limitadas, onde houve a necessidade da criação de alguns critérios para a escolha dos participantes. A diretora reforça a fala da coordenadora quando nos lembra que **“hoje na escola, temos uma clientela de 350 a 400 crianças por período. Então selecionar 20 a 30, por período, para cada projeto acaba excluindo a maioria”**. Porém a exclusão momentânea é concebida não de forma negativa, pois, “os excluídos de um momento

emergem no momento seguinte como candidatos à inclusão e, quiçá podem ser incluídos num momento posterior”. (SANTOS, 2000, p. 7)

Mesmo com o não acesso de todos, na referida atividade, as nossas observações apontaram que o trabalho desenvolvido provocou uma alteração bem visível no movimento da escola, fora do horário normal das aulas, possibilitando assim, a ocupação do espaço que até então ficava ocioso. Essa ampliação pode ser ilustrada com a fala de uma ex -aluna da escola e participante do projeto fanfarra que teve a seguinte percepção em relação a atividade desenvolvida

Eu quis participar do projeto da fanfarra porque como era um projeto da escola, eu queria saber como era participar de um projeto. É muito legal participar da fanfarra, ensina muito bem (...). Era tudo ótimo, não tinha brincadeira, todo mundo levava a sério.

Na entrevista realizada com a aluna fica demonstrada a importância da implantação da fanfarra na escola, a reação de alegria, onde “(...) a escola como local de alegria, não representa uma utopia, simples desejo desvinculado daquilo com que os alunos e educadores sonham e de que sentem falta”. (SNYDERS, 1993, p.12).

Acompanhando a implantação do projeto fanfarra e os vários ensaios em 2002, podíamos perceber claramente que a alegria tão apregoada, por Snyders de que é possível e que esta pode estimular e fortalecer o processo de participação no espaço escolar. Não podiam passar despercebidas àquelas várias crianças; umas que vinham no horário inverso das aulas e outras que após quatro horas de estudos ainda aguardavam ansiosas os ensaios que iniciavam as 17:30 e prolongavam até às 20:00 horas. Era comum ao término dos trabalhos, observar os alunos saírem juntos para tentarem enfrentar a escuridão do bairro, uma vez que a iluminação nas ruas era inexistente. Também não escapavam do nosso olhar alguns poucos pais que vinham buscar seus filhos, e ao mesmo tempo obter informações sobre o desempenho na nova atividade implantada pela unidade de ensino.

Acompanhamos inicialmente o projeto como uma apaixonada por iniciativas que tenham como foco a democratização da escola e posteriormente como pesquisadora que investiga um fenômeno, com um olhar mais apurado, onde o objeto investigado possibilitou a penetração na sua essência, provocando assim o seu desvelamento, e conseqüentemente uma análise mais aproximada da realidade.

De acordo com Kosik (1976, p. 14).

A realidade não se apresenta aos homens, á primeira vista, sob o aspecto de um objeto que cumpre intuir, analisar e compreender teoricamente, cujo pólo

oposto e complementar seja justamente o abstrato sujeito cognoscente, que existe fora do mundo e apartado do mundo; apresenta-se como o campo em que exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgira a imediata intuição prática da realidade.

Como explicita Freire (1997, p. 11), o processo inicial de uma pesquisa pode ter seu início partindo primeiramente de uma dimensão do senso comum

da curiosidade ingênua que caracterizava a leitura pouco rigorosa do mundo à curiosidade exigente, metodizada com rigor, que procura achados com maior exatidão. O que significou mudar também a possibilidade de conhecer, de ir mais além de um conhecimento opinativo pela capacidade de aprender com rigor crescente a razão de ser do objeto da curiosidade.

Foi com esse olhar mais detalhado que acompanhamos como pesquisadora alguns dos ensaios. De uma das mais novas fanfarras, onde tivemos a oportunidade de estar presenciando e compartilhando com os participantes do projeto, momentos de muitos significados. Como chamava a atenção àquelas crianças ensaiando, por quase dois meses, sem os instrumentos, pois, a Secretaria de Educação demorou em fazer a distribuição dos mesmos. A falta era suprida pela intensa euforia das crianças em estarem participando de forma tão intensa da atividade. Também chamava a atenção o empenho do instrutor Marcos que conseguia fazer o trabalho com mais 60 crianças, utilizando-se exclusivamente da sua voz de comando e dos gestos que simulavam os toques dos instrumentos. Foram quase dois meses de espera, onde as crianças não se cansavam de perguntar quando seria o grande dia da estréia dos instrumentos musicais.

O tão sonhado dia de inaugurar os instrumentos, enfim chegou, o momento mais esperado pelos alunos, pois, agora teriam a oportunidade de ensaiar de forma mais real, pois os instrumentos produziam aqueles sons que inicialmente acabavam ficando somente no imaginário das crianças. Como não lembrar da euforia, da alegria dos meninos e meninas por algo, que a primeira vista poderia parecer sem muita importância. Compartilhar desses momentos foi uma experiência e um aprendizado tão profundos e que com certeza contribuiu para que pudéssemos perceber que muitas alegrias podem estar contidas em pequenas coisas. Desta forma, “a alegria da música convida à participação, rompendo as barreiras da timidez ou a falta de confiança, fazendo surgir pendores que poderiam não ser conhecidas, estarem latentes”. (DOHME, 2003, p.107).

Ao longo dos ensaios pude perceber que o processo de socialização e do trabalho coletivo foi aos poucos fazendo parte da “cotidianidade” dos alunos, pois conforme

Maldonado, os projetos culturais proporcionaram, sem sombra de dúvidas

a socialização, pois, ela foi muito mais vivenciada e experienciada por todos, os processos se ampliaram, se rompeu com a barreira das classes e de um ou dois professores. O turno estendido possibilitou também o contato de alunos mais novos com os alunos mais velhos, independente de sua localização do período normal dos estudos que eles possuíam.

Era interessante perceber na prática, a relação que os alunos estabeleciam entre si, onde o agrupamento das diferentes idades e etapas do ciclo nos quais estavam inseridos não eram fatores determinantes para o desenvolvimento do trabalho, demonstrando que a democratização na escola também implica em estar oferecendo aos alunos, a possibilidade de estar se relacionando com os diferentes grupos existentes no espaço escolar, desmistificando os agrupamentos impostos pela escola tradicional.

O trabalho com a atividade também demonstrou a necessidade do aprofundamento da importância do trabalho coletivo, onde a sintonia de uns com os outros se tornava um importante pré-requisito para o desenvolvimento de um trabalho. Por isso, não era necessário que houvesse o domínio individual do ritmo de seu instrumento, mas havia a necessidade da absorção dos outros ritmos produzidos pelos colegas, para que o meu ganhasse sentido no contexto musical mais ampliado. Talvez por isso, nesse processo era bastante comum observarmos aqueles alunos que tinham maior desenvoltura com os instrumentos musicais, colaborando com os colegas que tinham um pouco mais de dificuldade. A preocupação de uns com os outros, o esforço comum para estarem produzindo um ritmo harmônico, acabava emocionando àquelas pessoas que ficavam assistindo os ensaios. Percebia-se claramente a rede de solidariedade, de ajuda mútua que os alunos começaram a desenvolver, com intuito de estar realizando um trabalho, onde todos contribuía de alguma forma.

Um outro aspecto que mereceu também um olhar cuidadoso, por parte desta pesquisadora foi a pré-disposição dos alunos em estarem participando da atividade no finalzinho da tarde. Isto implicava para os que estudavam no período da tarde, a continuidade dos trabalhos, e para os que estudavam no período matutino, o retorno em um outro horário. Esse ponto também nos parece fundamental, pois começa a se romper com a idéia de que os alunos só poderiam estar no espaço escolar, em horários estabelecidos para o desenvolvimento as suas atividades que são contempladas pelo currículo formal. De certa forma acabam por deixar explícito que também as barreiras impostas pelos horários pré-estabelecidos começam também a serem alterados, evidenciando uma profunda alteração na rotina escolar.

A problemática que começamos a detectar no desenvolvimento do trabalho estava relacionado com o retorno das crianças para as suas residências, pois o bairro apresentava algumas deficiências de infra-estrutura que acabava prejudicando um retorno com segurança, tais como: iluminação pública inexistente levando o bairro “mergulhar” numa total escuridão à noite, falta de policiamento e inexistência de um posto de policial no local proporcionava uma certa intranqüilidade aos participantes. Os problemas elencados contribuíram para que algumas desistências ocorressem, uma vez que muitos pais por estarem trabalhando não tinham como estar buscando os seus filhos. Desta forma, começamos a compreender que no processo de construção da democratização, implica em transpor obstáculos que aparecem ao longo da caminhada.

Quanto ao problema do retorno a noite para suas casas, os participantes expressaram da seguinte forma nas entrevistas.

Eu achava que a noite não era muito bom fazer, por que era muito perigoso. Eu moro lá na avenida do Três Barras, lá em cima, na rua perto da ponte de ferro e ficava ruim para vim porque não tinha quem acompanhava. Vinha eu e meu irmão no escuro e na hora da gente voltar tinha que voltar com perigo voltava umas 8:00 por aí. E aí ficava ruim de voltar. E tinha que ter companhia e às vezes o professor levava eu até lá em cima (Gislaine).

(...) O horário era muito ruim, as crianças saíam daqui quase á noite, né. Era muito complicado, o bairro não tinha a iluminação, e as crianças vinham fazer a fanfarra, no período da noite. Tem muito problema com o horário á noite, e às vezes saíam mais tarde, e tinham que ir para casa no escuro. Teve esse problema aí, já que a noite era perigoso (José Dias).

Realmente tinha esse problema do horário porque desde os pequenininhos até os maiores queriam participar da fanfarra, (...). Como o horário era complicado, as mães muitas vezes não queriam deixar os filhos virem porque fica tarde, o bairro é escuro, não tem iluminação, é violento. Muitos deixaram de participar da fanfarra por esse tipo de problema. Eu acho que deveria ter um outro horário, um outro momento durante o dia, fora do horário de aula. Eu acho que deveria ser revista essa questão do horário para dar continuidade (Maria de Lurdes).

A situação apresentada demonstrou claramente que a participação das crianças no espaço escolar poderia ser inviabilizada, devido ao horário de término dos ensaios, visto que poderiam colocar em risco a segurança dos participantes que não mediam esforços para estarem participando de uma atividade que consideravam de extrema relevância.

Em conversas informais, e posteriormente, na realização das entrevistas com algumas pessoas da referida unidade escolar, ouvimos algumas argumentações sobre a necessidade da realização dos ensaios no horário estabelecido pela equipe da escola: falta de disponibilidade de outros horários por parte do instrutor de fanfarra Marcos que atendia mais de uma unidade escolar; falta de espaço para as práticas culturais, uma vez que a escola não dispunha de

quadra coberta; as salas de aulas estavam localizadas muito próximas do local destinado aos ensaios da fanfarra, onde certamente, seriam incomodadas pelo intenso ruído provocado pelos instrumentos musicais.

A professora Maria de Lurdes afirma que o problema poderia ser solucionado se a escola dispusesse “de uma sala especializada com isolamento contra o barulho” ou ensaiasse aos finais de semana. Quanto à última sugestão, ela retoma dizendo que aos finais de semana também são realizados projetos que exigem bastante concentração e os barulhos dos diferentes instrumentos acabariam por prejudicar as outras atividades realizadas.

Tentando amenizar a problemática, a equipe gestora realizou uma reunião com os pais, e juntamente foram buscando alternativas, no intuito de não prejudicar o excelente trabalho que vinha sendo desenvolvido com o “Projeto de Fanfarra”. A busca coletiva de uma solução juntamente com os pais nos aponta, que “(...) a participação é uma vivência coletiva e não individual, que somente se pode aprender na práxis grupal. Parece que só se aprende participar, participando.” (BORDENAVE, 1992, p.74)

Essa prática de estar ouvindo a comunidade, de acordo com Araújo (2001, p.28) nos aponta que

A participação implica levar em conta a necessidade do indivíduo ser considerado, de suas idéias serem ouvidas, discutidas e analisadas na hora de tomada de decisão. Ele precisa se sentir útil, colaborador, necessário e importante no processo. Suas idéias não precisam ser necessariamente vitoriosas, mas elas precisam ser importantes na construção da decisão vinculatórias para todo o grupo, pois serão assimiladas por eles.

Nas várias entrevistas realizadas ficaram evidenciado que a questão do horário para os ensaios da fanfarra praticamente não tinha solução; no horário das aulas seria impossível, uma vez que o barulho produzido acarretaria em atrapalhar as aulas e aos finais de semana existiam as atividades realizadas pelos voluntários. Sem uma solução para a questão, a opção foi garantir a realização do trabalho da forma como vinha sendo conduzida anteriormente.

Ao longo da discussão foi ficando claro para os participantes que praticamente não existia um outro horário viável, pois a prática da atividade apresentava a sua realização juntamente com as outras atividades da escola. Para alguns pais, a “saída” seria o esforço dos mesmos para viabilizarem a busca dos seus filhos, bem como a redução do horário dos ensaios, possibilitando assim, que os alunos pudessem voltar a volta de forma segura. Essas alternativas foram aceitas pelos participantes, onde todos se comprometeram em estar contribuindo para que o projeto continuasse a ser desenvolvido, mesmo com as dificuldades

apresentadas.

Desta forma, começamos a compreender que no processo para a construção da democratização, implica em transpor obstáculos que aparecem ao longo da caminhada. Os problemas citados contribuíram para que algumas desistências ocorressem, uma vez que muitos pais por estarem trabalhando não tinham como estar buscando os seus filhos, inviabilizando a participação.

Alem da dificuldade apontada, outro aspecto que despertou a minha atenção foi o pouco envolvimento dos funcionários, sendo que estes argumentavam que por ser realizado fora do horário de trabalho ficava muito difícil acompanhar, ficando a responsabilidade exclusivamente com a equipe gestora. A coordenadora Ivonete refere-se da seguinte forma, ao acompanhamento ao “Projeto Fanfarra”.

Com relação à equipe gestora, na maioria das vezes, quem ficava era eu, então já tinha tido um dia desgastante, mas havia preocupação porque tinha que ter alguém da equipe gestora acompanhando, porque não podia ficar simplesmente o instrutor da fanfarra e ninguém representando. Então, normalmente eu ficava ou alguém para que eu pudesse sair um pouco mais cedo, era o secretário da época Aurenil. Então algumas vezes ele teve oportunidade de ficar, mas quem acompanhava no sentido de estar com as crianças era eu. (...) muitos alunos participavam, mas a dificuldade era essa, na maioria das vezes era eu quem ficava, era muito cansativo. Eu voltava do bairro sozinha a noite para casa.

Por algumas vezes que assistimos ao ensaio da fanfarra, a figura presente no acompanhamento dos alunos foi a coordenadora pedagógica que demonstrava conhecer por nome, todos os participantes que compunha o projeto. Ela afirma que em alguns momentos contou com o secretário escolar Aurenil, que a substituiu para que a mesma pudesse descansar após uma longa jornada de 40 horas de trabalho. E nos confessa, que assim como os alunos também sentiam um pouco de medo de estar voltando sozinha para a sua residência no Residencial Santa Inês e posteriormente quando se mudou Centro Político Administrativo (CPA).

Mesmo com as dificuldades apontadas pela coordenadora na questão da falta do envolvimento dos funcionários da escola, a mesma afirma que até setembro de 2002 **“foi uma época bastante produtiva, pois o instrutor tinha conseguido em pouco tempo fazer com que as crianças aprendessem a tocar os instrumentos, e ao mesmo tempo provocar uma grande movimentação no espaço escolar; pois os ensaios contavam normalmente com 60 a 70 crianças”**.

A movimentação demonstrava que o espaço da escola investigada estava se alterando profundamente, onde podíamos perceber que o local estava se transformando em um espaço de prazer, onde outras linguagens passavam a ser exercitadas. Conforme Gomes (2000, p. 22)

são desconhecidas ou pouco conhecidas as linguagens não verbais que podem acompanhar ou prevalecer nas relações entre uns e outros, as experiências de prazer e de desprazer que podem dar por via das linguagens do corpo, seus gestos, seus movimentos, seus sentidos.

Mesmo com a falta de envolvimento de algumas pessoas da escola, constatamos dois fatores que foram fundamentais para que o trabalho da fanfarra continuasse a caminhada com êxito: o grande interesse dos alunos em estar fazendo parte da fanfarra e a relação muito próxima que estabeleceram com o instrutor. A relação de respeito pelo professor Marcos era perceptível por todos, onde a sua voz forte tinha um “controle” impressionante, onde a voz de comando era rapidamente respeitada por todos. Era impressionantes a autoridade com que o instrutor trabalhava e a forma bastante tranqüila de dar encaminhamento nos trabalhos desenvolvidos com as crianças.

A questão da postura firme do professor não era compreendida pelos alunos como algo negativo, mas como algo necessário. Para Vânia Dohme “o trabalho com a música desenvolve a concentração, e o que melhor, não aquela vinda da disciplina, de uma obrigação de “fora para dentro” mas, ao contrário, de “dentro para fora”, pois a criança deseja se sair bem, tem interesse de apresentar o resultado, está motivado por algo que gosta.(2003, p.107).

Foram selecionadas algumas falas sobre a atuação do instrutor Marcos frente ao Projeto Fanfarra.

(...) e o professor ensinava, ele ensinava tudinho. Com ele aprendi a fazer coreografias (Thaís).

Foi bom porque ele soube ensinar agente e quando ele falava, todos nós respeitava porque agente queria saber até onde, agente ia chegar na fanfarra. Ele ensinou bem as pessoas até quando ele saiu (Emile).

Depois que o primeiro professor saiu não foi muito bom, porque o segundo que entrou não tinha a habilidade e a disciplina do primeiro (José Dias).

Então algo que eu notei assim... era que o professor procurava manter a disciplina na fanfarra, então foi uma época muito produtiva nesse sentido (Ivonete).

A normalidade do trabalho começou a ser interrompida quando no mês de setembro, o instrutor começou faltar, e isso acabou causando muita desmotivação nos alunos e muitos, também começaram a faltar. Essas faltas constantes culminou com o seu total “desaparecimento” no mês de outubro depois da brilhante apresentação da fanfarra no Encontro Municipal Científico e Cultural, onde os alunos pela primeira vez tiveram a

oportunidade de representar a escola, num evento onde houve a participação de inúmeras escolas.

Consideramos que o evento promoveu entre as crianças, um “clima” de auto-estima positiva, pois não se cansavam de relatar como sentiram-se importantes em estarem executando uma atividade, para um publico, que não se cansava de aplaudir.

3.2 O jovem Vitor Hugo e a formação do ator social

Para os pais das crianças, esse episódio provocado pelo instrutor acabou causando uma certa frustração dos alunos, pois, sentiam a possibilidade de interrupção no trabalho que vinha sendo desenvolvido com muito êxito. Surge então, nesse momento difícil do projeto, o jovem aluno Vitor Hugo, praticante da fanfarra, que se predispõe a assumir o papel de instrutor. Tal opção foi influenciada pelo fato de que o jovem tinha conhecimento de como coordenar uma fanfarra e também o domínio de vários instrumentos. Essa atitude tinha como objetivo maior estar impedindo que o grande sonho acabasse e fosse tirada a única possibilidade de continuarem tendo contato com uma atividade de tão grande importância, para aquelas mais de 60 crianças. Assim, a responsabilidade pela coordenação dos ensaios ficou sob a responsabilidade do aluno Vitor Hugo, adolescente na época, com 15 anos de idade que foi realizando o trabalho com muita responsabilidade e entusiasmo.

Quanto ao trabalho desenvolvido pelo mesmo, esse foi avaliado pelos colegas de forma bastante diversa, pois, para alguns ele foi muito corajoso em dar continuidade a um trabalho que era coordenado por um instrutor profissional na arte de reger. Segundo depoimentos de alguns colegas, eles tinham a consciência de que era muito difícil coordenar um grupo tão grande, mas consideram que ele deu conta da tarefa. Para os outros, o fato do colega ser bastante jovem fazia com que os participantes não colaborassem e nem demonstrasse respeito por ele. Para estes, os ensaios não foram conduzidos da mesma maneira como o instrutor conduzia, ou seja, com uma forte disciplina.

É interessante destacar que está presente nas diferentes posições dos colegas do Vitor Hugo dois pontos fundamentais fundamental que fazem parte do jogo democrático: o consenso e o dissenso. Na democracia, (BOBBIO, 2000, p. 75) destaca que

(...) quero dizer que, num regime que se apóia no consenso não imposto a partir do alto, alguma forma de dissenso é inevitável e que apenas onde o dissenso é livre para se manifestar o consenso é real, e apenas onde o

consenso é real o sistema pode proclamar-se com justeza democrático. Por isso afirmo existir uma relação necessária entre a democracia e o dissenso, pois, repito, uma vez admitido, que a democracia significa consenso real e não fictício, a única possibilidade que temos de verificar se consenso é real é verificando o seu contrário.

Dessa forma, os argumentos divergentes implicam em compreendermos que convivemos com diferentes formas de se posicionar frente aos diversos fenômenos que surgem na nossa realidade. Assim, na democracia é evidente que tanto a opinião da maioria com da minoria devem ser levados em consideração. No caso de um processo de escolha (eleição), o consenso pode ser verificado através das eleições livres que são realizadas através do sufrágio universal, deixando explícito a legitimidade daqueles que foram escolhidos através do voto da população.

Mesmo com a atitude firme do aluno Vitor Hugo em estar dando continuidade ao trabalho para que o sonho de muitas crianças não findasse, a coordenação aponta um desafio surgido no percurso, onde enfatiza que

Que agente sabe que um instrutor junto é uma coisa, só os alunos são outra coisa. Alguns instrumentos foram estragados até por falta do próprio conhecimento das crianças, de como realmente tocar, bater e como utilizar esses instrumentos> Mesmo que eu acompanhava, eu não tenho noção de como se trabalha com as pessoas em uma fanfarra. Eu tenho noção do pedagógico, não como se bate uma zabumba, como se faz com um pandeiro (...), nesse sentido nós tivemos problemas.

Mesmo com as problemáticas apontadas e que acabaram trazendo alguns transtornos para o desenvolvimento do projeto, não podemos deixar de registrar o empenho desse jovem que chamou para si, a responsabilidade para a continuidade de tão importante trabalho. A culminância de todo o esforço despendido pelo jovem e pelos alunos foi recompensado, quando Vitor conseguiu preparar e a fanfarra para apresentar na 1ª Feira Científica da Escola, no final de 2002. Esse evento faz parte do calendário da escola e tornou-se um dos mais importantes para toda a comunidade escolar. É um momento riquíssimo em que a comunidade tem a oportunidade de acompanhar todo o trabalho educativo que a escola desenvolveu ao longo do ano.

Analisando a posição assumida pelo jovem aluno, fica demonstrado que a participação, de acordo com BORDENAVE (1992, p. 78), “ninguém nasce sabendo participar, mas, como se trata de uma habilidade natural, a habilidade de participar cresce rapidamente quando existe oportunidade para praticá-la”. Desta forma, a participação do aluno pode ser considerada de forma mais ampliada, uma vez que influenciou decisivamente a continuidade de um trabalho que estava em curso.

Para Trurler (2001, p. 141), “qualquer membro de uma comunidade exerce, de vez em quando, alguma influencia, mas alguns modificam o curso das coisas, com mais freqüência do que os outros”. Assim, podemos considerar que Vitor Hugo alterou o rumo da história do projeto fanfarra, onde de acordo com a sua capacidade de coordenar proporcionar condições para que um importante projeto conquistado pela escola não finalizasse. Pelo papel desempenhado pelo nosso jovem instrutor, compreendemos que a liderança pode ser exercida por pessoas diversas, em contextos variados rompendo-se com a noção de que esta deve ser exercida por aqueles que são instituídos de forma formal, e que, muitas vezes, não exercem tanta influencia no contexto ao qual está inserido.

Percebemos que no trabalho com os projetos culturais vivenciado por Vitor Hugo, o mesmo estava se constituindo enquanto um sujeito social. Como afirma Scharrer –Warren, (1999, p. 15).

O sujeito social refere-se a relação de responsabilidade e de autocriatividade positiva, não destrutiva, que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com a sociedade em que vive. É a idéia do sujeito-no-mundo ou do cidadão-no-mundo. Por isso fala-se de construção de sujeitos, pois estes se constituem nas relações sociais, que inclui a autonomia, ou a autocriatividade, e a alteridade ou o reconhecimento e respeito ao outros.

Desta forma é interessante perceber que além de possibilitar que os alunos pudessem ocupar o espaço escolar, em horários diferentes daquele estipulado para as atividades formais, estava começando a delinear uma nova perspectiva: questão: o surgimento de sujeitos coletivos que se colocam a disposição enquanto pessoas que estão no mundo com intuito de estar contribuindo com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Com isso, podemos destacar que poderia estar em curso a formação do ator social. De acordo com (TOURAINÉ, 2003, p.102) “é a partir do sofrimento do individuo dividido e da relação entre sujeitos que o desejo de ser sujeito pode transformar-se em capacidade para ser um ator social.”

Mesmo com inicio das atividades lúdicas, o espaço escolar sofreu no ano de 2002, 3 furtos, nos meses de abril, agosto e setembro, onde os boletins de ocorrência 602/02, 16982/1020254.02.001276-2 destacam os vários objetos que foram retirados pelos marginais. Desta forma, a escola buscou estratégias no sentido de estar fortalecendo as atividades desenvolvidas, bem como um trabalho de parceria com a comunidade no intuito de estar amenizando uma situação que começava a apresentar como desafiadora.

A problemática dos furtos pode ser constatada através do relatório da Assessoria

Jurídica, onde a Ouvidoria da Secretaria Municipal de Educação aponta através dos registros que em 2002 foram registradas 42 ocorrências, sendo que 16 na Regional Norte, 13 no Sul, 7 na Leste e 6 na Oeste. Chama a atenção no relatório, que 1 escola sofreu 4 furtos ao longo do ano.

No ano de 2003, renovaram-se as esperanças de se desenvolver o trabalho da fanfarra de forma mais intensa, uma vez que foi contratado, pela Secretaria Municipal de Educação um instrutor da própria comunidade para estar realizando o trabalho, porém, para o vigilante contratação do novo instrutor não contribuiu para que o trabalho fosse considerado de qualidade porque

Ele não tinha habilidade para tocar em frente com a fanfarra, também não tinha domínio. Então complicava. Então as crianças vinham e ele não tinha controle. Aí uns gostavam uns gostavam e outros só vinham para brincar, algumas mães vinham para vir.. E eu não gostei no final não. Tem que ter um professor de fibra pra levar pra frente, senão não dá. Se não tiver um professor de fibra que entenda. É difícil levar uma fanfarra na escola.

Durante o projeto de fanfarra acabou passando por mais uma situação complicada para o seu desenvolvimento, o não acompanhamento sistemático pela equipe gestora que acabou colaborando para que o projeto não tivesse tanto êxito. Essa ausência ocorreu depois que a coordenadora tomou a decisão de que não ficaria com a responsabilidade de estar assumindo o trabalho, praticamente sem a participação dos colegas da escola.

Em sua entrevista afirma que tem consciência que muitas vezes as crianças ficaram sozinhas, aconteceram muitas brigas, reclamações de pais e entrada até mesmo de pessoas estranhas na unidade de ensino. Os materiais também acabaram sendo estragados ficando acabados. Segundo a professora Ivonete essa situação acabou influenciando negativamente as apresentações da fanfarra que não foram tão boas, mesmo assim, com muitos esforços conseguiram terminar o ano letivo.

O trabalho realizado foi uma primeira tentativa da unidade escolar em estar ampliando a participação na escola e conseqüentemente possibilitando também o acesso a atividades que normalmente as crianças não como participar. Infelizmente em 2004, o projeto da fanfarra não pode ser realizado devido a falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação que não realizou nenhum contrato de instrutores para os projetos culturais.

Mesmo com os resultados positivos que a escola apresentou ao longo do desenvolvimento dos projetos, a instituição não realizou a contratação dos instrutores para atuarem nos projetos culturais, em 2004 foi atribuída às dificuldades financeiras que a Secretaria Municipal de Educação estava atravessando naquele ano. Assim, foram adotadas

algumas medidas emergenciais, no intuito de estar amenizando a difícil situação financeira, tais como: a não realização de novas reformas nas escolas, não execução dos projetos culturais, suspensão do pagamento dos fornecedores; a prioridade estava voltada para o pagamento dos servidores municipais.

Na escola, as pessoas são unânimes em afirmar sobre a importância da fanfarra para a escola e a tristeza pelo término da mesma. Algumas falas ilustram muito bem, como a interrupção tem sido sentida pelos que participavam dos projetos

Foi muito bom. Eu aprendi como cuidar de uma fanfarra, até lá de casa dá para ouvir a fanfarra do CPA, quando eu começo a ouvir dá até vontade de vir aqui na escola, pensando que ela está. Só que acabou a fanfarra. Que queria que voltasse de novo, mas fazer o quê. Acabou. (Emile)

(...) os projetos não deveriam parar, na verdade ele não é ensino regular, ele é uma alternativa de atividade conciliadora com o ano letivo. Que ele não deve ir de janeiro a dezembro porque a criança não para na casa dela, ela é constante no bairro, na escola. A vida dela está muito ligada ao bairro. (Dalva)

3.3 A interrupção do sonho dos participantes do projeto

A interrupção do Projeto Fanfarra acabou provocando na unidade escolar muita tristeza, entre todos aqueles que participavam direta ou indiretamente do projeto. Nos momentos em que estive presente na escola, as crianças sempre perguntaram quando que o projeto retornaria, pois estava fazendo muita falta. Sempre buscava fazer um relato das dificuldades que a Secretaria de Educação estava passando, havendo a necessidade de estar fazendo alguns cortes, onde os setores atingidos foram: as reformas das escolas e a execução dos projetos culturais.

Numa longa entrevista com Maldonado fomos informada que para 2005, já está assegurado uma verba de aproximadamente quinhentos mil reais, proveniente do Ministério da Educação e Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar (FNDE) para ser aplicada aos projetos. Uma quantia de trezentos mil reais será destinada para a compra de materiais, ainda este ano, a serem utilizados para os projetos culturais e duzentos mil serão destinados ao pagamento de monitores e capacitações no ano que vem.

Segundo o secretário a verba acima citada deveria ser destinada a realização da IIª Colônia de Férias, porém como estamos passando por um momento de transição política, achou prudente a não realização da atividade, uma vez que a futura gestão deverá estar

preocupando, a partir do dia 3 de janeiro de 2005, com a adequação administrativa, preparação para o ano letivo, entre outras. Ainda destaca que a experiência da Colônia de Férias experienciado por cinco mil alunos, quando tiveram a oportunidade de estarem nas escolas participando de várias atividades coordenadas por instrutores contratados. Tal experiência poderá ser analisada e posteriormente implementada com a nova gestão, tendo como meta ampliar o número de atendimento às crianças.

Enquanto pesquisadora acompanhamos de forma sistemática a participação da comunidade na Iª Colônia de Férias, envolvendo escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá e pudemos observar como as crianças independentes de serem alunos ou não, participam efetivamente das atividades propostas pela escola. Foi empolgante acompanhar como que a participação ocorria de forma bem democrática, onde crianças de diferentes idades e sexos participavam de forma bastante tranqüila das atividades, compartilhadas.

Podemos assegurar que os resultados foram bem positivos, pois, a maioria das crianças não dispunha de outros lugares para passarem as férias e nem dispõem de brinquedos em casa, tão essenciais ao universo infantil.

3.4 A expressividade da cultura através da arte de encenar

A opção da Secretaria de Educação em estar fortalecendo os projetos culturais, implantados nas escolas municipais, está vinculada a implementação das ações que viessem contribuir para a efetivação dos princípios assumidos, em 2001, quando Cuiabá passou a integrar a Associação Internacional das Cidades Educadoras. Princípios esses que estão dispostos em vinte artigos, onde o foco central está voltado para a concepção da cidade enquanto educadora, onde todos os indivíduos devem ter acesso aos vários bens culturais oferecidos pela mesma, independentes da classe social em que se encontram.

Um dos princípios que será dado a maior ênfase, neste trabalho, é o da possibilidade da utilização dos espaços educativos para que os cidadãos tenham acesso aos bens culturais, muitas vezes negados, devido a situação econômica em que se encontram a maioria dos brasileiros do nosso país.



Figura 1- Professor Carlos Reys Maldonado e o diretor de Teatro do Grupo Cena Onze. Segundo o Secretário de Educação Carlos Alberto Reys Maldonado.

Os projetos, eu acho, ao ganharem essa dimensão, eles acabaram também trazendo para as crianças uma outra idéia de escola, na sua pratica, na sua vivencia. A escola superou aquele conceito anterior do local, da escola, enquanto local que eu vou para ficar sentado, aprendendo o que o outro vai me ensinar para passar para um lugar onde eu vou exercer as minhas plenas capacidades criativas, intelectuais, físicas, motoras, de uma maneira mais aproximada do pleno.

Fica caracterizada a importância de Cuiabá enquanto Cidade Educadora e o reflexo desta opção para a população Cuiabana, por isso uma das primeiras ações foi o trabalho desencadeado no intuito da reconceitualização dos espaços educativos, onde os mesmos deveriam ser apropriados por todos os cidadãos que habitam o nosso município. Tal reconceitualização implica em conceber que na cidade, além da escola, existem outros espaços que devem ser utilizadas pelos cidadãos, uma vez que a educação de ser compreendida como uma pratica permanente e ampliada, uma vez que, conforme FREIRE “o ser humano, enquanto histórico, é um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua conclusão”(1987, p.22-), e que deve ter à sua disposição os recursos que uma cidade pode oferecer, no intuito de contribuir com essa formação que está em permanente processo de construção e reconstrução.

Em relação à cidade enquanto educadora, Freire (1997, p. 22 e 23), destaca que

Não basta reconhecer que a cidade é educativa, independente do nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós mulheres e homens impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios: impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela; pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós, e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos.

É com uma concepção de uma cidade enquanto educadora que os gestores devem estar proporcionando condições para que os seus habitantes tenham possibilidades de estarem inseridos em um processo educativo, onde seus cidadãos tenham despertado em si, o desejo que possa contribuir para a preservação e criação dos bens que compõem o cenário da cidade.

É nesse contexto, que a arte de representar surge como uma possibilidade educativa, onde o “valor didático do teatro já se sentia na Grécia Antiga, pois esta arte era considerada parte da educação de um grego”. (DOHME, 2003, p.100)



Figura 2- Foto do Grupo FUZUÊ encenando uma peça de teatro.

Para Vianna e Strazzacappa (2001, p.121)

O teatro possibilita a vivência de outras identidades por meio da representação ou da criação de personagens. Nele, podemos vivenciar momentos que pertencem ao cotidiano de outras pessoas. Podemos experimentar, por meio de uma construção lógica, o desenvolvimento de uma história - real ou metafórica - que fale cada um de nós, àqueles ligados a nós de alguma maneira, de amigos, de vizinhos, de nosso país, de inimigos. Enfim ao nos colocarmos no lugar do outro, o teatro nos dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos “outros” que nos rodeiam, e de aprender a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las. Pela arte de representar o outro, podemos refletir sobre quem somos e sobre o papel que representamos hoje neste nosso mundo.

Podemos considerar a arte de representar como uma forma democrática de expressão dos indivíduos, onde os atores têm a seu dispor inúmeras possibilidades de estarem vivenciando os mais variados papéis, seja de um camponês, de um metalúrgico, de um rei, ou de mendigo. É uma possibilidade rara, onde o ator tem a possibilidade de entrar em contato com as inúmeras experiências, dos mais variados personagens.

A vivência de outros papéis pode contribuir para uma ampliação da nossa compreensão em relação aos outros que nos circundam e conseqüentemente compreendemos um pouco mais a nós mesmos.

Para um dos grandes nomes do teatro japonês, o ator e diretor Oida (2001, p. 54 e 55) que tem em seu currículo mais de 50 anos dedicado ao teatro, define da a arte de representar, onde acredita que

Os atores têm de ser capazes de representar uma ampla gama de diferentes personagens, têm de ser capazes de se ‘livrar’ de seus corpos pessoais para descobrir e personificar o corpo da personagem. Cada personagem que se representa e unicamente individual, de maneira que temos de ir em busca de seu copo específico.

A propositura de contemplar o espaço escolar com atividades que estejam permeados pela ludicidade não é uma invenção dos tempos modernos ou pós-modernidade. Para Carvalho apud Moraes (2000, p. 22)

A associação do lúdico e educação remonta a antiguidade, desde aos tempos de Platão. Não é possível conceber dois estados estanques no ser humano, hora de brincar e hora de estudar, como se estudar não fosse algo agradável e prazeroso. A construção do saber pelo processo lúdico pressupõe um indivíduo mais feliz, mais alegre, mais integrado com seus pares e com o mundo. A educação pode ser considerada um divertimento, que aguça a

nossa curiosidade, até porque faz parte da natureza aprender para ser.

Podemos compreender que o lúdico, a alegria e o prazer são elementos que praticamente não fazem parte do cotidiano escolar, ou seja, da organização acadêmica tradicional, por isso os mesmos podem ser considerados, de certa forma, como uma subversão. Conforme DOHME “esta situação pode dar uma sensação de estar em oposição a uma situação séria, de aprendizagem. Mas pelo contrario, a situação de dar prazer e alegria colabora com o processo educacional (2002, p. 114). Desta forma, podemos compreender que o espaço escolar pode se transformar em um grande “palco”, onde a alegria pode fazer parte de todo o processo educativo, desencadeado pela unidade escolar.

Foi nesse contexto de subverter a “ordem” do sistema escolar, com a possibilidade de causar um grande movimento na escola que foi dado início o trabalho com a oficina de teatro. Foi muito importante acompanhar o intenso movimento que as quase 250 crianças provocavam no espaço da escola, pois, os ensaios ocorriam todas as 4ª feiras e aos sábados.

3.4.1 Alteração do espaço escolar

A utilização da escola pelo teatro acabou possibilitando a ampliação da alteração da rotina que já vinha aos poucos sendo alterada pela fanfarra. Percebemos que a contribuição estava ocorrendo tanto nos aspectos pedagógicos, quanto da dinâmica da escola, que também não deixa de ser um processo educativo, para os diversos atores envolvidos no processo. Com isso, os profissionais da escola começaram a estar buscando a se adaptar aos novos desafios que começaram a surgir, dentre os quais podemos citar:

- 1- necessidade do rompimento da idéia de patrimonialismo, onde o espaço da escola passou a ser concebida como local que estará aberta ao atendimento de vários alunos pertencentes a outras unidades escolares, portanto, de outras comunidades. Desta forma, o espaço passou a ser compartilhado como um bem público, onde todos tinham o direito de usufruí-lo. Essa tentativa de rompimento abriu possibilidades para as diversas interações, uma vez que cada bairro está envolto por uma realidade diferente da outra;

- 2- necessidade de aumentar as refeições a serem servidas aos as crianças, duas vezes por semana; essa ação exigiu das merendeiras uma reorganização do trabalho, uma vez

que o aumento da demanda era significativa;

3- reorganização da utilização do espaço devido ao número de alunos que passaram a fazer parte do cotidiano da unidade de ensino;

4- desenvolvimento de um trabalho, cujo objetivo esteve voltado para a conscientização dos alunos para com a manutenção da limpeza da escola e preservação do patrimônio público, enquanto um bem que deve ser compreendido enquanto pertença a todos aqueles que utilizam o espaço da unidade escolar.

Ao longo do processo investigativo, não presenciamos nenhum desentendimento entre os alunos, e ao mesmo tempo era gratificante perceber como o coletivo contribuía para que a escola continuasse bonita: as folhagens e as flores bem cuidadas, de um pequeno jardim permaneciam intactas, as paredes sem rabiscos os vidros das janelas inteiros.

Uma das questões interessantes que passamos a observar com mais detalhamento foi à forma solidária como os alunos de escolas bairros diferentes se relacionava naquele espaço que lhes foi colocado a disposição. Conforme Maffesoli, “o reencantamento do mundo na pós-modernidade está voltada para o espaço, pois ficou a critério da Modernidade a preocupação com o tempo” (2002, p. 22). Para ele, esse espaço deve ser partilhado pelos diversos agrupamentos (grandes ou pequenos), que se unem para ouvir uma música, teatro, religião, entre outros. Conseguíamos, perceber como para os participantes, os momentos de encontros e dedicação, a uma atividade prazerosa fazia com que os mesmos sentissem felizes na escola.

A implantação do Projeto de Teatro na Escola nos foi relatado pelo aluno Rônison e a coordenadora pedagógica sobre da seguinte forma

Foi assim. No dia 5 de junho, Maldonado veio aqui na escola e juntou com os diretores e falou que ia ter o teatro, né. Ia ter uma seletiva para formar um grupo de teatro e quem ia ministrar era o Cena Onze. Fiquei sabendo, aí me escrevei; nesse tempo eu tinha 11 anos, faltava um mês para fazer 12 anos. Aí eu conversei com o Maldonado se podia, ele falou que podia. Aí faltavam alguns dias para começar, eu resolvi fazer um curso de argila com Luiz Pantaneiro, fiz. Nos dois primeiros dias do teatro eu faltei, no terceiro, eu comecei a ir, fui gostando. Lá aprendi e passei por seletivas, fui passando, fui passando, até que chegou ao final. Eu passei e estou no teatro hoje, fazendo o que eu gosto. (Rônison).

(...) quando nós recebemos o ofício que a nossa escola, o nosso espaço educativo ia ser utilizado para desenvolver o trabalho com teatro, ficamos imensamente felizes. Já estávamos desenvolvendo alguns projetos, e com certeza, um projeto desse tamanho, seria maravilhoso. E sentamos com os professores, e pedimos que eles dessem sugestões de

trabalho e de nomes de alunos que eles percebiam que tinham facilidade de dramatizar, encenação e cantar. E eles deram uma relação, entre esses nomes, a professora passou o nome do Rônison que atualmente, realmente é o orgulho da nossa escola. Eu me recordo que a professora dizia, que esse menino tinha talento, vamos colocá-lo no grupo de alunos que vão participar do teatro. E realmente, ela estava certíssima. Nós colocamos o nome dele e o de outros, que por ventura desejassem participar. (Ivonete)

Nos depoimentos percebesse a figura do Secretário Municipal de Educação em estar propondo alternativas que viesse contribuir para promover o acesso dos alunos nas atividades culturais, onde o mesmo deixa evidenciado que o engajamento da unidade escolar seria fundamental para o êxito do projeto.

A proposta de promover a participação que tinha se iniciado de forma um pouco tímida com o projeto fanfarra acabou se fortalecendo de forma fantástica com o teatro, onde em todos os ensaios podia-se observar a presença maciça dos alunos. Com a realização de mais esta atividade, podemos considerar que outros espaços da escola passaram a ser utilizados, bem com ampliou-se significativamente o número de alunos a serem contemplados. Desta forma, a preocupação inicial da exclusão de alguns participantes, aos poucos foi desaparecendo, uma vez que a escola foi aumentando o número de atividades, possibilitando a participação de um número maior de crianças.

De acordo com Demo (2001, p.18)

A participação é conquista para significar que é um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo. Assim, a participação é em essência autopromoção e existe enquanto conquista processual. Não existe participação suficiente, nem acabada. Participação que se imagina completa, nisto mesmo começa a regredir.

Com o desenvolvimento do trabalho que aos poucos foi provocando o ingresso dos alunos no processo participativo, começamos a analisar e compreender que a democratização e a participação são conquistas que os cidadãos vão aos poucos conseguindo. Desta forma, é fundamental que todos os envolvidos no processo possam se sentir parceiros na luta pela conquista dos seus direitos.

A construção que está sendo vivenciada pelos sujeitos históricos, na Escola Municipal Doutor Fabio, deixa evidente que a cidadania é uma construção histórica, que sói podemos conquistá-la, a partir do momento que vamos vivenciando através das diferentes experiências. Por isso é fundamental que as unidades de ensino possibilitem condições para que a comunidade passe a refleti sobre os bens que lhes são negados pela sociedade, na qual esta inserida.



Figura 3- Foto de um ensaio do Grupo de Teatro.

Na luta pela conquista da participação, ou do empoderamento do espaço escolar trago ainda presente na memória os longos ensaios que acabavam exigindo dos alunos uma dedicação quase total, uma vez que esses, chegavam a durar mais de duas horas e meia. Esses esforços podiam ser percebidos tanto pela presença das crianças, quanto ao esforço dedicado ao trabalho desenvolvido, onde alguns alunos começaram a compreender que em alguns momentos nos devemos fazer algumas opções para que possamos alcançar êxito num trabalho desenvolvido.

Em conversa com o aluno Rônisson, ele destacava que muitas vezes teve que deixar de fazer outras coisas, pelo amor ao teatro, pois sabe que os ensaios devem fazer parte da rotina do ator, uma vez que tem consciência que “não basta subir no palco e falar, mais sim representar, agradar ao publico para que este possa aplaudir”.

3.5 Percurso para a construção de um ator na arte de encenar

Em relação ao trabalho desenvolvido, por aqueles que fizeram opção pela arte de representar, Roubine (2002, p.91) destaca que:

a arte do ator tem um lado imediato que se opõe ao que outras formas de criação têm de não imediato: quando leio um romance ou contemplo um quadro, o escritor e o pintor já terminaram as suas obras. Eles podem estar a milhares de quilômetros de distância, física ou psicologicamente. E, quando eles se dedicam ao seu trabalho, sou eu que não posso estar ali. A arte do ator, como toda a arte de interpretação, se baseia em premissas rigorosamente inversas: quando eu assisto à apresentação, o trabalho do ator se realiza diante dos meus olhos. E quando não há público, só se pode fazer atividades preparatórias, ensaios.

A arte de encenar passa a ser um desafio muito grande para o ator, uma vez que a presença do público, os diversos olhares e as manifestações podem interferir de forma negativa ou positiva, na produção final do seu trabalho. Desta forma, o interprete “deve levar em conta, utilizar ou deixar para trás reações pessoais cujos efeitos podem ser negativos (medo, inibição) ou positivos (excitação, necessidade de se superar), ROUBINE (2002, p. 91).

O aluno Weverton lembra que era muito vergonhoso, e que isso acontecia porque ele nunca tinha vivido uma situação assim: de muita gente olhando para ele, enquanto ele declamava um poema, ou quando colocava em cena, a representação de um papel. Destaca que muitas vezes ficava com vergonha, sem saber o que fazer. Agora, depois de quase três anos, afirma sorridente: “antes eu ficava quieto, olhava pra baixo, eu voltava e sentava. Houve tempo que eu não falava de tanta vergonha que eu tinha”.

Esse aspecto relatado pelo entrevistado provocou de minha parte uma grande reflexão com o aluno, uma vez que ao longo dos seus mais de 7 anos de vida escolar, essa questão não foi motivo de um trabalho mais sistemático. Com isso, podemos pela fala do aluno que esse trabalho começou a ser desenvolvido através do teatro, e que agora já consegue apresentar para uma platéia de mais de 300 pessoas.

A intensa preparação dos alunos, principalmente daqueles que se preparavam para atuar como atores, que têm a grande tarefa de estarem desempenhando o seu papel, bem de frente é descrita por Oida da seguinte forma, em entrevista a Revista Rio (2004, p. 1 a 2), onde afirma que o

nosso trabalho, enquanto atores, não é o de exibir virtuosismo técnico mas, ao contrário, o de fazer com que o palco ganhe vida. Quando isso acontece, o público é levado junto com o artista e entra no mundo que o palco cria. As pessoas se sentem como se estivessem num desfileiro, ou no campo de batalha, ou em qualquer lugar que possa existir o mundo. O palco contém todas essas possibilidades. É de responsabilidades do ator fazer com que elas apareçam, escreveu ele na introdução do livro.

A seriedade do trabalho pode ser acompanhada, através da realização de várias etapas

de seleção que foram consideradas necessárias, pois, um dos objetivos do curso seria a constituição do 1º Grupo de Teatro da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá. Durante o processo de seleção observamos a intensa agitação e nervosismo que passou a tomar conta dos alunos, que não mediram esforços para estar desenvolvendo da melhor forma possível as tarefas atribuídas.

Paralelamente aos ensaios que culminariam na seleção, houve a escolha do nome do Grupo Fuzuê que ocorreu num processo bastante democrático, pois foi solicitado para que os alunos pensassem e trouxessem sugestões de nomes para serem apreciados e votados. Vários alunos apresentaram sugestões, dentre os quais o nome Fuzuê, que foi o mais votado pelos componentes do grupo.

Segundo o dicionário Aurélio, Fuzuê significa barulho, conflito, festa. Enfim, como afirma o diretor do grupo Cena Onze, Flávio Ferreira, **“e tudo isto, afinal de contas, isto é o teatro”**.

Constatamos que o momento mais difícil a ser vivenciado pelos participantes do teatro foi enfrentar a grande seletiva, onde apenas 20 alunos seriam escolhidos para compor o Grupo Fuzuê. Foi emocionante e ao mesmo tempo angustiante ver que muitos alunos sentiam muito desejo de integrar esse grupo, mas ao mesmo tempo enfrentavam o medo de serem eliminados.

O processo difícil enfrentado pelos alunos na 1ª fase foi compensado pela oportunidade que todos tiveram de estarem compartilhando momentos de muitos aprendizados, onde as interações diversas provocaram alterações profundas nas relações entre os integrantes do grupo. Para Snyders (1998, p.26), são nesses momentos de alegrias culturais, que os jovens podem optar por

fazer coisas juntos: terminar, com sucesso um esforço comum – e assim agir juntos uma realização a qual, se cada um tivesse ficado de seu lado, ninguém poderia atingir. O grupo como lugar onde se encontra a oportunidade de tomar iniciativas, assumir responsabilidade, brilhar: tenho meu lugar, sou reconhecido.

A pesquisa começou a apontar que as oportunidades de participação apresentadas aos alunos estavam sendo levadas a sério por eles. E uma preocupação começou a surgir para a equipe da escola, ou seja, quais seriam as alternativas de continuidade de um trabalho para os alunos que não conseguissem passar na seleção, onde o grande desafio seria dar continuidade da participação dos mesmos. E os alunos selecionados continuariam com um curso avançado de teatro, culminando com a apresentação de peças teatrais?.

Em relação a primeira questão, houve a mobilização da escola em estar se preparando para estar colocando a disposição dos alunos que não foram selecionados outras atividades que pudessem ser do interesse. Com isso pretendia-se possibilitar que os alunos continuassem participando das atividades que continuariam a ser desenvolvida pela escola.

Quanto a segunda pergunta, podemos dizer que as apresentações das peças, na realidade foram a culminância de seis meses de ensaios, onde os alunos estariam cada qual na função que foram selecionados, desempenhando os seus papéis, seja de atores, iluminadores, operador de som, maquiagem, entre outros.

O local escolhido para a estréia foi o Anfiteatro do Liceu Cuiabano, que contou com um publico de mais ou menos 400 pessoas. Para os componentes do grupo esse foi um dos maiores desafios que os mesmos enfrentaram até o momento, porém, ao mesmo tempo sentiam-se vencedores por ter chegado até ali.

A apresentação da peça, no local, acima citado, possibilitou mais uma forma de democratização, pois, possibilitou que as crianças pudessem ter a oportunidade de estar conhecendo um outro espaço, que não fazia parte do seu cotidiano. Assim, um trabalho que começou ampliando o acesso das crianças no espaço escolar, acabou possibilitando a democratização de outros espaços, considerando que muito dos alunos nunca tiveram a oportunidade de entrar nos locais que até então eram considerados como “proibidos”.

Como não se emocionar ao percebermos os olhos radiantes e ao mesmo tempo assustados quando as cortinas foram abertas, e podermos enxergar no palco, os rostos radiantes de nossos alunos a encenar a peça teatral *Flicts*, autoria de um dos maiores escritores da literatura infanto-juvenil, Ziraldo.

Essa realização de encenar em um palco tão grande, e para uma platéia tão numerosa, segundo os pequenos atores, parecia só poder se realizar apenas no imaginário. E a concretização desse sonho foi retratada da seguinte forma.

A primeira peça que a gente apresentou fica com os nervos a flor da pele, nervoso, mas depois que agente entrou no palco, começa a falar e logo a gente vai perdendo o medo, consegue olhar para o rosto de cada um, e ver quem está lá. Tinham também pessoas que não tinham passado nas provas, estavam lá assistindo. Depois sempre que a gente entra, sempre dá um frio na barriga, mas depois passa. (Rônisson)

(...) Aí depois quando chegou a minha fala, eu falei logo, aí depois que eu falei as três primeiras falas, eu já me soltei né. Eu estava com vergonha, mas aí eu olhei para a platéia, estava lotado. Era câmara e cheio de povo tirando fotos. (Weverton)

Na fala do entrevistado fica evidenciado o nervosismo inicial, mas, que aos poucos foi sendo superado, e os jovens atores tiveram a oportunidade de estar olhando e percebendo os

presentes no recinto. Como não perceber a presença daqueles colegas que não passaram na seleção, mas que estavam ali para dar a maior força, os amigos e os familiares que estavam compartilhando a alegria de ver o resultado de um longo trabalho. A presença dessas pessoas tornou decisiva para que os alunos pudessem fazer o enfrentamento de mais um desafio.

Neste processo fica evidenciada a relação que o ator estabelece com o seu público, pois, o teatro é uma arte que possibilita uma relação direta entre atores e o espectador, onde há a possibilidade de perceber como o público está recebendo a mensagem teatral, seja através da expressão facial, dos aplausos ou mesmo de gestos de desaprovação.

O ator se encontra numa situação privilegiada, pois ele tem o “poder” de estar conduzindo o público para os “vários mundos”, onde a arte de representar possibilita a quem encena a mergulhar em mundo criado. E muitas vezes pode ocorrer que a platéia pode confundir a realidade com o sonho. Roubine (2002, 11) considera que

É próprio do ator ser ao mesmo tempo um e múltiplo. Ele dá a cada um dos seus papéis a sua própria “grife”, ao mesmo tempo, se metamorfoseia de acordo com o que cada um desses papéis exige. Ele também é um múltiplo por seus instrumentos de expressão: ele pode utilizar, os recursos de uma voz, do seu rosto, do seu gesto. E, no entanto, a sua interpretação é (em principio) coerente, unificada. O ator é como uma orquestra de que ele seria ao mesmo tempo o maestro.

Dois aspectos merecem destaques, nesta fase do trabalho com a oficina de teatro, primeiramente ampliação da democratização do escolar, bem como da participação da comunidade. Quanto ao primeiro aspecto consideramos que o trabalho com o possibilitou que a escola pudesse abrir para crianças de outras escolas, possibilitando um intercâmbio com alunos de outras escolas e bairros. Desta forma, vão se rompendo a idéia de que os alunos só podem utilizar o espaço onde desenvolvem a sua vida acadêmica.

Outros espaços fossem utilizados para a realização dos ensaios e para a apresentação da peça, como foram os ensaios na Escola Firmo José, posteriormente o Teatro Maestro China, Colégio Expressão e o Colégio Liceu Cuiabano. Desta forma, os alunos puderam estar conhecendo e desenvolvendo o seu trabalho em outros espaços educativos. Conseqüentemente, a utilização de outros espaços, fora da escola permitiu que os alunos conhecessem “outros mundos” e ao mesmo tempo para que ocorresse uma significativa participação das outras pessoas, pois muitos tiveram a oportunidade de estarem assistindo os ensaios, bem como, a apresentação da peça encenada pelo grupo.

A participação de vários convidados da comunidade, no dia da apresentação da peça,

só foi possível devido a parceria firmada entre as unidades de ensino e a Secretaria Municipal de Educação, onde foram colocados a disposição os ingressos e o transporte escolar. Essa parceria garantiu que muitos daqueles que nunca tiveram acesso a uma produção teatral pudessem bem de perto uma apresentação feita só por alunos. Desta forma, podemos considerar que o processo participativo também começou a ser estendido aos pais e a comunidade, possibilitando que muitos pudessem ter os primeiros contatos com a arte de representar.

Um dos aspectos destacados pelos atores foi a oportunidade de pela primeira vez poderem usar um figurino, onde a criação foi feita especialmente para eles, de acordo com a exigência dos papéis. As cores fortes das roupas davam um colorido muito especial na encenação, onde o verde, o azul, o amarelo eram as que mais se destacavam.

O figurino é um acessório importante na arte de representar, mas “não é que ele precise de roupas muito elaboradas. A rigor basta-lhe um traje cuidadosamente escolhido para suscitar, graças á ‘colaboração’ do espectador, a realidade completa do personagem e seu modo de vestir”. (ROUBINE, p. 51). Assim, os alunos tiveram um figurino simples, mas que foi confeccionado de forma a provocar uma harmonia entre e enredo da história e a atuação de cada um dos atores.

3.5.1 A magia de FLICTZ e o encontro com o gênio do Teatro Oficina



Figura 4- Apresentação da peça FLICTZ, de Ziraldo na Escola Estadual Liceu Cuiabano.

Na peça *Flicts*, os alunos puderam vivenciar a experiência de estar encenando uma produção infanto-juvenil homônima, de autoria do famoso escritor Ziraldo, onde o foco estava voltado para a existência do conflito vivenciado por uma cor muito diferente (*Flicts*), e que buscava sem sucesso um lugar no mundo.

A história retrata a realidade vivenciada por uma cor muito diferente, frágil, que vivia triste e só. Ela estava numa constante procura, pois, queria encontrar alguém que fosse igual a ela. De acordo com Ziraldo “era uma vez uma cor muito rara e muito triste que se chamava *Flicts*. Não tinha a força do vermelho. Não tinha a imensa cor do amarelo. Nem a paz que o Azul tem. Era apenas o frágil e feio e aflito *Flicts*”. Desta forma, por ser tão diferente não conseguia se encontrar nas cores que compõe as coisas que nos rodeiam: na caixa de lápis de cor, no arco-íris, nem no inconstante mar, que fica azul, verde, cinzento, negro e até vermelho, mas nunca *flicts*. Na sua caminhada em busca de sua identidade, a cor começa a perceber que todos os lugares já estão ocupados pelas cores tradicionais, onde praticamente não há espaço para o diferente.

Então, resolve continuar a sua busca, viaja pelos países mais bonitos, por terras longínquas, pelas terras mais antigas, pelos países considerados jovens, porém, constatou que ninguém pretendia usar a sua cor, uma vez que, nada no mundo gostaria de ser *Flicts*.

Flicts resolve ir para a lua, pois, sentia-se cansado e frustrado por não ter conseguido encontrar ninguém que fosse igual a ele. Toma a decisão de pegar um foguete e ir para a lua. E qual não foi a sua surpresa ao constatar que a lua assume várias cores; sendo que uma das era *flicts*. Essa cor quase ninguém conhece, a não ser os astronautas que bem pertinho da lua perceberam que ela era *Flicts*.

Depois dessa experiência de poder estar num palco apresentando para muitas pessoas, onde os aplausos da platéia foram o reconhecimento de alguns meses de muito trabalho e dedicação, os alunos puderam vivenciar um momento muito aguardado por eles, que foi a participação de uma oficina com José Celso Martinez.

O jornal “Diário de Cuiabá”, do dia 9 de março de 2004 traz a seguinte manchete: “Zé Celso Martinez, a alma do Teatro Oficina”. O jornal traz na reportagem a história de Martinez, onde relata que

A história de Zé Celso-José Celso Martinez Correa – e o teatro Oficina começa em 1958 quando ele era ainda estudante de direito e integrava o núcleo de jovens que funda, no Centro Acadêmico XI de Agosto, a equipe de teatro amador Oficina. Em 1961, a equipe abre a casa de

espetáculos Teatro Oficina, na Rua Jaceguai na capital paulista.

O jornal ainda destaca que, o exemplo da luta enfrentada por Martinez pode se lembradas com “o incêndio em 66, as humilhações causadas pelo Comando de Caça aos Comunistas em 68, a prisão e o exílio em Portugal, entre 74 e 79 (...) e a difícil relação com o grupo Silvio Santos”.

Na sua rápida passagem por Cuiabá, ele ministrou oficina de teatro, exibiu DVDs para professores e grupos de teatro que fazem parte da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá: Fuzuê, Giro, e a Universidade Popular Comunitária, em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso e o Grupo Cena Onze.

Weverton revela como foi a sua a oportunidade de realizar uma oficina com um dos grandes nomes do teatro brasileiro

Foram três dias, ele chegou, ele chegou. A gente ficou um tempão esperando ele. Aí quando ele a gente fez uma roda, começamos bater palmas e ali ficou no meio, e começou a conversar com todo mundo, né? Eu achei muito legal, eu perto de um ator muito famoso mesmo. Eu senti muito alegre mesmo. Aí ele ensinou algumas musicas para a gente, começou a falar de teatro. Disse que o teatro não é uma brincadeira, mas é uma coisa muito seria.

Podemos perceber como a oportunidade colocada a disposição dos alunos permitiu que os mesmos tivessem acesso a uma pessoa que muito tem a contribuir com informações sobre a arte de representar. Desta forma, a concepção de participação provocada pelos projetos culturais começam a ser delineadas com contornos muito mais fortes. Também ficou evidenciado para todos nós, que a participação que outrora havia se iniciado na unidade de ensino, começa a se ampliar, demonstrando que essa implica em muitas das possibilidades que começaram a aparecer no processo.

O teatro pode ser considerado um dos espaços mais democráticos, onde as pessoas têm a possibilidades de estar interpretando os mais variados papeis. Segundo o nosso entrevistado, na oficina com o José Celso aconteceu um episodio bem interessante. Em um determinado momento da oficina, o professor solicitou que todos se despissem, o quê o nosso aluno não entendeu muito bem, pois a principio achou que era para se despir da vergonha; elemento tão comum naqueles que estão introduzindo na carreira de ator. Mas logo que entendeu, quando todos foram alertados que só poderiam fazer isso àqueles que se sentissem a vontade.

Para Weverton ficou evidenciando um respeito muito grande, pois aqueles que se sentiram tranqüilos optaram por se despir, e aqueles que não sentiam preparados para a

realização da tarefa, continuaram da mesma forma. Ele não nega que sentiu muita vergonha, e em alguns momentos pensava: “como é que ele fazia isso? – referindo-se ao José Celso.

Além das oportunidades que os alunos foram encontrando para ampliação da sua participação, o desenvolvimento com a atividade permitiu que os mesmos fossem desenvolvendo e fortalecendo outras habilidades. Poderia exemplificar o aluno Rônisson, que no processo passou a exercer um papel fundamental no espaço escolar.

3.6 O despertar de um talento no palco da Escola Doutor Fabio Firmino Leite

Um aspecto que não passou despercebido desta investigadora foi percebermos, nas varias vezes que estivemos na escola, pudemos acompanhar Rônisson coordenando trabalhos relacionados com o teatro: em alguns momentos ele escrevia peças, realizava os ensaios, preparando os alunos para disputarem uma prova na TV Pixé. Uma de suas produções foi uma peça sobre o “O Pirarucu”, que deveria ser encenada por ele e seus colegas. Assim, como o aluno Vitor Hugo, começávamos a perceber o surgimento de mais um importante ator social no referido processo. Fica evidente que a abertura para a participação, estava possibilitando que alguns alunos comesçassem a assumir papéis interessantes no processo.

Uma outra habilidade que foi apresentada pelo aluno foi a capacidade de estar criando ou recriando poesias para estar apresentando para nas diversas festividades da escola. Também acompanhamos a elaboração da poesia “Êxodo das mudanças”, onde o mesmo faz uma homenagem a musica “Encontros e Desencontros” de Milton Nascimento, interpretado por Maria Rita. O objetivo da sua produção foi estar apresentando numa competição realizada pela TV Pixé, onde algumas escolas municipais estavam competindo entre si.

Por consistir numa tarefa coletiva, a participação se torna mais eficiente com a distribuição de funções e coordenação dos esforços individuais, o que demanda organização. Além disto, ao consistir na colocação em comum de talentos, experiências conhecimentos, interesses, a participação requer meios de expressão e troca.

Entre as produções do aluno Rônisson, destacamos esta poesia foi escrita com objetivo de ser apresentada no “Programa Cata Mamonas”, e também foi declamada no dia da sua entrevista, onde pude perceber como o aluno tem muita facilidade para o trabalho com as atividades artísticas.

EXÔDO DAS MUDANÇAS

Muitas vezes o êxodo das mudanças nos provocam machucados na alma.
Por isso sei que eu choro sob a luz de uma vela, quase acabada nos provoca agonia.
Então mande notícia do mundo de lá, diz quem fica
Me dê um abraço venha apertar.

Loucura como essa, fazemos apenas por melhora da vida, para poder criar nossos filhos
com dignidade.
Por isso, a mudança não bem a ninguém.
Minhas lágrimas são complexas, meus sorrisos solitários.
Sem gosto de sorrir novamente.

Todo dia é um vai e vem, a vida se repete na estação, tem gente eu chega pra ficar e outros
para nunca mais voltar.
Ouvi muitas coisas ruins, de lado nenhum tive amigo.
A verdade está no brilho de um olhar, mas as mágoas permanecem no peito.
O desanimo de um novo recomeço.
Só se realiza quem sonha é a vida desse meu lugar é assim.

(Poesia sobre a musica “Encontro e Desencontros” de autoria de Rônisson Luck)

Um aspecto positivo que detectamos ao verificarmos os registros de furtos na Assessoria Jurídica da Secretaria Municipal de Educação, foi a não ocorrência de furtos em 2003 e 2004, na unidade de ensino (objeto da pesquisa), mesmo ocorrendo um aumento significativo das ocorrências em algumas escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá. Talvez possamos atribuir as não ocorrências ao trabalho sistemático desenvolvido com a comunidade, onde o espaço passara a ser utilizado por aqueles que se interessassem em estar participando efetivamente na escola. Com isso, passasse despertar nas pessoas aquele

sentimento de pertença, de cuidado, a um bem que é da própria comunidade.

Em 2003 foram registradas 80 ocorrências, sendo: 25 na Regional Norte, 18 no Sul, 31 na Leste e 6 na Oeste. Despertou a nossa atenção, o registro de que uma determinada unidade de ensino da regional norte foi assaltada 9 vezes, ao longo do ano de 2003 e uma outra com 6 em 2004. Em 2004, foram mais 95 ocorrências: 27 na Regional Norte, 21 no Sul, 31 na leste e 16 este.

CAPÍTULO IV

DANDO ASAS A IMAGINAÇÃO E O GINGADO DA CAPOEIRA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A VITALIZAÇÃO DA CULTURA E DA PARTICIPAÇÃO

4.1 A origem da capoeira: uma das expressões culturais que se identificam com o povo excluído

A origem da capoeira não é um consenso entre os pesquisadores, pois, para alguns, ela é resultante de uma miscelânea entre as diversas manifestações de povos africanos durante o período da escravidão vividos no Brasil, durante o século XIX, principalmente no Recôncavo Baiano. Essas manifestações expressavam, por meio das danças, lutas, rituais e instrumentos musicais, a luta de um povo que fora arrancado da sua pátria, separado de seus familiares, e obrigado a atravessar o Oceano Atlântico para um local longínquo, que talvez não estivesse presente nem no imaginário desses indivíduos.

Para outros, a origem está ligada ao artifício do disfarce da capoeira em dança, com a finalidade de conseguirem escapar das perseguições impostas pelos senhores de engenhos por intermédio dos feitores, ou capitães do mato. Esta teoria não é aceita, uma vez que neste período (século XIX), “[...] as danças africanas também estavam sendo reprimidas e, portanto não havia sentido em disfarçar capoeira em dança” (CAPOEIRA, 2002, p.37).

Uma outra teoria explica o seu surgimento através do n’golo, que seria a própria capoeira, que já seria praticada na África, antes de vir para o nosso país. O ritual “n’golo”

(danças das zebras) ocorria quando as meninas, do Sul de Angola, atingiam a maturidade e se tornavam mulheres, e os guerreiros macupes dançavam para impressionar as futuras esposas. Aqueles que se destacassem e conseguissem melhor impressionar as jovens podiam escolher uma noiva, sem ter que pagar o dote para o pai.

A investigação mais aprofundada sobre a capoeira não foi realizada, por não ser o foco principal da nossa pesquisa. Consideramos, entretanto, que a sua historicidade ainda precisa ser pesquisada e desvelada, onde o desafio e tarefa fundamental implica em tomarmos conhecimento da origem de uma das manifestações culturais, que tem uma forte identificação com a própria história do povo oprimido.

4.2 Francisjony: Um jovem capoeirista a serviço do fortalecimento da participação



Figura 5- Foto do voluntário trabalhando com as crianças num espaço cimentado e sem cobertura.

Francisjony é um jovem que descobriu seu amor pela capoeira, ainda na infância, e ao longo dos anos vem se dedicando à arte que considera que o ajudou a não enveredar pelo caminho da marginalidade, uma vez que passou quase toda a adolescência morando perto de uma boca de fumo.

Desde muito cedo aprendeu que a prática da atividade foi um importante recurso utilizado como uma forma de sobrevivência pelos escravos no Brasil, que viviam em um sistema de intensa exploração. Assim, ainda criança foi buscar na capoeira a força necessária para enfrentar as inúmeras dificuldades que se apresentavam ao longo de sua vida.

Desde cedo foi aprendendo que a capoeira requer uma dedicação quase que total, nos treinamentos, onde os alunos - aprendizes devem desenvolver alguns requisitos que são fundamentais: a coragem para o enfrentamento das dificuldades, o desenvolvimento das habilidades corporais para executar os movimentos que implicam um maior grau de dificuldade, o respeito às regras e a lealdade quando em combate.

Por ser de uma família humilde enfrentou muitas dificuldades para tornar seu sonho realidade e destacou, com muito orgulho, como seus pais não mediram esforços para mantê-lo desenvolvendo uma atividade escolhida por ele para fazer parte do seu cotidiano. Essas dificuldades eram expressas das mais variadas formas: falta de recursos financeiros para pagar as mensalidades, compra do uniforme, das faixas cada vez que se faziam os exames, viagens para soma de experiências, tão essenciais para o aperfeiçoamento da prática de um esporte.

Considerou que os empecilhos enfrentados colaboraram para que ele desse ainda mais valor à prática da capoeira. Muitas vezes as dificuldades eram tantas que quase o obrigavam a desistir, mas a determinação e o amor pela capoeira fizeram com que ele e sua família buscassem condições para dar continuidade a um sonho que começou a se formatar na sua infância.

O trabalho do capoeirista Francisjony como voluntário teve seu início em junho 2002, na implantação do Projeto “*Aprendendo através da Arte*” quando foi convidado a participar do grupo, devido ao êxito alcançado, no período em que foi monitor do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), em 2001, com apenas 18 anos.

4.3 Projeto aprendendo através da arte e o trabalho dos voluntários

O referido projeto começou a ser delineado motivado por duas questões importantes: a aplicação de um questionário, cujo objetivo foi levantamento de dados (diagnóstico escolar) para a elaboração da Proposta Curricular da unidade de ensino. Os resultados apontaram que os alunos sentiam interesse em participar de atividades culturais, que normalmente não são atendidas pelo currículo formal. A sugestão era de que as atividades poderiam ser realizadas, principalmente, aos finais de semana, onde a escola poderia contar tanto com a colaboração de

voluntários, tanto da comunidade ou fora dela. Com o passar dos tempos, o projeto passou a abarcar todos os projetos extracurriculares desenvolvidos pela escola.

Outra questão foi à boa aceitabilidade dos projetos de fanfarra e de teatro que possibilitaram que a escola alterasse completamente a sua dinâmica da unidade de ensino, contribuindo para a alteração da concepção de que a aprendizagem ocorre somente no espaço da sala de aula.

Os maiores desafios do *Projeto Aprendendo através da Arte* foi ocupar os espaços da escola, principalmente, aos finais de semana, onde a responsabilidade do desenvolvimento das oficinas ficou sob a responsabilidade de uma equipe de voluntários, que dedicariam uma parte do seu tempo livre para realizar atividades voltadas para as varias habilidades artísticas.

O trabalho proposto teve inicio com a colaboração de alguns voluntários que praticamente conduziam todo o trabalho desenvolvido, aos finais de semana. A equipe era formada por: Zeilton Matos e Aroldo Jovino Pulquerio que trabalhavam com artes plásticas; o jovem Francisjony, que fez do seu trabalho um dos maiores exemplos de trabalho solidário; a professora Silvia Maria Sterring que despertou nos alunos a curiosidade para o reaproveitamento de materiais descartáveis, nas confecções de belos materiais decorativos, a jovem Maressa que desenvolveu o trabalho com xadrez e Marcos, estudante de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, que desenvolveu um belo trabalho com grafite.

O trabalho do grafiteiro foi tão interessante que alguns voluntários acabam retornando a escola, no sábado á tarde para estar fazendo o curso com o instrutor. Esse aspecto se tornava interessante, uma vez que em determinados momentos, os instrutores compartilhavam os seus saberes com os colegas.

De acordo com as Nações Unidas “o voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social ou outros campos”.

A Fundação Abrinq destaca a importância do trabalho dos colaboradores, onde o trabalho voluntário é destacado da seguinte forma:

O voluntário como um ator social e agente de transformação presta serviços não remunerados em beneficio da comunidade, doando seu tempo e seus conhecimentos, realizando um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto as necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como as suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional.

A conceituação do voluntário enquanto ator social deixa evidente a grande responsabilidade que os mesmos tem no trabalho a ser desenvolvido. Assim, o trabalho desenvolvido pode ser considerado um forte aliado para o processo da democratização, da participação da promoção da cidadania.

O sucesso do jovem capoeirista foi tanto que mantém um vínculo forte com a unidade de ensino, até os dias de hoje onde sempre está presente nas atividades culturais desenvolvidas pela escola. Sua presença é marcante, entre os pais, alunos e os profissionais da escola, onde há clara expressão de respeito e admiração pelo trabalho desenvolvido pelo jovem.

Em relação à experiência no PETI, o jovem nos relatou que a oportunidade para que ele pudesse ter a primeira experiência realizando trabalhos com crianças surgiu quando:

Conversando com o meu professor fiquei sabendo que ele tinha assumido aulas no Doutor Fábio, só que surgiu a oportunidade para ele ir para Mimoso. Eu era um dos alunos mais novos dele, só que com a cabeça mais desenvolvida, no caso. Então ele me escolheu, não só a mim, mas um outro também. Era para que um pudesse fiscalizar o outro, e ver o trabalho do outro. E porque aí não pesa só na cabeça só de um. (...) Era um trabalho bonito, o pessoal ia lá aplaudir.

Pelo depoimento, constatamos que a primeira oportunidade que Francisjony teve foi em substituição ao seu professor que precisou deixar a unidade de ensino e se deslocar para Mimoso devido a uma nova proposta de trabalho. O desafio foi assumido juntamente com um colega e ambos se responsabilizaram pela continuidade das aulas de capoeira, tendo em vista a não interrupção de um trabalho iniciado e que despertou o interesse e expectativa das crianças.

Posteriormente ao trabalho desenvolvido com o PETI, o novo desafio enfrentado pelo capoeirista foi compor a equipe de voluntários que estaria desenvolvendo as atividades lúdicas na Escola Doutor Fábio Firmino Leite, cujo objetivo e prioridade do grupo era provocar no espaço escolar uma outra dinâmica de: movimentação, alegria e prazer, elementos essenciais para um processo educativo. O trabalho tinha como meta ampliar as atividades lúdicas para as crianças, independentemente de as crianças fazerem elas parte do quadro da escola ou de serem elas moradoras do bairro.

Em relação a assumir um trabalho, para cuja realização não implicava receber nenhuma remuneração foi abordada da seguinte forma pelo capoeirista:

Então surgiu essa oportunidade de trabalhar com crianças, eu ainda fiquei pensando uns 15 dias, antes de começar. Eu estava conversando com a minha mãe, e ela falou: vai, vai

ser bom para você. Aí eu fui. Então se passaram dois meses, até que chegou o final do ano. Quando eu fui ver, eu já tinha esquecido a mágoa que eu estava sentindo (refere-se a um momento difícil da sua vida). A minha auto-estima estava lá em cima. E isso é bom. Eu passo um pouco de tranquilidade para as crianças. Eu aprendo com eles, é ensinando que você aprende também.

Na fala do entrevistado, constatamos dois aspectos que merecem reflexão: o resgate da auto-estima, que o trabalho contribuiu para que fosse revigorada, uma vez que ela havia sido abalada devido a alguns problemas particulares que o jovem enfrentando e a contribuição para o fortalecimento da participação no espaço escolar. Um outro ponto considerado é a concepção em relação ao aprendizado, cujo desafio é percebê-lo enquanto um processo em que todos são aprendizes.

O incentivo da mãe para que o jovem se tornasse um voluntário na Escola Doutor Fabio ocorreu devido a uma preocupação no que se referia ao seu cotidiano.

Eu moro em frente a uma boca de fumo, e eu não escondo isso de ninguém. Tenho sobrinhos que são envolvidos com drogas. Então foi uma forma de tirar o meu filho de um ambiente péssimo. Esse trabalho é ótimo, sabe Ivone porque no meio dessas crianças, ele volta a ser uma criança.

Na entrevista, a mãe do capoeirista deixou transparecer que o trabalho com as crianças foi utilizado como um mecanismo para afastar seu filho dos riscos que pareciam iminentes. Para ela, a proposta do trabalho voluntário foi um elemento fundamental, um grande incentivador para que seu filho continuasse a pessoa que ela sempre admirou. Por isso não cansa de afirmar “[...] **eu sei que ele também, talvez sem ele perceber, pode estar tirando algumas crianças que poderiam ir para o mau caminho e estar conseguindo através dele sair da marginalidade, da vida na rua**”.

4.4 A musicalidade e o movimento do corpo, ingredientes necessários à prática da capoeira

No desenvolvimento da atividade, chamou-nos a atenção o grande interesse dos integrantes em participar de uma atividade que acabava contagiando todos que faziam parte do projeto. Foi interessante observar como, nas primeiras aulas, os alunos sentiam dificuldades em desenvolver os movimentos da capoeira, especialmente, a ginga. Este é um dos movimentos mais importantes numa roda de capoeira, onde a movimentação é bastante

semelhante a uma dança que possibilita ao lutador se esconder, se esquivar, preparar o ataque e desconcertar o oponente. É nesse processo que o capoeirista utiliza muito da malícia que é uma das “armas” utilizadas com a finalidade de vencer o opositor.



Figura 6- Foto onde aparece o seu José Dias gingando com os alunos.

A dificuldade de alguns alunos para executar os movimentos era evidente, e alguns chegavam a despertar sorriso dos companheiros, mas, concomitantemente, também se ouviam palavras de incentivo para continuar. Compreendemos que as dificuldades devem ser concebidas de uma forma mais abrangente. De acordo com Gomes (1983, p. 45).

A cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, às custas de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto desses padrões de comportamentos se lhe apresentarem como tão naturais quanto ao desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão de estações ou do pôr-do-sol. Entretanto, mesmo assumindo em nós este caráter “natural” e “universal”, a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais.

É importante lembrarmos e entendermos que o espaço escolar também foi constituído dentro de uma cultura disciplinar, onde as normas rígidas contribuía e ainda contribuem

para manter um determinado padrão de comportamento por parte dos alunos: as filas como sinônimo de ordem, as cadeiras organizadas de tal forma que impedem a movimentação, onde se torna quase impossível o cruzamento dos olhares. Assim, a nossa percepção no processo de investigação mostrou que o trabalho da capoeira contribuiu para uma transgressão, pois os alunos passaram a perceber que o corpo pode executar movimentos inimagináveis de serem realizados em sala de aula. Desta forma, ao poucos fomos percebendo que também a democratização foi estendida para o corpo, uma vez que corpo e mente devem ser concebidos de forma interligada.



Figura 7- Foto onde o capoeirista faz uma série de malabarismo, num encontro de confraternização.

Para expressar a importância do movimento na atividade investigada, Capoeira (2002, p.119) destaca, sobretudo que

A movimentação é uma das melhores áreas, dentro do jogo, para se exercitar a criatividade e para o jogador afirmar a sua individualidade – o seu estilo próprio e particular. Infelizmente, na prática da maioria de professores e mestres, o aprendizado se limita a um aprendizado rígido de uma ginga mecânica e de ‘improvisações’ (também mecânicos). A partir desta ginga, de alguns movimentos no chão, e de alguns movimentos de cabeça para baixo, que são considerados ‘corretos’ naquele estilo na academia. E tudo mais é errado, ou seja: não há espaço para realmente improvisar e criar.

Além dos movimentos utilizados que dão uma outra dimensão à utilização do corpo, Capoeira destaca a importância da atividade para o desenvolvimento da criatividade na qual o praticante, buscando, cria um estilo próprio, ou seja, a sua identidade. Ele nos alerta, porém, dizendo que atualmente a atividade tem passado por um processo de mecanização e a arte tem perdido muitas de suas características.

4.5 A solidariedade e a participação como elementos fundamentais para vencer os obstáculos

Um outro aspecto positivo que atribuímos como resultado do trabalho desenvolvido com a capoeira foi o fortalecimento da solidariedade, na busca da resolução de um problema que estava interferindo diretamente na realização da atividade: falta do uniforme, que “obrigava” os participantes utilizarem roupas inadequadas, prejudicando a execução satisfatória das atividades.

A proposição para resolver a problemática foi promover ações que possibilitassem a compra do tecido para a confecção das calças, elemento essencial para o desenvolvimento da prática da capoeira. A alternativa foi realizar dois Bazares de Pechincha, montados mediante doações de alguns colaboradores, onde roupas para adultos e crianças, calçados, bijuterias, quadros produzidos pelos alunos foram expostos para que os visitantes pudessem adquirir os objetos que fossem do seu agrado.

A comercialização foi feita por um preço simbólico, pois o importante era perceber a participação da comunidade em uma ação desencadeada com a finalidade de resolvermos coletivamente uma dificuldade que nos apresentava como empecilho.

Com o dinheiro arrecadado foi possível adquirir 4 quilos de Poliéster com os quais foram confeccionadas as calças tão sonhadas pelos praticantes da capoeira. Para a confecção das calças, contamos com o importante trabalho voluntário da professora Osvanira Francisca da Silva que se colocou à disposição para tirar as medidas dos alunos e confeccionar sem nenhum custo para a escola. A professora, na época, ministrava aulas na Zona Rural e quando ficou sabendo da realização do projeto, quis conhecê-lo e se tornou uma voluntária da escola, onde, por várias vezes esteve contribuindo, seja nas oficinas, seja na cozinha. O engajamento da professora foi fundamental para que pudéssemos ampliar a nossa concepção de participação, uma vez que o seu trabalho influenciou de forma positiva, pois as atividades passaram a ser realizadas de forma que os alunos pudessem executar os movimentos mais

livremente. Jamais esqueceremos a festa que as crianças fizeram quando puderam, pela 1ª vez, usar as calças apropriadas para o treinamento da capoeira. . Foi uma alegria tão grande que o grupo passou a refletir como um pequeno gesto pode provocar um entusiasmo tão grande. A participação da referida voluntárias nos apontou que “a participação não pode ser vista como um ato de colaboração descompromissada, alheia, como favor, como subserviência, mas acima de tudo, como compromisso efetivo no processo de decisão e construção da cidadania” (ARAÚJO, 2001, p. 27).

Um outro momento importante foi a busca de um patrocinador para a confecção das camisetas para todos aqueles que faziam parte do projeto “Aprendendo através da Arte”. O primeiro passo foi solicitar do voluntário Aroldo Pulquerio a criação de um slogan do projeto, onde houvesse a preocupação de contemplar todas as atividades desenvolvidas por ele. A elaboração foi aprovada pelos participantes, cujo protótipo pode ser assim descrito: na parte da frente foram desenhadas figuras que faziam referência a atividades: berimbau representando a capoeira, as máscaras fazendo menção ao teatro; os pincéis e a baqueta referindo-se à pintura em tela. Na parte de trás foi reservada ao nome do Projeto (escrito em azul) e o nome das atividades (em vermelho).

De posse da criação da arte, iniciamos a busca de patrocínio, logo na primeira tentativa obtivemos êxito. Foram doadas para o projeto 200 camisetas para serem distribuídas aos participantes. A pessoa que fez a doação solicitou a não-divulgação do seu nome e afirmou que ficou muito sensibilizado em conhecer a história de uma escola, que tinha tido a coragem de criar condições para que muitas crianças deixassem as ruas, afastando-as assim dos riscos da marginalização.

4.6 A questão de gênero: um aspecto desafiador para o processo educativo

Na atividade da capoeira detectamos um aspecto que praticamente continuou quase que inalterado desde o seu surgimento, ou seja, o grande número de praticantes do sexo masculino, em detrimento do feminino. Essa realidade foi delineada desde os primórdios do seu surgimento, quando a prática surgiu por intermédio dos pés masculinos, que na maioria das vezes eram utilizados como uma importante arma contra os seus perseguidores. Mesmo depois de quase dois séculos de seu surgimento, percebemos nas várias “rodas” de capoeira, que a presença feminina ainda é tímida, havendo, assim, a necessidade da mobilização para a ampliação dessa importante participação na escola.

.Como a pratica é considerada, por muitos, como violenta, onde há existência de malabarismos arrojado, acabou predominando no imaginário das pessoas, que a pratica deve ser direcionada para o grupo masculino, cabendo as meninas a realização de atividades “ mais delicadas”, uma vez que ainda convivemos no nosso cotidiano, com as “coisas destinadas para os homens” e “outras para as mulheres”. Por isso, para associar a menina a feminilidade, são criados “todos os mecanismos sutis, quase subliminares, utilizados no cotidiano da família e dos méis de comunicação para produzir na menina pequena aquilo que a sociedade burguesa definiu como ‘feminilidade.’” (WHITAKER, 1988, p. 30)



Figura 8- Foto que mostra a presença masculina nas “rodas de capoeira”.

Concordamos que existe uma desigualdade em relação a nossa estrutura corporal, porém, os membros da sociedade sentem a necessidade de estarem reinterpretando essas diferenças de modo simbólico e artificial, transformando a desigualdade corpórea em desigualdades sociais que atingem as mulheres de todo o mundo.

Conforme Silva (2001, p. 9)

A nossa sociedade, enquanto civilização ocidental, se fundamenta a partir do masculino. Tal afirmativa pode ser constatada a partir de dois exemplos básicos: a) na religião, temos o mito bíblico de Adão e Eva, onde a mulher é ‘parida’ a partir da costela do homem, para lhe servir de companhia; b) a palavra homem- no sentido genérico – é a humanidade e como tal fundamenta as ciências, as normas e leis, a cultura, a educação, os valores, os costumes e apenas no sentido particular – é o sexo masculino.

Com isso, constatamos a predominância do homem, que desde os tempos mais remotos tem ocupado um lugar de maior prestígio e poder dentro da sociedade. No Brasil, essa predominância pode ser verificada com maior visibilidade, na época colonial, onde a sociedade açucareira era rural, estratificada e patriarcal. No alto da pirâmide, encontrava-se o senhor de engenho e sua família, logo abaixo, os funcionários graduados, os clérigos, os mercadores, os lavradores livres. Por último, os escravos, que constituíam a maior parte da população.

O senhor de engenho detinha todo o poder sobre os membros da família, onde a mulher cabia a realização das tarefas concernentes ao espaço privado (doméstico). A predominância masculina, de acordo com Whitaker (1988, p. 8), faz com que criemos e convivamos:

com a idéia de que a mulher precisa de proteção extra ou realizar as tarefas consideradas mais fáceis continua tão forte, quando uma menina manifesta ousadia ou agressividade, ela é geralmente barrada para que se possa produzir mais tarde a mulher profissional ideal. Aquela que aceita as tarefas secundárias e sufoca os seus talentos nos bastidores da história, onde tem permanecido invisível, como em geral são todos os oprimidos.

A construção da diferenciação de gênero começa a ser introjetado nos seres humanos, quando desde a nossa tenra idade, ou melhor, desde quando “habitamos” o útero da nossa mãe. Não podemos desconsiderar de que “é na vida familiar que começa a socialização e educação da criança, portanto, é no lar que se conformam as primeiras crenças, atitudes e valores que influenciaram as pessoas por toda a vida”. (VIEIRA, 2001, p. 11). Considerando que nos primeiros anos de vida, as crianças são acompanhadas e orientadas, quase que exclusivamente pela mãe que, na maioria das vezes tem uma formação dentro do padrão patriarcal, e acaba reforçando as desigualdades de gênero: a menina é caracterizada como a que deve ser aquela pessoa prezada, educada, que brinca de bonecas, não falar alto. Contrariamente ao menino homem não se exige os atributos de delicadeza, afetividade. Ao menino homem não cabe expressar os sentimentos de afetividade, medo, uma vez que dele é esperado atitudes que o definem como macho.

A escola enquanto uma das instituições responsáveis pelo processo de formação do ser humano, pode ser um importante veículo para a desmistificação da diferenciação de gênero, quando através do seu currículo escolar, abre a possibilidade de reflexão sobre temáticas que ainda se encontram impregnadas na sociedade brasileira: a questão do racismo, da etnia (principalmente em relação aos indígenas), a desvalorização da mulher, e dos idosos.

Analisando a Projeto Político Pedagógico da escola percebemos que o mesmo trabalha

com uma organização dos conteúdos, na perspectiva de Paulo Freire, através de Temas Geradores, onde um dos principais desafios é a contemplação de temas significativos, no intuito de despertar o interesse dos alunos.

Na análise da Proposta Pedagógica constatamos que há um “olhar cuidadoso”, para as questões que tem como foco a discriminação. Por isso, a unidade de ensino participou ativamente do Projeto “Intercambio Cultural – Aldeia Cidade”, onde alunos da escola puderam vivenciar na aldeia, as práticas indígenas e vice-versa. Quanto a questão do negro, a escola já vem desenvolvendo, ao longo de três anos, o resgate da história de Zumbi, um dos maiores líderes da resistência contra a escravidão.

Em relação a questão gênero, o trabalho ainda é bem incipiente, restringindo ainda a promover a participação de meninos e meninas, sem ter ainda definindo, como a temática poderá ser trabalhada pedagogicamente.

È importante destacar que a escola vive também de momentos contraditórios, pois ao mesmo tempo em que estimula a participação das meninas, o espaço escolar ainda convive com a separação entre os sexos, as filas de meninos e meninas, onde ainda não se permite a formação de fila única; ainda é bem presente as brincadeiras específicas de meninos e de meninas; palavras de rechaço quando as meninas utilizam de palavras que são aceitas quando pronunciadas por meninos.

No início ficou evidente que a pouca participação das meninas nas atividades eram justificadas da seguinte forma, tanto pelos meninos quanto pelas meninas: os exercícios são puxados e somente os meninos agüentam; os movimentos de acrobacias são difíceis de serem realizados por meninas. Na tentativa de desmistificação da prática da capoeira, o instrutor começou a desenvolver um trabalho de conscientização, onde foi demonstrado que a atividade poderia ser realizada pelos dois sexos e todos deveriam se unir alguns ingredientes essenciais, tais com: força de vontade, muito treino e crença no seu potencial.

Aos poucos o quadro foi se alterando, e a capoeira foi ganhando a presença feminina e os exercícios realizados de forma gradativa, para não colocar em risco a integridade física dos participantes, independentes de serem meninos ou meninas.

Thaís era uma das alunas mais animada e eufórica, sempre nos dizia que **“aprendi a fazer ponte que antes eu não sabia, aprendi a fazer um pouco de abertura”**. Destacou que a capoeira foi uma forte aliada para que ela tivesse um melhor desempenho como baliza na fanfarra.

A aluna Gislaine fala com muita alegria que gosta muito da capoeira e que considera que já está gingando muito legal, e que pretende praticar a arte que despertou a vontade de

participar na escola.

A capoeira proporcionou uma participação intensa, pois era comum presenciarmos uma “roda” animada, onde os movimentos eram acompanhados pelo bater de palmas e pelo cantarolar de uma música. Foi interessante observar que a atividade conseguiu mobilizar os seus componentes, ninguém ficava fora do processo. Por muitas vezes fui contagiada pelas músicas entoadas pelos capoeiristas, músicas essas que pareciam me transportar para as minhas raízes africanas.

No processo da significativa ampliação do número de participantes nas atividades promovidas pela Escola Dr. Fábio Firmino Leite, chamou-nos muito a atenção o cuidado com que todos tratavam esse importante patrimônio público, por cuja conservação a comunidade também é responsável. A esse respeito reportamos a Freire (1997, p.24) quando ele declara que

O respeito mútuo que as pessoas se têm nas ruas, nas lojas. O respeito às coisas, o respeito com que se tratam os objetos públicos, os muros das casas, a disciplina nos horários. A maneira como a cidade é tratada por seus habitantes, por seus governantes (...).

A capoeira trouxe e ainda traz uma mágica que muitas vezes não conseguimos explicar. Ela foi e é capaz de nos premiar com momentos indescritíveis, como a experiência descrita por Francisjony:

Eu guardo na minha memória, um acontecimento que ocorreu em outubro de 2003, quando o meu amigo Clever (capoeirista) foi fazer uma apresentação na ACRIMAT. Ele fez muita gente chorar. E porque ele fez? Porque tinha uma criança deficiente assim, no canto. Ela era deficiente da Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes (APAE). Ele chamou o guri dentro da roda. Aquilo chocou todo mundo, até eu próprio, e muitos dos colegas meus. Teve um momento que eu parei de tocar o berimbau para poder assistir, todos nós ficamos emocionados. Eu não sei se você estava lá.

Com a capoeira, observamos e analisamos que a equipe teve a oportunidade de participar de muitas realizações, mas também vivenciou uma grande frustração, que foi a não realização de um evento onde aconteceria o batizado dos alunos que haviam ingressado na capoeira. Por falta de patrocínio não houve o evento, pois não foi possível conseguir verba para cobrir algumas despesas, tais como: transporte para o deslocamento de alunos e familiares para o local do evento, passagens e estadia para o mestre que conduziria o batizado, camisetas e faixa branca, que indica o ingresso na capoeira. Diante das dificuldades, o sonho

foi adiado.

No batizado um aspecto deve ser considerado como um processo de democratização, onde o objetivo está voltado para permitir que todos aqueles apresentados pelo instrutor fizessem parte da roda e, posteriormente, serem batizados pelo mestre. Durante a cerimônia, tanto o instrutor quanto os aprendizes são avaliados, quando são observados os pontos positivos e negativos de cada um. No término das apresentações, os iniciantes são dispensados, ficando o mestre com o instrutor, cujas orientações necessárias são feitas para melhorar o desempenho dos praticantes. A arte da capoeira considera que no processo exista uma preocupação de não estar excluindo os iniciantes, tornando-se importante valorizar os desafios enfrentados pelos praticantes, bem como as conquistas que obtiveram ao longo do aprendizado.

Para nós ficou evidente que existiram muitos entraves que prejudicaram a participação mais efetiva dos diversos atores que participaram de atividades, porém as dificuldades poderiam ser enfrentadas a partir do momento em que as pessoas se unissem para encontrar alternativas que minimizassem as dificuldades que foram aparecendo ao longo do percurso.

A experiência vivenciada com os projetos culturais na Escola Doutor Fábio Firmino Leite apontou que havia possibilidades para a comunidade se organizar, a fim de fortalecer a gestão democrática, e, conseqüentemente, a participação. Para Demo (2001, p. 72).

O exercício das regras democráticas de jogo é importante também porque não se adquire o hábito com facilidade. Democracia dá muito trabalho. Onde todo mundo quer opinar, comparecer, decidir junto; o que mais acontece é uma dificuldade enorme de gerir a balbúrdia. As discussões tornam-se intermináveis e incontroláveis. Facilmente emerge o cansaço e a decepção, até mesmo o reconhecimento, afoito de que democracia não leva a nada. Em certos casos, pode até surgir a insinuação de que em termos autoritários as coisas andavam melhor, porque se decidia rápido, ou tudo já estava decidido.



Figura 9- os alunos assistem os movimentos do senhor José Dias e do instrutor Francisjony.

Após algumas dificuldades enfrentadas pelo grupo da capoeira em 2004, o projeto resistiu graças ao esforço da equipe gestora, da comunidade e do voluntário Francisjony e das crianças, uma vez que não houve por parte da Secretaria Municipal de Educação nenhum apoio financeiro.

Em 2005, a Secretaria Municipal de Educação retomou os projetos culturais nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, uma vez que a verba destinada à sua realização foi garantida junto ao Ministério da Educação pela gestão anterior. Desta forma, no dia 16 de junho de 2005, o Secretário de Educação, João Pedro Valente, reuniu-se com os instrutores responsáveis pelo desenvolvimento das atividades culturais, com objetivo de estar retomando os trabalhos iniciados pela gestão anterior.

O Secretário destacou a importância da realização do trabalho, uma vez que possibilita aos alunos o desenvolvimento de outras atividades educativas que poderão contribuir para que as crianças sintam prazer em fazer parte do espaço escolar.

Em 2005, o jovem capoeirista Francisjony passou a integrar o grupo de instrutores contratados da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá, continuou ministrando as aulas de capoeira na Escola "Doutor Fábio", após alguns anos de trabalho voluntário.

4.7 A pintura como uma das primeiras formas de expressão do ser humano

As artes plásticas fizeram parte integrante do Projeto “*Aprendendo através da Arte*” que fora iniciado juntamente com a oficina de Teatro, cujo objetivo fundamental foi tornar possível que os alunos dessem “asas à imaginação” e a criação se tornasse elemento fundamental nesse processo.

Para Dohme (2003, p. 73).

Trabalhando com as artes plásticas a criança vê uma série de ferramentas ou de objetos que inicialmente não representam nada, mas com a sua interferência se transformam em algo bonito, com a expressão própria e, geralmente, com uma utilidade específica. Isto é um exemplo de que ela pode construir, é capaz de fazer e, dentre outros benefícios, isto colabora com a sua autoconfiança e disposição de realizar.



Figura 10- Foto da professora Nilda participando da oficina com as crianças.

A estreita relação estabelecida entre o homem, o desenho e a pintura vêm sendo buscados há muitos milênios. Segundo Ostrower (1983, p.298) “esses desenhos são, na verdade, gravações monumentais, incisões feitas diretamente na rocha. Os sulcos e as áreas contornadas por linhas que eram enchidas por corantes naturais: terra, carvão vegetal”.

Para compreender a importância da produção para os nossos ancestrais através dos

desenhos, Ostrower (1983, p.99) nos mostra que:

A temática dos desenhos consiste exclusivamente da representação de animais de caça de grande porte (em geral, das espécies arcaicas, hoje extintas). Nas cavernas conhecidas, os mesmos animais aparecem sempre de novo, variando em número e posição. Às vezes são bisontes que predominam (Altamira), touros (Lascaux, cavalos) (Les Combarelles), veados e corças (Pasega). Tem-se a impressão de outros animais – renas, mamutes, javalis – figuram, nesse caso, como subordinados à espécie dominante.

Com o desafio de possibilitar a participação em uma oficina a qual permitia o despertar da capacidade criadora, muitas vezes, adormecida pelos “rituais” impostos pela escola especialmente, através da utilização incorreta do mimeógrafo que, na maioria das vezes, é ainda hoje, acabam impondo às crianças uma padronização de desenhos, que impede que elas possam desenvolver a sua criatividade. Assim, os artistas voluntários tiveram a tarefa de propor atividades que possibilitaram aos participantes mergulhar no mundo da imaginação.

O desejo de pesquisar sobre a temática da pintura ocorreu também por concordar com Richter (2004 p. 43).

O campo de estudos e pesquisas que envolve a temática criança e pintura no contexto educacional é árido. Da mesma forma, o ato sensível de dinamizar imagens e palavras para configurar ações com outros encontra pouco espaço nas reflexões pedagógicas. Ainda constatamos o predomínio quase absoluto da palavra, seja oral ou escrita, tanto na educação infantil como no Ensino Fundamental, em detrimento de uma ação educativa que também leve em conta a surpresa das imagens que podem ser extraídas e produzidas da e na materialidade que o mundo oferece. Não é só ver. Não é só falar. Não é só fazer. É imaginar e fazer para complexificar o vivido. Ato poético que entrelaça de modo lúdico o corpo, imagem e palavra, instaurando acontecimentos que permitem abarcar outros mundos de viver já conhecidos.

4.7.1 Zeilton Matos e Aroldo Pulquerio: a importância do trabalho com a pintura no processo de democratização do espaço escolar



Figura 11- Foto dos alunos manuseando a tela, baqueta e pincéis.

Para Dohme (2003, p. 73)

Trabalhando com as artes plásticas a criança vê uma série de ferramentas ou de objetos que inicialmente não representam nada, mas com a sua interferência se transformam em algo bonito, com a expressão própria e, geralmente, com uma utilidade específica. Isto é um exemplo de que ela pode construir, é capaz de fazer e, dentre outros benefícios, isto colabora com a sua autoconfiança e disposição de realizar.

A oficina ficou sob a coordenação de dois voluntários: Zeilton Matos e Aroldo Jovino Pulquerio que aceitaram o convite de contribuir com a realização da oficina, aos finais de semana. A predisposição destas pessoas em se unir aos outros voluntários para a realização de atividades tornou possível que os participantes tivessem acesso a atividades culturais, a fim de fortalecer o processo de participação. Para Araújo (2001, p. 29),

Através dos movimentos sociais, os homens vão construindo a sua autonomia, no sentido de garantir que as suas aspirações, suas bandeiras de luta possam ser respeitadas e que eles possam concretizar o direito de dirigir, de escolher a melhor forma de orientação, a forma mais oportuna e convincente de tomada de decisão para alcançar a realização de seus grandes objetivos.

Falamos aqui a respeito dos voluntários Zeilton Matos e Aroldo Pulquerio e do trabalho de ambos. O primeiro é um artista oriundo da Bahia e que reside em Cuiabá há mais de 26 anos. A paixão dele pela arte surgiu ainda na sua infância, mas somente há cinco anos que se profissionalizou. Trouxe em seu currículo os prêmios de “Artista Revelação” e a Menção Honrosa “Salão Jovem Arte Mato-grossense”. Nas telas desses artistas, encontradas no acervo do Sesc Arsenal e Pantanal, observa-se a forte influência de Tarsila do Amaral, Pablo Picasso, Di Cavalcanti. A marca característica de sua obra é a utilização da configuração de duplos rostos, os braços desproporcionais e retorcidos dos indivíduos, a sensualidade das mulheres.

Luis Ernesto Kawal, membro da Associação Paulista dos Críticos de Arte e da União Brasileira dos Escritores, refere-se ao artista plástico da seguinte forma:

Zeilton tem um acentuado colorido, isto é, as suas cores advêm do mato, da selva, do céu em que vive cercado. São tons fortes de quem deseja fazer uma arte autêntica e espontânea que embelezam suas obras, que um dia, estou certo, ganharão o sucesso merecido em Cuiabá e em outros centros que valorizam a melhor arte nossa.

O jornalista D’ Ambrosio também faz um comentário sobre o artista plástico afirmando que o trabalho produzido pelo artista indiscutivelmente:

Estabelece os seus elos com a arte por meio de algumas marcas registradas. Uma delas está nas mulheres de braços fartos e alongados que caracteriza o seu estilo. Suas formas arredondadas apresentam muito mais que a sensualidade. Criam um clima de aconchego que interroga o espectador. Dentro desses braços podem ser encontrados diversos elementos. Há frutos, abacaxis, caju e flores. O importante está na forma pictórica como os membros superiores são construídos. Parece que eles têm o poder de abraçar a humanidade e de protegê-la de todos os males, num denso sentimento maternal.

O voluntário Aroldo Jovino trazia consigo a vontade de contribuir com o projeto e assumiu a função de auxiliar do artista plástico Zeilton Matos na realização do trabalho. Carregava consigo a grande paixão que sentia pelas artes plásticas, em especial, pela pintura, mas nunca havia tido a oportunidade de fazer um curso para aprofundamento da técnica. Mesmo assim aceitou o desafio e sua primeira decisão foi convidar Zeilton Matos para lhe ministrar algumas aulas particulares com a finalidade de buscar orientações necessárias que viessem contribuir para um bom desempenho na função que estaria realizando.

O trabalho desenvolvido pelos dois voluntários mencionados consistiu em realizar

diversos tipos de atividades, porém o foco desta pesquisa esteve voltado para a investigação e da pintura, quando desempenhamos as funções de pesquisadora e colaboradora. Para o início da atividade a equipe propôs trabalhar com priorização de três aspectos considerados essenciais para seu êxito do trabalho: utilização do próprio espaço da sala de aula durante o desenvolvimento da atividade, o tempo para a realização do trabalho, e os materiais a serem utilizados.

Quanto ao primeiro aspecto, a equipe refletiu sobre a importância de demonstrar para os alunos que o processo criador faz parte do processo educativo, portanto a sala de aula, por ser um local de muita familiaridade dos participantes, contribuiria para o êxito do trabalho e seria o ambiente adequado. A arrumação da sala, inicialmente, era feita pelos instrutores, porém, aos poucos, começaram a dividir o trabalho com os alunos. Paulatinamente essa tarefa foi sendo realizada de forma coletiva, onde as cadeiras eram colocadas em círculos, a fim de facilitar a comunicação entre os alunos e também o deslocamento em várias direções para orientar os jovens artistas.

O tempo para o desenvolvimento das atividades foi sendo delineado de acordo com a programação dos instrutores e interesse dos alunos, mas desde o início, as atividades se prolongavam por toda a manhã do sábado. Um pormenor interessante foi perceber que a maioria não gostava de interromper as atividades, nem mesmo na hora do lanche. Os alunos se dedicavam à atividade com muita concentração e procuravam realizá-la a atividade com o objetivo de produzir um bom trabalho. Em relação a este ponto, lembra-nos Richter (2004, p. 76).

Concentração é aqui estendida como ato centrado do sujeito e este supõe envolvimento, interesse, e principalmente curiosidade para ir além do visto e do feito; supõe sempre o prazer de jogar com possibilidade de saber mais. A concentração, como construção individual de uma atenção centrada, é necessária, é para qualquer forma de expressão. Trata-se da indispensável conquista intelectual de uma organização que passe necessariamente por uma organização externa.



Figura 12- Foto dos alunos concentrados na sua produção.

A concentração observada na oficina chamava muita a atenção e, às vezes, eu tive a impressão de que os participantes “viajavam” para outros mundos, devido ao intenso silêncio em que a sala de aula permanecia por um longo tempo. Era um momento mágico, quando todos buscavam produzir de acordo com as suas possibilidades.

Em relação à utilização dos materiais para a produção do desenho e da pintura, os instrutores começaram a fazer um trabalho, no qual foi utilizado papel chamex, tinta guache, lápis preto próprio para desenhar. Esse primeiro momento foi um antecedente para um posterior trabalho com a pintura em tela, para a qual os instrumentos básicos foram: tela, tinta de várias tonalidades, baquetas, pincéis industrializados.

Foi interessante acompanhar os primeiros encontros entre os instrutores e os alunos, quando também senti vontade de aprender a desenhar e a pintar. Esses primeiros encontros com a pintura foram de desafio para os participantes. Ao poucos fomos percebendo que as crianças estabeleceram uma relação de amizade, respeito e afeto com os instrutores, onde era comum verificar as conversas animadas entre eles, isto é, as relações interpessoais mostravam-se muito agradáveis e de bastante cumplicidade.

O voluntário Aroldo Pulquerio destacou a relação estabelecida e a participação das crianças da seguinte forma:

Ao longo de vários meses pudemos perceber que as crianças demonstravam muito entusiasmo pelo trabalho de que participavam. A escola acabou se tornando um espaço bastante agradável, onde a alegria fazia parte das atividades desenvolvidas. Era interessante verificar que muitas crianças moravam muito distante da escola, pois era comum estar encontrando os meninos e meninas durante o nosso trajeto. Podia-se perceber nas falas das crianças que elas gostavam da escola, em particular, porque ela oferecia atividades de interesses dos participantes. Muitas delas acabavam se referindo a mim e ao Zeilton de tio e outras de professor. Mas posso dizer que mesmo não sendo professores da escola, de não fazer parte do cotidiano das crianças, elas nos aceitaram de maneira bastante afetiva. Acredito que as crianças estão abertas à participação na escola, e isso é tão verdadeiro, que algumas vinham de outras escolas e de outros bairros para estarem participando.

Pelo depoimento do voluntário ficou evidenciado que muito esforço foi concentrado, tanto por parte dos monitores como dos participantes, a fim de realizar um trabalho de muita significância para os alunos. É importante ressaltar também que um outro aspecto interessante foi o estabelecimento de uma afetividade entre os envolvidos no processo. Aspecto esse que pode ser considerado decisivo no êxito do trabalho que estava sendo realizado.

Um dos aspectos que chamou bastante a nossa atenção foi verificarmos a preocupação constante de estarem os alunos envolvidos na oficina justificando, que não sabiam desenhar, e que o que faziam era feio. Percebemos ainda que praticamente todos os alunos desenhavam casa, árvores, céu, bandeiras, corações, de forma muito idêntica. De acordo com a explicação dos voluntários responsáveis pela oficina, todos os participantes traçavam os desenhos somente em primeiro plano, evidenciando a não existir qualquer orientação anterior, um saber mais técnico, alguma orientação sistemática, com mais aprofundado sobre assunto. Outro aspecto era a dificuldade em utilizar o espaço na folha de papel chamex demonstrando que era necessário um trabalho orientador quanto à utilização do espaço na folha de papel.

O instrutor um realizou um trabalho voltado para duas direções. Primeiramente incentivando o desenvolvimento da expressão individual, compreendendo que esta dizia respeito à manifestação de sentimentos que pode ser explicitada através de diferentes sinais e signos. De acordo com Duarte-Júnior “[...] a expressão, não se transmite num significado explícito, mas indicam sensações e sentimentos” (1991, p. 41). A segunda orientação básica para a produção de um desenho foi a utilização de uma linha horizontal, para a definição do que é céu e do que é terra.

Não fez parte da pesquisa a análise das produções dos alunos por acreditarmos conforme Ferreira (2001, p.145), que “[...] ao lançar uma interpretação pronta e fechada sobre um desenho, retiram-se dele as intenções do autor. Quem interpreta assume uma postura de ‘dono da verdade’, acima e além daquilo que a criança pretende desenhar”. Desta forma, a

autora destaca que

Defendemos a idéia de que somente a fala da criança sobre o seu desenho é o signo fundamental que possibilita o conhecimento do sentido subjetivo de sua figuração. São as palavras das crianças autoras que explicitam o 'mundo' subjetivo ali apresentado, e não os seus traços, que estão abertos a múltiplas interpretações.

Diante dessa constatação, os voluntários passaram a estimular os participantes á ousadas entrar no mundo do desenho, estimulando a capacidade criadora de cada um. Foram apresentados aos alunos alguns elementos essenciais para que pudessem realizar um desenho mais elaborado. Após algumas semanas, os participantes já começavam a esboçar uma familiaridade com a arte de desenhar e, aos poucos, observamos que eles esboçavam maior segurança na realização do trabalho. Consideramos que a primeira fase do trabalho começava a ser vencida, uma vez que os alunos já expressavam certa tranqüilidade e concentração para o desenvolvimento da arte que escolheram para participar.

E arte lembra-nos criatividade, criatividade de que falam Aranha e Martins (1991, p. 338) esclarecendo a importância do processo criador.

A criatividade é uma capacidade humana que não fica confinada no campo das artes, mas que também é necessária à ciência e à vida em geral. A ciência não poderia progredir se alguns espíritos criativos não tivessem percebido relações entre fatos aparentemente desconexos, se não tivessem testado essas hipóteses e chegado a novas teorias explicativas dos fenômenos.

É necessário sim estimular os indivíduos para que desenvolvam o seu lado criador, uma vez que isso poderá beneficiar o ser humano nos diversos aspectos das suas vivências e possibilitar, assim, um melhor enfrentamento da realidade. Para que a criatividade dos indivíduos se desenvolva, dois elementos são considerados propulsores do ato de criação: a imaginação e a inspiração. A imaginação pode ser definida como “[...] a capacidade de ver além do imediato, do que é, de criar possibilidades novas e a imaginação, como o resultado de um processo de fusão de idéias efetuado no nosso subconsciente.” (ARANHA e MARTINS, 1993, p. 338).

Depois de vencido o primeiro desafio, iniciou-se o sonho de trabalhar com a pintura em tela, mas devido à grande dificuldade financeira enfrentada pela unidade escolar e porque todos queriam fazer parte do projeto, houve a necessidade da busca de parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Foi disponibilizada pela instituição uma grande quantidade de telas, pincéis, baquetas, lápis apropriados para desenhos, borrachas. A referida doação

permitiu que a oficina pudesse ser desenvolvida por um longo período de tempo, sem trazer nenhum custo para os participantes.



Figura 13- Foto dos alunos produzindo sob a orientação do artista plástico Zeilton Matos.

Ainda guardamos de forma bem presente na memória a euforia das crianças, quando receberam a notícia de que teriam material para desenvolverem a oficina de artes plásticas. É difícil esquecer o dia em que cada participante recebeu a sua tela, quando puderam colocar em prática, o que tinham aprendido até ali. Aroldo afirmou que **“foi emocionante perceber como uma simples oficina poderia provocar tanta alegria e interesse das crianças, que se dedicavam com muito entusiasmo às atividades desenvolvidas”**.

Observando a euforia descrita e os depoimentos das crianças, pudemos constatar que muitas nunca tiveram a oportunidade de vivenciar a pintura de uma tela, com os materiais apropriados que a atividade exige. Muitas vezes a emoção tomava conta de mim, por sentir que todos os envolvidos no projeto tinham contribuído para que vários sonhos pudessem ser realizados. Essa realidade pôde ser constatada na fala da aluna Thainara, quando destacou que **“na pintura foi a primeira vez que eu fiz, eu não sabia o que desenhar na hora, eu ficava com medo de borrar, pegar outra tinta e colocar no lugar errado, sei lá.”** Também para

Gislaine, a experiência foi a primeira vez e destacou que:

Na pintura foi a primeira vez que eu participei e eu pinte uma tela, foi o pato Donald. Foi a primeira vez que eu pinte e foi aqui na escola. Eu nunca tinha feito e gostei muito. Eu achei muito legal. O meu pai até está comprando telas, tintas para eu pintar lá em casa.

No desenvolvimento do trabalho com a tela e a tinta a óleo, os instrutores sentiram a necessidade de trabalhar uma problemática que começava a se apresentar: os alunos estavam tendo dificuldade em utilizar as tintas na medida certa e também sentiam dificuldades em manter as roupas, carteiras e o próprio chão limpos. Após algumas discussões, os participantes chegaram a algumas sugestões: a utilização de jornais nas cadeiras impedindo-as de sujar; a utilização de baquetas, com mais cuidado impedindo assim, que as tintas caíssem no chão; a utilização de pequenos pedaços de panos para limpar as mãos e os pincéis; e o cuidado para economizar as tintas, a fim de conter os desperdícios. Essas medidas eram sempre lembradas e relembradas pelos instrutores, que alertavam os alunos sobre algumas regras que foram estabelecidas pelo coletivo que participavam da oficina.

Com o tempo constatamos que o aprendizado em relação à utilização do espaço estava tendo bons resultados; os alunos já realizavam o trabalho tomando uma série de cuidados e, ao final, se preocupavam em deixar a sala organizada para o desenvolvimento das aulas na 2ª feira. Para não restringir a um olhar que pode estar vesgo pela emoção e cumplicidade, mesmo me policiando como pesquisadora, transcrevemos a seguir um trecho, em que o amor pela oficina de artes plásticas da escola foi descrita por uma reportagem do jornal ‘A Gazeta’, do dia 22 de dezembro de 2002.

Entre os estudantes que participam do projeto está Jéssica Milena Dourado, de seis anos de idade, que está se alfabetizando agora e faz o curso de artes. Plásticas e, mesmo enfrentando problemas de saúde, não deixa a pintura. Jéssica gosta dos desenhos de pinturas de fachada de casas e suas cores favoritas são o azul e o amarelo. anos.

Já Jean de Arruda, 17 anos, não estuda na escola Doutor Fábio, mas queria participar da oficina de artes plásticas. Foi aceito. Com 17 anos, ele estuda no CPA IV porque a escola do bairro, que é municipal, não oferece ensino médio. Os temas mais trabalhados por ele são paisagens e símbolos que se refere a paz.

Jéssica e Jean são exemplos de participações que contribuiram para o fortalecimento do processo de democratização do espaço escolar. A aluna emocionava todos pela sua vontade imensa de participar, mesmo tendo a sua saúde fragilizada em decorrência de uma

forte bronquite. Seu pai a acompanhava até a escola e nos relatava como a filha ficava eufórica, pela chegada do sábado. Segundo ele, a oficina de pintura provocava em sua filha uma alegria muito grande.

Também o jovem Jean, ao se deslocar a pé do bairro CPA para participar, demonstrou que a proposta da escola em promover a participação estava dando certo, uma vez que, tanto ele quanto a proposta fora muito bem aceitos pela comunidade.

4.8 A oficina de pintura e a participação da comunidade

Um aspecto interessante observado foi o interesse que a oficina de artes plásticas despertava nas pessoas que vinham até a escola. Era muito comum o recebimento de visitantes, que ficavam encantados com o trabalho que a escola estava desenvolvendo, sempre destacando que por ser uma atividade que requer custos elevados, poucos alunos teriam condições de realizar. Mesmo com a constante visitação que recebíamos, os participantes conseguiam manter uma concentração exigida para a atividade.

Um outro aspecto que mereceu um foco especial da pesquisadora foi a alteração que a atividade começou a provocar na vida do voluntário Aroldo Pulquerio. Em entrevista, afirmou que, através do referido trabalho vivenciou uma experiência ímpar que influenciou de forma significativa a sua vida profissional.

Com o passar dos meses, a experiência foi me mostrando que o trabalho com as crianças estava exigindo de mim mais conhecimento na área das artes. Como eu não tinha tido nenhum trabalho anterior com crianças, acabava sentindo muitas dificuldades na realização da oficina. Paulatinamente fui sentindo um pouco de frustração, por isso resolvi enfrentar desafio de estar fazendo vestibular para o Curso de Educação Artística na Universidade de Cuiabá. A opção pela UNIC ocorreu devido ao oferecimento de artes plásticas pela instituição.

Perante o depoimento do voluntário podemos constatar que o projeto provocou mudanças não só na vida da comunidade escolar, mas também na vida aqueles que estavam nele envolvidos. O nosso entrevistado terminou o 2º grau em 1988 e, por motivos diversos não pôde realizar o sonho de cursar o ensino superior. A retomada de um sonho surgiu como imposição do momento que estava vivenciando, onde a necessidade do conhecimento mais aprofundado sobre as artes plásticas e o domínio das técnicas, se tornavam essenciais para a melhoria do trabalho que vinha desenvolvendo na Escola Doutor Fábio Firmino Leite. Assim,

aos poucos, o exercício do trabalho com os participantes do projeto “Aprendendo através da Arte” possibilitou que o voluntário abrisse um novo caminho para a construção de uma nova história na sua vida.



Figura 14- Foto de uma exposição dos quadros dos participantes, na oficina de pintura.

Um dos momentos mais interessantes vivenciado por todos que participavam da oficina de pintura foi a doação dos quadros produzidos para a realização de um bazar cujo objetivo foi a arrecadação de fundos para a aquisição das calças para o grupo de capoeira. Talvez esse tenha sido um dos momentos mais emocionantes vivenciados por esta pesquisadora, pois o projeto tornou possível a formação de uma rede de solidariedade entre os participantes, possibilitando que cada um pudesse dar a sua parcela de contribuição.

Na realização dos dois bazares percebemos que as produções dos alunos da oficina de pintura foram a grande sensação. A comunidade se fez presente e vários quadros foram adquiridos pelos visitantes que os elogiavam sempre. Era comum, a expressão de curiosidade das pessoas em olhar o nome de quem assinava a tela. Percebemos o orgulho e felicidade dos alunos em apresentar como o produtor de uma obra que estava sendo apreciada pelos visitantes.

No desenvolvimento da pesquisa, verificamos que o processo de socialização estava se fortalecendo cada vez mais entre todos os componentes do projeto “*Aprendendo através da Arte*”. Destacamos assim, que a socialização é um processo muito importante, uma vez que, conforme Duarte-Júnior (1991, p. 27)

Assim, quando somos “socializados” – quando aprendemos a sermos humanos, estamos também aprendendo o estilo de vida da nossa comunidade. Estamos adquirindo nossa personalidade cultural. Alguns autores chamam esse mecanismo pelo qual somos iniciados no estilo de nossa cultura de endoculturação. Endoculturação é, então, esse processo pelo qual todos nós passamos, ‘interiorizando’ um estilo cultural de viver.

Com o trabalho realizado por meio dos projetos culturais, observamos que além da democratização do espaço escolar e da participação, um elemento começava a se delinear: o exercício da conquista pelo direito à cidadania.

4.9 Contribuições dos Projetos Culturais para o processo educativo dos participantes

A investigação dos Projetos Culturais, na Escola de Educação Básica “Doutor Fábio Firmino Leite”, apontou que os mesmos trouxeram valiosas contribuições para o processo educativo, sendo que um dos pontos-chaves foi a compreensão de que a cultura não está restrita, exclusivamente, aos conhecimentos sistematizados (conteúdos) elaborados pela humanidade, e que cabe à escola ser a instituição responsável pela sua transmissão. A realização das atividades culturais artísticas possibilitaram que os alunos entrassem em contato, com uma das dimensões da cultura, que na maioria das vezes é desconsiderada pelo ensino formal - a cultura comunicativa (Savránski, 1979), tão essencial para a formação do cidadão.

Segundo o autor, (1979, p. 3), “ a cultura possui uma série de valores próprios e, em particular, um imenso valor estético, que procuro demonstrar com o exemplo da cultura artística, um dos principais subsistemas do sistema cultural global”. Por isso, a tarefa de estar criando oportunidade para que os alunos tenham acesso às diversas formas de expressões artísticas, considerando que é fundamental socializar os bens culturais, familiarizar os alunos com a produção artística, à qual não têm acesso pela mídia, ou por outros meios de comunicação.

Desta forma, as expressões artísticas contempladas pelas atividades, desenvolvidas pela unidade de ensino, apontam para a importância da arte no processo educativo e também para a pesquisa. Para PASSOS e SATO (2004, p. 46 e 47):

a arte deve ser usada para dar origem e dados de pesquisa que não sejam apenas discursivos e racionais, mas que incluam relações fortes com o inconsciente, o reprimido, ou seja, aquilo que foi morto ou proibido pela colonização ou, então, aquilo que, por ser socialmente tão óbvio ou íntimo, ninguém pensa coexpressar quando entrevistado.

Consideramos que merece uma atenção especial, a transformação que as atividades realizadas provocaram na escola, fazendo com que o espaço torna-se alegre e prazeroso, demonstrando que o trabalho educativo pode e deve ser realizado em um local onde impera a alegria e o prazer. Paulo Freire sugere que a seriedade do ensinar e aprender não é dicotômica com a alegria e o prazer.

Á aventura dessa escola séria, rigorosa, alegre, jamais prescindida do ato sério de estudar, que jamais confunda essa alegria com a alegria fácil do não querer fazer, que ela prova que a escola tradicional pecou aí também, não é preciso enrijecer as mesas mais do que a madeira já as faz endurecidas; não é preciso endurecer o porte das crianças, não é preciso pôr colarinho e gravata na criança para que ela, imbuída de um certo sofrimento, que é o sofrimento do saber, possa aprender. Não. Mas, por outro lado, é preciso não afrouxar, para que a criança não se perca apenas no brinquedo, apenas em alegria. Saber é um processo difícil, realmente, mas é preciso que a criança perceba que, por ser difícil, o próprio processo de estudar se torna bonito. Acho também que seria errado falar ao estudante que há uma compensação de alegria no ato de estudar. O importante é que a criança perceba que o ato de estudar é difícil, é exigente, mas é gostoso desde o começo.

As atividades culturais também proporcionaram que os participantes entrassem em contato com princípios da sociopoética (PASSOS, 2003; SATO, 2003), que, no processo foram considerados indispensáveis. Primeiramente, o desenvolvimento da corporeidade, onde o corpo foi um instrumento importante no processo de aprendizagem, principalmente nas oficinas de capoeira e de teatro. De acordo com o antropólogo Rodrigues (1983, p. 45):

a cultura dita normas em relação ao corpo; normas que o indivíduo tenderá, á custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto ao desenvolvimento dos seres vivos, á sucessão das estações ou o movimento do nascer e do por do sol. . Entretanto, mesmo assumindo para nós este caráter “natural” e “universal”, a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais.

Destacamos como relevante o estímulo da criatividade, onde as crianças pudessem dar “asas a imaginação”, rompendo aos poucos com o “mito” de que somente alguns detém o atributo da criatividade”. Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quando desenvolve esse ímpeto ontológico de criar” (FREIRE, 1979, p).

Para Derdyk (2003, p.10):

Não podemos esquecer que, o “homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos dedicados a posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na Terra. O ato criador, muitas vezes, acaba sendo ofuscado pela escola, quando ocorre a utilização, sem critérios, do mimeógrafo. Nesse processo, os alunos acabam trabalhando com desenhos pré-determinados que na maioria das vezes reforçam alguns estereótipos impostos pela sociedade, uma vez que a educação que impera e a do colonizador, isto “é aquela que despreza as condições específicas da terra e procura impor a visão de mundo que interessa às minorias dominantes” (DUARTE JR.r, p.79).

Outro aspecto positivo do projeto Aprendendo através da Arte foi concretizar um dos princípios defendidos por Paulo Freire, de que as crianças podem aprender muito mais, quando a escola leva em consideração os seus desejos, os seus sonhos, tornando a aprendizagem mais significativa. Assim, a inserção dos alunos nas oficinas escolhidas, de acordo com o interesse, possibilitou o sucesso do trabalho proposto.

O trabalho realizado pelo grupo de voluntários, nos fez refletir sobre a ampliação do conceito de educador e dos diversos saberes que contribuem para a construção da aprendizagem. O trabalho apontou que a educação pode ser construída por várias mãos, onde, o senso comum e o saber científico podem dialogar de forma respeitosa. Nesse propósito, destacamos a necessidade de trabalharmos no sentido de respeitar os saberes que os indivíduos; pois são saberes importantes que contribuem para o enriquecimento de uma prática educativa.

Consideramos que no desenvolvimento do trabalho outros aspectos não poderiam deixar de ser mencionados: a solidariedade entre os participantes, a auto-estima, o respeito pelo trabalho desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar os Projetos Culturais da Escola de Educação Básica “Doutor Fábio Firmino Leite”, desenvolvidos no período de 2000 a 2004, constituiu-se numa tentativa desta pesquisadora em apresentarmos uma experiência, que teve como suporte a cultura como um importante elemento provocador da ampliação, participação e democratização do espaço escolar. O esforço pode ser justificado, pela possibilidade de oportunizarmos aos profissionais da Educação, acesso as vivencias que tem como foco promover a ampliação da concepção do processo democrático, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá.

Com o propósito de assumir o desafio, a escola Luiz Borges Garcia que vinha sendo constantemente assaltada vislumbrou nos projetos a possibilidade de estabelecer uma maior integração com a comunidade. Assim, no dia 8 de agosto de 2003, foi realizada a cerimônia de lançamento do evento, cerimônia que contou com a participação intensa da comunidade.

Ao longo de vários meses acompanhamos o trabalho desenvolvido pela escola, onde voluntários da comunidade eram os responsáveis pela coordenação dos trabalhos nas oficinas de dança, teatro, artes plásticas e capoeira.

A escola Silvino Leite de Arruda após conhecer o trabalho desenvolvido pela “Doutor Fábio”, também resolveu utilizar as atividades culturais de mobilização da comunidade para ocupar, de forma mais efetiva, o espaço da escola. Esta conseguiu realizar um trabalho de parceria muito forte com a comunidade, onde foram montadas oficinas de: reaproveitamento de jornais que foi coordenado por uma moradora do bairro e seu filho portador de necessidades especiais; a de pintura que fora coordenado por 3 alunos adolescentes da escola, os quais trabalhavam com uma média de 35 a 40 crianças; a oficina de dança que ficou sob a responsabilidade de dois jovens do bairro; a oficina de capoeira que contou com a coordenação do grupo de capoeira da região.

O desenvolvimento do trabalho pelas escolas de bairros circunvizinhos indicou que existem alternativas que podem ser buscadas com a finalidade de promover a ampliação da participação na escola. Essa foi uma trajetória construída a várias mãos e de acordo com os sonhos e utopias daqueles que compartilharam um trabalho coletivo. O caminho percorrido

pelos diversos atores das diferentes localidades se traduz, na expressão de Passos e Sato (2002, p.131):

a trajetória supõe mirar adiante, desafiar, estabelecer um horizonte de referência, sempre palpitante, e que pelo próprio andar, se desloca à frente, abrindo dimensões ainda não vistas, ampliando horizontes e emprestando significações ao próprio andar. Aos primeiros passos a caminhada abre-se para a novidade e descoberta.

Enfim, como afirma Paro e “para não concluir”, esperamos que a pesquisa realizada possa servir de inspiração para aqueles que acreditam na utopia de que a escola pode se tornar num grande espaço democrático, onde a comunidade possa sentir prazer de estar fazendo parte do espaço escolar. Aos poucos, essa participação se amplia, possibilitando que os indivíduos possam ter voz nas inúmeras decisões que são tomadas na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Evilásio. Ex-invasão ganha escola para atender 208 alunos. **Jornal Diário Cuiabá**. Cuiabá, 14 mar., 2000. p. B.2.

ALVES, Nilda (Org.). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, 141p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993, 395 p.

ARAÚJO, José Ferraz de. **Gestão Democrática nas Escolas de Cuiabá-MT**: A perspectiva de lideranças governamentais e sindicais. 2001, 132p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 14. ed., São Paulo: Brasiliense, 1990, 83 p.

BARBIER, René. **Pesquisa – Ação na instituição educativa**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, 280 p.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. **Pesquisa Qualitativa em Educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994, 232.

BOBBIO, N. **O Futuro da Democracia**: uma defesa das regras do jogo. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 207.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. 7.ed., São Paulo: Brasiliense. 1992. Coleção Primeiros Passos, 84 p.

BOTELHO, Miriam; MARTINEZ, Zé Celso. A alma do Teatro Oficina. **Jornal Diário de Cuiabá**. Cuiabá, 9 mar., 2004, p. D1.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense. 1999, 209 p.

_____. **A Educação como Cultura**. Ed. São Paulo. Mercado de Letras. 2002, 255p.

_____. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**. Escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável. Brasília. Ministério do Meio Ambiente, 2005, p.172.

BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** 10. ed., São Paulo: Cortez, 2000, 94p.

CAPOEIRA, Nestor. **Pequeno Manual do Jogador**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, 238p.

CARVALHO, Juan Maro Kersul. **O Lúdico e a Arte na Educação Ambiental**. Cuiabá, 2003, 21p. Trabalho (Curso de formação de monitores Ambientais) UF. Universidade Federal de Mato Grosso.

DEMO, Pedro. **Participação é Conquista**. São Paulo: Cortez, 2000, 176 p.

DERDYK, Edith. **O desenho da Figura Humana: pensamento e Ação no Magistério**: 2. ed. São Paulo: Scipione, 2003, 174p.

DOHME, Vânia. **Atividades Lúdicas na Educação: o caminho de tijolos amarelos na aprendizagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, 182 p.

DUARTE JUNOR, João Francisco. **Por que Arte – Educação**. 6.ed., São Paulo: Papyrus, 1991.

FARIAS, Chico. **A arte de ser ator**. Revista Rio. Disponível em <http://www.revista.com/atorinvisivel.htm> Acesso em: 4 de dez. 2002.

FERREIRA, Sueli (Org.). **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. São Paulo: Papyrus, 2001, 224p.

FORQUIM, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993, 205p.

FREIRE, Paulo. **Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1995, 144p.

_____. **Pedagogia da indignação cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 1997, 134 p.

_____. **Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 245 p.

_____. **Educação e política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997. Coleção Questões da Nossa Época, v. 23, 119 p.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1987, 184 p.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez; 1999. Coleção Questões de Nossa época, v. 7, 120 p.

_____. **Movimentos Sociais e a luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991, 190 p.

GOMES, Icleia Rodrigues de Lima e. **A escola como espaço de prazer**. São Paulo: Summus, 2000, 253p.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001, 2922p.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, 248 p.

LUDKE, M.; André, M. E. D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, 99 p.

MALDONADO, C. A R. et alli. **Gestão Democrática uma proposta para Cuiabá**. Edições Aguapé. Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso / FESMAT e Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá. 1993.

MAFFESOLI, Michael. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002, 232p.

NACHANOVITCH, Stephen. **Ser Criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. São Paulo. Summus, 1993, 186 p.

OIDA, Yoshi. **O Ator Invisível**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, 175 p.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. 13. ed., Rio de Janeiro: Campus, 1983, 358 p.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da Escola Pública**. 3.ed., São Paulo: Xamã, 2000, 335 p.

_____. **Gestão Democrática na Escola Pública**. São Paulo: Ática, 1997, 119 p.

PASSOS, L. A.; SATO, Michele. “O currículo nas sendas da fenomenologia merleceupontyana”. Organizado por: Sanvé, L. Orellana, I. Sato, M. Les Publications ERE-UQAM. **Chaire de recherche da Canada em éducation relative à l'en vi ranmoment**, 2002, V. Tomea, p. 129-136.

PINHO, Jorge. **O Grupo Fuzuê**, 2002. 3 fot.; color.; 10X15.

PINTO, Zivaldo Alves. **FLICTS**. São Paulo: Melhoramentos, 1986, 47p.

RICHTER, Sandra. **Criança e Pintura: ação e paixão do conhecer**. Porto Alegre: Mediação, 2004, 136 p.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro. 3. ed, Achimé, 1983, 173p.

ROUBINE, Jean Jacques. **A Arte do Ator**. Trad. de Yan Michalski e Rosyane Trotta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 98 p.

SATO, Micheli; PASSOS, Luiz Augusto; ANJOS, Alexandre dos et al. Jogo de Luzes: Sombras e Cores de uma Pesquisa em Educação Ambiental. Revista de Educação Pública. Cuiabá. n. 1, p.31 -54, jan-ju. 2004.

SAVRÁNSI, I. **A Cultura e as suas funções**. Trad. De Sampaio Marinho. URSS: Progresso, 1986, 325 p.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CUIABÁ. **Escola Sarã**. Um novo contexto político pedagógico para as escolas da rede municipal de ensino de Cuiabá. 2000, 217 p.

_____. **Instrução Normativa**. Nº 007/2001/SME. Cuiabá, 2001, 14 p.

_____. **Instrução Normativa**. 006/99, 72 p.

SIQUEIRA, Débora. Transporte coletivo vira motivo de reclamação. **Jornal A Gazeta**. Cuiabá, 24 set., 2003, p. 7.

SILVA, Ivonete Monteiro dos Reis. As atividades Culturais. 2202 a 2004. 11 fot.; color.; 10X15

SILVA, Marluce Souza. (Org) **Gerer(ando)** na UFMT. Cuiabá.Adfumat, 2001, 178. p.

SNYDERS, Georges. **A Escola pode ensinar as alegrias da música?** Trad. Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 1997, 175 p.

_____. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Trad. Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, 204 p.

_____. **Alegria na Escola**. Rio de Janeiro: Manole Ltda, 1988, 350p.

SOUZA, João Bosco de Almeida. Grileiros acusam o comércio de lotes em terreno invadido. **Jornal A Gazeta**. Cuiabá, 26 jun., 1998, p.5.

SCHERER-WARREN.I. **Cidadania sem fronteiras – ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999, 94 p.

TENÓRIO, F. G. (Org.). **Avaliação dos projetos comunitários: abordagem prática**. São Paulo: Loyola, 1995, 85 p.

THURLER, Mônica Galter. Trad. Jeni Wolf. **Inovar no interior da Escola**. Porto Alegre: ARTMED, 2001, 216 p.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)